



# NO CORAÇÃO DO MUNDO



caminhada das religiosas  
do *SCM* inseridas no meio popular  
província brasileira



# NO CORAÇÃO DO MUNDO

caminhada das religiosas  
do *SCM* inseridas no meio popular  
província brasileira

# NO CORAÇÃO DO MUNDO

camíadas das religiosas  
do 25M inseridas no meio popular  
provincia brasileira

## SUMÁRIO

Apresentação .....	5
Introdução .....	7

### I – Os sulcos da Caminhada

1. A Igreja do Vaticano II .....	11
2. Resposta da Congregação .....	12
3. Primeiras opções .....	13
4. Desafio do momento histórico .....	15
5. Aprendizado das Irmãs .....	15
6. Novos apelos .....	17
7. Momento de conflito .....	19
8. Formação na inserção .....	25
9. Contradições na Caminhada .....	27
10. Presença da RSCM no Coração do Mundo .....	28
11. Sistematização da Missão das RSCM Inseridas no Meio Popular .....	29
12. O trabalho continua .....	33
13. Relatando a vida emerge a Espiritualidade da RSCM .....	34
14. Critérios de discernimento para a inserção e sua Avaliação .....	38
15. "Rosto" da RSCM Inserida no Meio Popular .....	40

### II – Relembrando a História

1. Tiradentes – Minas Gerais .....	43
2. Mendes – Rio de Janeiro .....	46
3. Santanésia – Rio de Janeiro .....	47
4. Barra do Piraí – Rio de Janeiro .....	50
5. Volta Redonda – Rio de Janeiro .....	51
6. Cariacica – Espírito Santo .....	53
7. Vale do Jatobá – BH – Minas Gerais .....	54
8. Ubá – Bairro S. João – Minas Gerais .....	58
9. Porto de Santana – Espírito Santo .....	61

10. Osasco – São Paulo .....	62
11. Vitória – Forte S. João – Espírito Santo .....	64
12. Santa Terezinha de Goiás – Goiás .....	66
13. Coimbra – Minas Gerais .....	70
14. Santa Maria Madalena – Rio de Janeiro .....	71
15. Pindobaçu/Filadélfia – Bahia .....	73
16. Bayeux/Rio do Meio/Mutirão – Paraíba .....	77
17. Carapina – Serra – Espírito Santo .....	81
18. Rio de Janeiro – Braz de Pina – Rj .....	84
19. Ubá – Bairro Primavera – Minas Gerais .....	87
20. Barro Alto – Goiás .....	89
21. Belo Horizonte – Bairro Independência – MG .....	92
22. Belo Horizonte – Barreiro de Cima – MG .....	94
23. Goiânia – Goiás .....	95
24. Estudo/pesquisa – Novas fundações .....	99

SEM CONCLUSÃO .....	103
Anexo 1 .....	105
Anexo 2 .....	106
Anexo 3 .....	108
Anexo 4 .....	109
Anexo 5 .....	111
Anexo 6 .....	112

17. Sistematização do Modelo das RSCM inseridas no Meio Popular .....	32
15. O relatório continua .....	33
13. Relatório e vés o sempre a Especificidade da RSCM .....	34
14. Critérios de discernimento para a inserção e sua Avaliação .....	38
12. História da RSCM inserida no Meio Popular .....	40

II – Relatório e História

1. Iniciais – Minas Gerais .....	43
2. Minas – Rio de Janeiro .....	46
3. Santa Rosa – Rio de Janeiro .....	47
4. Barra do Piraí – Rio de Janeiro .....	50
5. Vália Redonda – Rio de Janeiro .....	51
6. Carmo – Espírito Santo .....	52
7. Vale do Jequitinhonha – BH – Minas Gerais .....	54
8. São João – Minas Gerais .....	58
9. Povo do Saneamento – Espírito Santo .....	61

## APRESENTAÇÃO

*Este trabalho das Irmãs do Sagrado Coração de Maria da Província Brasileira, inseridas no meio popular, resultado da caminhada de vinte e três anos, chega em nossas mãos num momento oportuno. Ele nos ajuda a refletir sobre as diversas maneiras que existem de vivenciar a fé. Uns vivenciam o religioso mais intimistamente. Outros transcendem as portas do templo e mergulham no universo da vida. Ali põem-se a serviço da vida, em defesa dos ameaçados, para despertar os hibernados. Põem-se também em confronto com os que negam o direito à vida, ficando do lado dos oprimidos, contra os opressores. É uma opção de classe. Isto está de acordo com Aquele que veio "PARA QUE TODOS TENHAM A VIDA EM PLENITUDE".*

*Assim, a inserção ressalta a dimensão religiosa e a dimensão política. Ela tem uma dimensão educativa. Parte do princípio de que a construção do Reino não é feita individualmente, mas em conjunto, contribuindo para a organização dos oprimidos e para a sua capacitação para a caminhada. Tem também uma dimensão cultural, onde se confere um profundo respeito aos valores vivenciados pela população. E tem ainda a dimensão de gratuidade. Põe a vida a serviço, mas com o sustento do próprio trabalho. A inserção se dá sem a busca de ganhos financeiros, sem a preocupação de conquistar espaços político-partidários e sem a procura de cargos institucionais, seja na Igreja, seja na Congregação ou na sociedade.*

*É belo o "Rosto" das Irmãs inseridas visto pelos grupos com quem elas trabalham nas mais diversas Comunidades. Mesmo que algumas rugas sejam percebidas, a nosso ver elas ficam minimizadas no contraste entre uma sociedade fundada na ganância e mercantilização de quase tudo e, de outro lado, a gratuidade da dedicação em defesa da vida.*

*A inserção passa quase despercebida. Mas dela, certamente, surgem contribuições para a constituição do novo na Congregação, na Igreja e na sociedade.*

Dilvo Peruzzo  
Vitória, maio de 1990

*Com alegria aceitamos o convite de fazer uma pequena apresentação deste texto, que descreve a caminhada das Irmãs da Congregação do Sagrado Coração de Maria, inseridas no meio popular. Estas mulheres tiveram a iniciativa de fazer nos últimos anos o que chamaram "A GRANDE REVISÃO". Não tanto para enaltecer o passado, mas para descobrir perspectivas para o futuro e chegar à "Sistematização" da Missão das RSCM Inseridas no Meio Popular.*

*As Irmãs do SCM souberam fazer história. Como as mulheres corajosas da Bíblia fizeram um verdadeiro êxodo, largando colégios e grandes obras, estruturas pesadas e seguranças falsas e foram ao encontro do povo, buscando com fidelidade corresponder aos "SINAIS DOS TEMPOS", sendo sinal da grande NOVIDADE do REINO DE DEUS.*

*Nesta caminhada deram ênfase e destaque a alguns valores que não são somente do passado, mas também desafios para o futuro: solidariedade entre as Irmãs inseridas, mas também com as outras, que ainda não foram capazes de fazer uma opção clara pelo povo; inserção na Igreja local como presença evangélica; um caminhar junto com a CRB e, sobretudo, com as Irmãs e Irmãos de outras congregações, que tentam fazer a mesma caminhada.*

*Desejamos que este texto seja um estímulo para as Irmãs do SCM para continuar a sua caminhada junto com os pobres e pequenos, numa busca constante do Reino de Deus. Esperamos que a iniciativa destas Irmãs leve os outros inseridos neste Brasil afora a valorizar mais a história, porque, como se diz, a HISTÓRIA é PERIGOSA.*

**Frei Eduardo Metz**  
**Belo Horizonte, maio de 1990**

## INTRODUÇÃO

### ABRINDO CAMINHOS...

"Galileus, que fazem aí parados, olhando para o céu?"  
(At. 1,11)

*Diante do perigo de estarmos olhando para o céu, com uma nostalgia paralizante, nós RSCM fomos convidadas a olhar para a terra, cheia de problemas, e para o futuro onde Deus vai se manifestando.*

*E o caminho se foi fazendo, numa caminhada bem longa: 23 anos!*

*Em 1967, algumas de nós RSCM, dentro da caminhada da Igreja que, fiel ao Evangelho voltava para os pobres, começamos a experiência de formar "Fraternidades" em localidades do interior, numa maior aproximação e compromisso com o povo.*

*No início de 1988, a Comissão de Animação Pastoral da Província, formada pelas Irmãs Ana Helena Andreão, Maria José Teixeira, Amiris Vasques e Rita Daher, que foi substituída por Maria dos Anjos Marquês no 2º Semestre em 1989, iniciou o trabalho de "Sistematização da Missão das RSCM Inseridas no Meio Popular".*

*Este trabalho de sistematização foi longo e bem organizado. Logo no início traçou-se uma programação que se procurou observar fielmente. O ponto de partida foi um questionário enviado às nove comunidades das RSCM inseridas no Meio Popular para ser trabalhado especialmente com o povo das nossas Comunidades. Estudaram e responderam o questionário 73 grupos, num total de 728 pessoas. (Anexo 1)*

*Nestes dois anos do Processo da Sistematização realizaram-se inúmeras reuniões da Comissão e Grupos de Trabalho (GTs) e das comunidades; aconteceram Assembléias Regionais e Encontrões onde rezávamos, refletíamos, celebrávamos. Todo este dinamismo vi-*

sava fortificar os laços entre as comunidades inseridas, confrontar nossas experiências, relembrar a história da nossa caminhada, levantar critérios para a inserção e, sobretudo, delinear nosso ROSTO de RSCM Inseridas no Meio Popular, num confronto do nosso carisma com o que o povo vê em nós e espera de nós.

"Sendo Religiosas, pertenceis ao Coração do Mundo" dizia o Padre Gailhac. Assim acreditamos que nós RSCM estamos sendo fiéis à nossa herança, aos apelos da Igreja, partilhando do profundo amor de Jean Gailhac pelos pobres. (cf. Const. 8)

Neste ano de 1990, celebrando os 100 anos de morte do Pe. Jean Antônio Gailhac, fundador da nossa Congregação, queremos que a retomada da nossa História de RSCM lhe seja uma homenagem muito carinhosa e filial.

*Este pequeno trabalho consta de duas partes:*

*I – Os sulcos da Caminhada – relembra a força que veio do Espírito, da Igreja, da Congregação e da realidade, impulsionando as mudanças, corrigindo falhas, encontrando pistas para o futuro.*

*II – Relembrando a História – retoma a história de cada uma das diversas comunidades das RSCM que foram nascendo no decorrer destes 23 anos. Muitas delas terminaram a sua missão e desapareceram, outras aí estão enfrentando os desafios e fazendo a História.*

*Para este trabalho foi forte a colaboração do povo das Comunidades onde nós RSCM estamos inseridas (728 pessoas!)*

*Também as Irmãs procuraram recordar os inícios e a caminhada das diferentes comunidades inseridas, fornecendo os dados e relatos necessários para este refazer da nossa História de RSCM Inseridas no Meio Popular. Sem o povo, sem as Irmãs seria impossível este trabalho!*

*Esperamos que Maria, a Virgem da Libertação, continue fazendo conosco a caminhada. Com ela – nosso modelo e guia – possamos aprender sempre mais a dar passos firmes e corajosos nestã es-*

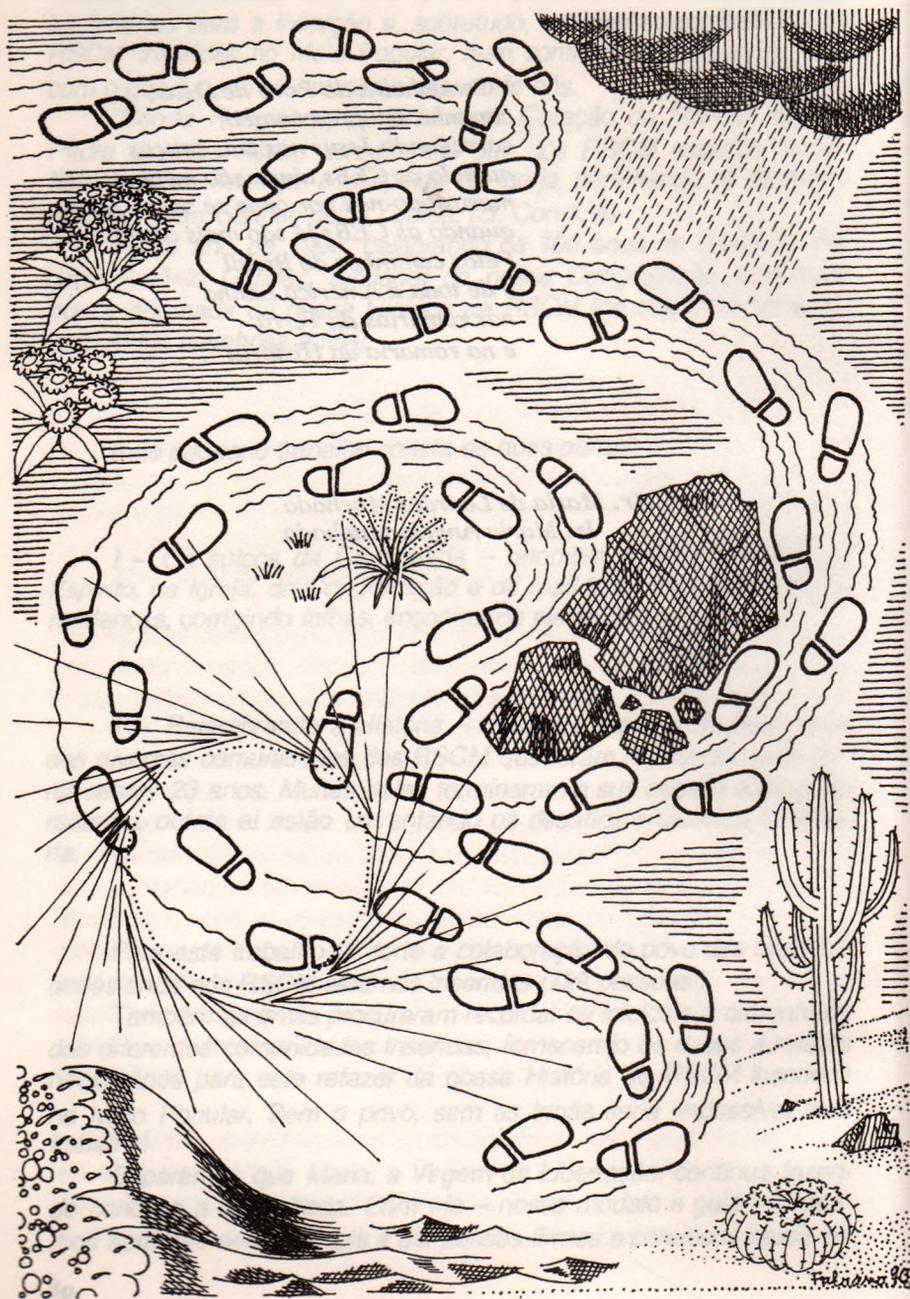
trada que queremos palmilhar com o nosso povo na construção do Reino.

E rezamos assim:

*“Caminheira do Povo de Deus,  
caminha sempre conosco;  
carregando Jesus nos teus braços  
quando as CEBs ainda são meninas;  
mostrando-nos por onde se segue Jesus  
quando as CEBs já são mais adultas.  
Pelos caminhos do Brasil  
e de toda a América Latina  
nas romarias da Terra  
e na romaria da História”.*

*Ir. Maria de Lourdes Machado  
Ir. Mariu Angela Machado*

# OS SULCOS DA CAMINHADA



## I – OS SULCOS DA CAMINHADA

*“Andai... filhos da luz!”*

(Jo. 12,35-36)

*“Caminhante, não há caminho,  
faz-se caminho, caminhando!”*

(A. Machado)

### 1. A IGREJA DO VATICANO II – Medellin/Puebla

1962! O Papa João XXIII, num gesto profético, “abriu as janelas do Vaticano”, dizendo que era preciso deixar a luz e o ar entrar e sair a poeira. Este simples gesto revolucionou as estruturas. Acontecia o Vaticano II. Muito sangue novo saiu deste momento histórico da nossa Igreja.

Do Vaticano II brotaram apelos fortes à Vida Religiosa para um novo modo de ser presença na Igreja, inserida no meio do povo – uma comunidade verdadeiramente solidária com o gênero humano e com a sua história.

Mesmo antes do Vaticano II já se sentia o despertar de uma nova era, exigindo modificações profundas na VR para que pudesse dar respostas mais adequadas àquele mundo confuso.

Os documentos conciliares, especialmente a GS começam a sacudir a consciência de todas as Instituições Religiosas que até então se mantinham comprometidas com os “sinais” que a sociedade burguesa lhes apresentava como prioridades. A partir da iluminação do Concílio, nasceu o interesse por uma análise da situação econômica e estrutural da sociedade. Procurava-se descobrir as raízes deste desequilíbrio e identificar os verdadeiros responsáveis. Surgiu uma nova visão do mundo e da sociedade.

O espírito do Vaticano II tinha de encarnar-se no continente Latino-Americano, de acordo com a sua realidade sócio-econômico-religiosa. E Medellin (1968) é o grande acontecimento! O Episcopado Latino-Americano faz determinadas considerações que revolucionam as congregações religiosas e outras instituições, proclamando a

missão profética dos religiosos, que devem encarnar-se com maior audácia no mundo real.

A influência de Medellín é determinante para a VR na A.L.

Em 1979, em Puebla, reafirmam-se as decisões de Medellín e se dá um passo mais decisivo na história da Igreja, que reconhece a urgência de um compromisso mais explícito e radical no meio dos pobres – é a opção preferencial pelos pobres, que chama a atenção do mundo e gera muitos conflitos. A forma de viver a vida religiosa muda: em vez de viver para o povo, Puebla abre uma nova metodologia: viver com o povo (734), para juntos se fazer o caminho da libertação.

A Teologia da Libertação já começa a traçar o perfil deste novo modo de viver Jesus Cristo, de ligar Fé e Vida, de celebrar os acontecimentos dentro da realidade cultural de cada povo. Também surge uma nova leitura da Bíblia a partir do oprimido: “olho na Bíblia e pé no chão”.

## 2. RESPOSTA DA CONGREGAÇÃO

O Concílio Vaticano II, Medellín, Puebla, os apelos da Igreja da AL e do Brasil, que nos mostravam a realidade do mundo e o grito do povo são sementes lançadas no terreno propício à renovação do Instituto/Província.

Um novo modo de VR se torna cada vez mais urgente.

Ir. Rita Rowley (1960-1963) superiora geral da Congregação, com grande abertura já havia iniciado modificações na vida das RS-CM.

Ir. Margarida Maria Gonçalves (1963-1975) dá continuidade ao trabalho de abertura. Promove uma reunião, em Roma, para as responsáveis pela Formação em todas as Províncias (1967) e convoca o Capítulo Geral Extraordinário de Renovação (1968-1969) com longa preparação e ampla participação.

No Brasil é provincial Ir. Maria de Lourdes Machado (1966-1969), que acolhe o forte sopro do Espírito com exigências de novas formas de vida religiosa, novas respostas a apelos tão veementes do povo que sofre.

A Congregação assume com coragem este momento histórico. Vivendo grandes tensões, lutas, dificuldades, a Província não tem medo de se deixar guiar pelo Espírito que sopra.

### 3. PRIMEIRAS OPÇÕES

Aparecem, timidamente, as primeiras comunidades pequenas chamadas "Fraternidades".

É um risco, é uma aventura! É uma resposta à Igreja do Brasil e aos apelos da sociedade.

Assim nasce uma comunidade na histórica cidade mineira de Tiradentes, em 1967 e, no mesmo ano, a segunda comunidade em Mendes, pequena cidade do interior do Estado do Rio de Janeiro.

Este novo modo de vida comunitária muda a relação entre as pessoas. As Irmãs são chamadas a uma vida de maior contacto com o povo, procurando viver do próprio salário e com maior simplicidade. É um desafio! As Irmãs têm o preparo profissional somente para atuar em escolas. Às vezes só lhes oferecem outros trabalhos que exigem delas muito aprendizado o que dificulta a realização dos mesmos. Por outro lado, algumas já não são novas para ingressar em determinados empregos.

As obras, até então uma forma consagrada de presença do religioso no mundo começam a ser avaliadas, questionadas, redimensionadas conforme as exigências desta nova Igreja. Tudo isto se faz com luta, nos conflitos, nas dificuldades.

O ano de 1968 tem para o Instituto e para a Igreja da AL uma importância vital: a realização do Capítulo Geral Extraordinário e a Conferência de Medellín. É uma exigência da Igreja pós-Vaticano II a renovação dos Institutos e a adaptação à Igreja Latino-Americana.

A preparação para este Capítulo, solicitando de todas as Irmãs uma avaliação e sugestões faz aparecer mais pistas para um novo tipo de VR.

E mais duas comunidades são criadas no ano de 1968: Santanésia, no Estado do Rio e Cariacica no Espírito Santo. Cada uma na sua especificidade procura ser uma verdadeira fraternidade. Cariacica termina sua missão em 1969.

As dificuldades são grandes, pois é difícil a transição da vida de um grande convento, num ministério único, com estrutura rígida, para um grupo tão pequeno, sem muitas estruturas, em contacto com o povo, numa pequena cidade, vivendo do próprio salário.

Sendo provincial Ir. Stella Pessoa (1969-1972), realiza-se em Mendes, Estado do Rio, em dezembro de 1969, o primeiro Encontro das Fraternidades. O grupo chega a boas conclusões práticas, como:

- As Fraternidades informarem às comunidades, por uma carta,

o tipo de pessoa de que necessitam para determinado trabalho ou para a vida comunitária;

- Aproveitar a ocasião do Capítulo Provincial para relatar a vida e o trabalho das Fraternidades;
- Fazer o relatório de cada Fraternidade com a Comissão de Planejamento, na época do Treinamento;
- Possibilitar um encontro com as religiosas que querem fazer experiência em Fraternidades;
- Aceitar a sugestão de se receber religiosas que quiserem passar férias nas Fraternidades.

Os desafios crescem, o aprendizado nas Fraternidades é doloroso, sobretudo pela diferença de mentalidades e maiores exigências no relacionamento. Algumas Irmãs se fortalecem na luta, outras desistem do novo estilo de vida religiosa, outras se secularizam. E sofrem a parte mais dolorosa: as críticas contínuas de outras religiosas que se sentem abandonadas, sofredas, arcando com o peso das obras.

Neste momento firmam-se as posições, fortalecem-se as opções, aumentam as convicções. E graças às que não sucumbiram na luta a caminhada continuou e continua.

Devemos lembrar com justiça o importante papel desempenhado pela Igreja de Vitória, Espírito Santo, neste despertar das religiosas para o mundo do pobre. Por volta de 1967/1968 a Arquidiocese de Vitória promove Missão de Férias no interior do Espírito Santo com religiosas de diversas congregações. Muitas das nossas Irmãs de Vitória são perseverantes nesta experiência e dão continuidade ao trabalho de evangelização no interior, lá passando fins de semana, dando assistência ao povo.

É importante destacar o nome de Ir. Jacinta Souza Lima (Antonietinha), de saudosa memória, que pode ser considerada pioneira na nossa Província pela sua presença, carinho e dedicação no trabalho com o povo pobre em Ataíde e em Vitória. A gratidão do povo de Vitória se manifestou de diversos modos, sobretudo dando o nome de Ir. Jacinta a uma escola do morro Romão em Vitória. Sua simplicidade, seu trabalho escondido, silencioso e tenaz permanecem como incentivo a todas que estão na inserção.

#### **4. DESAFIO DO MOMENTO HISTÓRICO**

Os anos de 1968-1969 são de dura repressão para o Brasil. Vive-se num clima de tensão e a sociedade, de maneira crescente, vai se conscientizando dos mecanismos de opressão que dividem as pessoas e fortalecem as estruturas classistas e capitalistas.

A Congregação vai procurando o seu lugar na história e no coração da parte sofrida e espoliada da humanidade.

Algumas Irmãs, sensíveis a estes apelos, percebem que não é suficiente viver em pequenas comunidades, querem viver de forma mais radical o seu compromisso de contribuir para a transformação destas situações de pecado e vão inserir-se no meio do povo, assumindo mais seus problemas, desafios e riscos.

Desta forma, a partir mais dos fortes anseios das Irmãs, nasce a Comunidade do Vale do Jatobá, Belo Horizonte, um conjunto habitacional novo, sem infra-estrutura, trazendo desafios à coragem das quatro Irmãs, que se prepararam muito bem para enfrentar o novo. E vencem! Foi no início de 1969.

#### **5. APRENDIZADO DAS IRMÃS**

Um novo jeito de ser Igreja ganha confiança do Episcopado e assim as CEBs passam a ser o lugar onde se cultivam os sonhos e se preparam as transformações sociais.

Em fins de 1972, após servir o Instituto durante três anos no Conselho Geral, volta ao Brasil Ir. Maria de Lourdes Machado (1972-1975). Formando com as Irmãs Stella Pessoa e Maria José Caldas a equipe de coordenação provincial, o novo governo continua a estimular a inserção das Irmãs.

E as Religiosas do Sagrado Coração de Maria vão cada vez mais entrando na CEBs!

Sensível à situação do povo oprimido e num grande desejo de morder a realidade, preparando-se para maior solidariedade com o povo, a Comissão Social, apoiada pelo Conselho Provincial organiza uma "Missão de Férias" em janeiro de 1974, em Campo Grande, Espírito Santo.

A preparação é séria e ocupa três momentos: preparação remota e próxima. Envolve membros do governo, grande número de Irmãs que, pela primeira vez, passam vinte dias numa casa de família da periferia, trabalhando com o povo, convivendo com ele, assumindo

suas alegrias e sofrimentos. É uma experiência enriquecedora! As Irmãs aprendem muito e dão muito.

Na avaliação efetuada com os Bispos e sacerdotes que acompanharam a Missão de Férias, são apontados os pontos fortes desta iniciativa. Lemos no SIDAV – Serviço de Informação e Documentação da Arquidiocese de Vitória – fevereiro de 1974: “As Irmãs do SCM (mais de 30) encerravam uma dura “Missão” pelos vários núcleos de Campo Grande e traziam na alma a realidade amarga, a experiência vivida diretamente, duramente, nos morros e favelas. Resultado: uma vontade grande de ajudar aquela gente a se promover, libertar-se e crescer. Resultado ainda: um questionamento muito forte do “nosso estilo e padrão de vida”, em confronto com o rude mourejar das massas. Afinal a salvação já existe operante na humildade dos barracos, no terreno fértil dos pobres. E uma Igreja muito povo discretamente cresce na periferia. E a gente cá do centro fica interpelado, confundido, quase com inveja. Nos olhos das freiras, um brilho de entusiasmo e encantamento!”

A partir desta Missão algumas Irmãs continuam dando assistência periódica às Comunidades de Campo Grande. Logo depois, três Irmãs já se instalam numa pequena casa em Porto de Santana, Cariacica, Espírito Santo. E que dureza de vida! Todas trabalham fora e assumem seriamente a vida radical pela qual optaram. Lá permanecem cinco anos: o povo se organiza, a CEB se firma, a caminhada continua.

No mesmo ano de 1974, vencendo os preconceitos de uma cidade mineira do interior, três Irmãs lutam corajosamente pelo projeto de viver no Morro S. João (uma verdadeira casa de favela!). Para lá se mudam do colégio onde residiam e com elas uma jovem candidata à vida religiosa. Quantas transformações realizaram nesta periferia de Ubá durante os seis anos que aí viveram!

Em abril de 1974, o grupo de religiosas que trabalhavam fora das escolas se reúne em Belo Horizonte para traçar critérios para a evangelização. Eis as conclusões:

- Conhecer e acompanhar, criticamente:
  - a) a realidade brasileira
  - b) a marcha da Igreja
- Conhecer estilo, planejamento, prioridade da Igreja local. Participação na Pastoral.
- Seleção de áreas prioritárias – locais onde haja possibilidade de se fazer Igreja nova.
- Acompanhamento da ação pastoral do grupo pela Equipe Provincial e Comissões assessoras.

- Revisão constante, em termos de conteúdo, métodos, sistemas eclesiais de que estamos participando.
- Objetivos de nossa ação pastoral:
  - a) fazer crescer a fé libertadora, através da vivência, anúncio, pedagogia libertadora.
  - b) fazer surgir Igreja na provisoriidade de nossa permanência na missão.
  - c) ajudar o povo a “superar” (purificar e aprofundar) a sua religiosidade.
  - d) suscitar compromisso efetivo no processo de libertação.
- Condições exigidas para o grupo apostólico funcionar bem:
  - a) pensamento, linguagem, objetivos comuns
  - b) para isto: opção, após preparação-estágio
  - c) abertura ao Espírito (oração), abertura ao próprio grupo, deixando-se questionar, aceitando oportunidades de participar de encontros etc.

A espiritualidade vai assim assumindo um novo modo de ser vida. A fé não se separa da vida. Cultivam-se os valores do Reino de Deus nos conflitos que a vida dos pobres nos apresenta. Reza-se no meio do ruído da vida do povo.

Muitas buscas se fazem. Em Osasco, São Paulo, quatro Irmãs se inserem na Vila Yolanda, em 1974, trabalhando estreitamente com os religiosos da MOPP e sentindo-se convocadas por uma força interior a viver neste local bem desafiador.

Esta experiência vai mais numa linha de conscientização política das próprias Irmãs e num aprendizado de correr o risco neste momento político do país. Os religiosos da MOPP planejavam, rezavam, celebravam com as Irmãs e acompanhavam o trabalho do grupo. Nossa missão aqui terminou no 2º semestre de 1975.

Numa tentativa de outro tipo de experiência, em 1975, no Morro da Ilha de Vitória, ES – Forte São João – uma comunidade com duas RSCM, uma Irmã, Serva do Espírito Santo e uma leiga vivem a novidade de uma vida intercongregacional. Dura pouco tempo, mas foi uma experiência que deixou frutos.

## 6. NOVOS APELOS

Em julho/agosto de 1975, realiza-se o Capítulo Geral profético da Congregação. É aprovado um documento interpelador: “Missão. Apelo à Justiça”. Ir. Maria de Lourdes Machado é eleita Superiora Ge-

ral da Congregação (1975-1980), assumindo a responsabilidade de levar o Instituto a vivenciar este apelo.

No Brasil, Irmã Maria José Caldas é nomeada Provincial (1975-1981).

Em março de 1976, sob a coordenação do Setor Social da Província é realizada uma reunião das RSCM inseridas no meio popular, no Rio de Janeiro, tendo por objetivo:

- troca de experiências
- visão geral do trabalho social da Província
- reflexão sobre educação libertadora e formação de CEBs

É justo recordar aqui o nome da Irmã Maria Ramos, que fazia parte do Setor Social. Seu trabalho persistente, sua presença suave em Mendes e na periferia de S. Paulo são sempre lembrados pelas pessoas e servem de forte estímulo para as RSCM inseridas, que a conheceram.

No ano seguinte, fevereiro de 1977, as Irmãs se reúnem para:

- estudo de documentos da Igreja
- estudo das "Diretrizes Gerais da Ação Pastoral da Igreja do Brasil".

No Conselho Geral Ampliado de 1977, todas as Províncias do Instituto são convocadas a enviar um grupo de Irmãs para uma área pobre, para aí viverem com o povo, numa atitude concreta de inserção, no meio dos empobrecidos.

Surge, então, a Comunidade de Santa Terezinha de Goiás, indo para lá quatro Irmãs em 1978. Quanta aventura nesta descoberta do Centro-Oeste! Quantos problemas: dificuldades de acesso, clima duro, isolamento. Os desafios crescem sempre! Após 12 anos, em 1990 as Irmãs deixam esta missão.

Todo trabalho missionário necessita de uma revisão contínua, de uma atualização constante. Por isso as Irmãs inseridas organizam um Encontro em fevereiro de 1978, no Rio de Janeiro. A programação foi a seguinte:

1º dia:

- Coleta de dados sobre a marcha da Igreja no Brasil, baseada em experiências pessoais.

2º dia:

- Situação histórica da Igreja na América Latina e no Brasil, apresentada por uma equipe de leigos do Porto de Santana.
- CEBs: nascimento e processo de crescimento
- Pedagogia Bíblica.

3º dia:

- Visão sociológica da Igreja:
  - quem é aquele homem com quem trabalhamos?
  - modelo sócio-econômico brasileiro em que vivemos
  - sugestões de “pesquisas de Comunidade”
  - depoimentos

4º dia:

- Catequese no Brasil:
  - dificuldades
  - possibilidades
  - conteúdo da Mensagem
  - orientações pedagógico-didáticas.

Também no mesmo ano de 1978 é constituída a Comunidade de Coimbra, Minas Gerais. Durante quatro anos lá atuam as Irmãs e deixam muitos frutos.

Neste momento aparece a grande preocupação de integração de vida: oração-ação. Em Santa Maria Madalena, Estado do Rio, se inicia uma comunidade que tem uma forte tônica de oração aliada ao trabalho com o povo. No início são duas as Irmãs que sentem intensamente este apelo. Esta “Comunidade orante para a Missão” termina em 1987.

A Província toda vive neste período uma avaliação da sua atividade missionária. O trabalho foi assessorado pelos Padres João Batista Libânio, SJ e Agostinho Castejon, SJ, que elaboram um questionário para avaliar o trabalho que realizam as Irmãs inseridas. É um momento muito rico de confrontos, de revisão da vida apostólica das RSCM.

## 7. MOMENTO DE CONFLITO

Muitos conflitos ideológicos aparecem entre as RSCM. Percebe-se uma forte crise devido à posição de Puebla em relação ao empobrecido. O medo, a insegurança, muitas vezes tomam conta de algumas religiosas que se sentem ameaçadas nas suas certezas com o novo discurso sobre pobres e justiça.

Também Puebla mostra a realidade do pecado social. Conviver tranqüilamente com este pecado sem analisar a nossa parcela de responsabilidade, seria o mesmo que negar as propostas do Reino, proclamadas por Jesus Cristo no Sermão da Montanha. Reconhecer a presença deste pecado social no meio de nós gera muitas tensões.

O processo é assumido com dor, mas as Irmãs inseridas não ficam fora do processo e vão procurando o seu verdadeiro lugar na história.

Neste tempo todo o Instituto participou de um verdadeiro mutirão para elaborar o texto das novas Constituições. É um grande esforço para que as Constituições venham ensopadas do espírito do Vaticano II, Medellín e Puebla.

Em janeiro de 1978 é organizada uma "Missão de Férias" em Pindobaçu, Bahia. Dela participam 22 pessoas, religiosas e leigas. É importante notar que a Província antes de abrir oficialmente a Comunidade de Pindobaçu assume a realização desta Missão de Férias, que dá tão bons frutos. Esta Missão é inspirada por Ir. Fernanda Pontini, que se achava em experiência missionária naquela diocese há um ano.

No ano de 1979 e início de 1980, três novas comunidades inseridas se formam, mais a partir de opções pessoais e apelos de dioceses do que por iniciativa do governo provincial: Pindobaçu-Bahia, Bayeux-Paraíba e Carapina-Serra E. Santo. É um avanço na inserção e na conscientização das Irmãs.

As três comunidades ficam em áreas de fronteira: sertão da Bahia, periferia de João Pessoa e periferia da Grande Vitória. Têm características novas de grande comprometimento com as lutas do povo, com o homem do campo e com a classe operária. A Comunidade de Bayeux termina sua missão no final de 1987.

Vêm outros apelos. Muitas crianças abandonadas suscitam a criação da Creche de Braz de Pina, Rio de Janeiro, em 1980. No início está lá só uma Irmã mas, quatro anos depois, uma comunidade se constitui para atender crianças e pais favelados nesta área tão abandonada do Rio de Janeiro.

No mesmo ano, em Ubá, outro grupo de Irmãs vai residir na periferia, no Bairro Primavera. As Irmãs tentam organizar o povo e ser presença de Igreja no bairro. O grupo se retira em 1981.

Ainda em agosto de 1980 são aprovadas as Constituições, no Capítulo Geral. Estas apresentam propostas desafiantes, que dão apoio às Irmãs inseridas, convocando ao mesmo tempo todas as religiosas a trabalharem na "ótica do pobre". Durante este Capítulo Ir. Mary Milligan é eleita superiora geral (1980-1985).

O Centro-Oeste convida as Irmãs a uma nova inserção e, em 1981, começa a Comunidade de Barro Alto - Goiás. É outra comunidade de tipo rural, que depara com muitos desafios e esperanças.

Em outubro, Ir. Maria Angela Machado assume o governo provincial (1981-1987).

A experiência da Missão de Férias na Bahia tendo sido muito boa provoca a realização de outra Missão na mesma região. É muito bem organizada pelas Irmãs da Comunidade de Pindobaçu com o pároco, a preparação aí feita. Os resultados são muito positivos.

A Comissão para a Missão, procurando atender os desejos das Irmãs, organiza um Curso de uma semana (julho de 1982), para toda a Província: "Educação para a Fraternidade". São três os assessores: Pedro Ribeiro de Oliveira, sociólogo, Padre Paulo Engler, SJ e Domingos Corsione.

As Irmãs se organizam em mini-plenários para aprofundamento dos temas referentes aos respectivos campos de ação: inserção e Escola. A partir deste curso, as Irmãs inseridas tiram boas pistas para o seu trabalho:

- Entrar na caminhada do povo
- Não se acovardar diante do medo: saber lidar com ele
- Coesão das Irmãs: importância, força
- Linguagem comum
- Conhecimento da realidade
- Agir, mas confiando em Deus
- Saber ouvir Deus e o povo
- Ter objetivos claros
- Espiritualidade nova
- Da luta é que nasce vida nova
- Ter espaço para acolhermos experiências e realidades diferentes
- A realidade e os acontecimentos nos educam
- Não ter respostas prontas e aproveitar as experiências passadas para continuar o trabalho
- Não ter posição fixa: ser proprietárias
- Não só nós sabemos, os outros também sabem
- Consultar a Bíblia e as Constituições.

A Comunidade de Barro Alto solicita uma "Missão de Férias" e, em janeiro de 1983, esta se realiza naquela área com o objetivo de ajudar as Irmãs a iniciar o trabalho de evangelização nos povoados. É uma experiência rica para as participantes e deixou frutos junto ao povo.

Novamente as Irmãs inseridas se reúnem, em fevereiro de 1983, em Vitória, ES, com a assessoria do Padre Miguel Pipolo, OMI. Momento forte de partilha da vida de cada comunidade e de séria

análise das práticas pastorais. O grupo chega a pistas de ação muito pertinentes:

- Análise científica e constante dos fatos e das práticas pastorais, não a partir dos nossos critérios. Busca das causas e raízes verdadeiras.
- Escuta do que o povo manifesta para chegarmos a intuir o que ele é e articular os valores que ele tem.
- Sermos Igreja-Serviço e não executores de tarefas.
- Formação dos animadores a partir da realidade deles, sem levá-los à elitização.
- Posicionamento definido e claro face à nossa opção pelos pobres, rompendo com o poder.
- Compromisso de assumir a religião do povo, ajudando-o a descobrir novos valores.
- Comunidade religiosa unida, com objetivos claros na sua ação pastoral.
- Necessidade de um discernimento sobre o local onde se vê possibilidade de um trabalho de transformação.
- Descoberta da nova espiritualidade, que vai emergindo das experiências no meio popular.

Estas pistas foram avaliadas em julho de 1983 por um processo coordenado pela Comissão para a Missão.

Querendo dar continuidade ao trabalho começado, outra "Missão de Férias" se realiza em Barro Alto, em janeiro de 1984, com a participação de jovens religiosas em formação, candidatos à vida religiosa e jovens atuantes na pastoral da juventude de várias localidades. Todos voltam entusiasmados com a experiência.

No início deste mesmo ano, a Comunidade de Santanésia, depois de um sério discernimento, deixa a casa paroquial onde residia e dá um passo na radicalização da inserção, indo morar numa pequena casa alugada num bairro mais pobre em Barra do Paraí, RJ. Começam deste modo, as Irmãs, uma nova fase para a vida do grupo e do povo. Por solicitação do Bispo, que lhe apresenta outra área prioritária na diocese, esta comunidade se transfere para a periferia de Volta Redonda, no início de 1989.

Vemos assim, que a Província, com seus avanços e recuos, vai dando amplo espaço às Irmãs inseridas, que devem lutar para serem seivas a fecundar a história da Congregação na Igreja e no mundo.

Na linha do conhecimento da realidade realiza-se um novo cur-

so em Belo Horizonte com o sociólogo José de Souza Martins, em março de 1984. Mostrando a importância de um trabalho unido na Província, enfatiza-se o tema: "Em Comunidade para a Missão".

As Comunidades Inseridas levantaram as seguintes pistas:

- Criar novas formas de relação:

**A) Com Deus:**

- No anúncio da Palavra
- Na oração:
  - nova espiritualidade emergente da nossa prática, em confronto com a religião do povo
  - consciência de Deus presente na História
- Nas celebrações da vida:
  - liturgia eucarística
  - celebrações populares.

**B) Com a realidade histórica:**

- No mundo do trabalho:
  - no meio rural: migrações  
defesa da terra  
sindicatos/sindicalização  
associação  
PJMR (Past. da Juventude no Meio Rural)
  - no meio urbano: desemprego  
operários  
movimentos populares  
sindicalização  
jovens: PJ/PJMP

Análise da conjuntura sócio-econômica, passando pelo CONFLITO do consumismo, competições, lucro, acumulação.

- Na prática – Estudo das tendências e ideologias. Saber conviver com elas.
- No respeito às culturas – Conhecer e entrar nas raízes da religião do povo (gestos e expressões)

### C) Com os Irmãos:

- convertendo-se à Igreja nova: CEBs, buscando na Bíblia e na organização popular uma saída evangélico-libertadora
- formação de agentes que sejam sujeitos da história
- clareza na opção pelos pobres em nossos posicionamentos
- análise de nossa prática pastoral através de uma assessoria.
- ter em vista a serviço de que e de quem estamos trabalhando.

### Conclusões do Encontro:

1. Assumir estilo de vida mais simples
2. Abertura: – à realidade  
– à Igreja nova
3. Opção preferencial pelos pobres
4. Formação aberta, atual: Igreja e mundo – HOJE
5. Novas relações entre nós
6. Preocupações com o mundo do trabalho
7. Jovens – pastoral específica
8. Análise das práticas pastorais
9. Anúncio e interiorização da Palavra
10. Formação sócio-econômico-política
11. Formação de agentes leigos.

Em 1985, a Comissão para a Missão, vendo a importância da Educação Popular, promove um curso de orientação nesta linha. Este se realiza em Belo Horizonte em junho, com a assessoria de Cláudio Vereza Lodi e Antônio Vidal Nunes, agentes de pastoral leigos, de Vitória.

Além de muitos outros estudos, o grupo analisou o seguinte esquema para o trabalho de educação popular:

#### 1. Onde queremos chegar?

- Curto prazo: organização
- Médio prazo: mobilização
- Longo prazo: transformação

#### – Objetivos:

- Conhecimento da realidade: – Conjuntura – História  
– Estrutura
- Mapeamento
- Arquivo
- Memória

## 2. Como vamos chegar?

– Meios:

- Recursos: Humano e Material
- Mobilização: – Propaganda
  - Formação de lideranças
  - Divisão de tarefas
- Acúmulo de forças: – Favoráveis/Contrárias
- Plano: O que? Por quê? Quem?  
Quando? Onde?
- Cronograma

## 3. Como saber se chegamos?

– Avaliação:

- Plano
- Cronograma
- Crítica
- Auto-crítica

Realiza-se o Capítulo Geral de 1985. Embora as suas decisões estimulem as Irmãs à Justiça e Partilha de Bens, parece não ter trazido nenhum impacto à mudança da vida da Província. Neste Capítulo é entregue ao Governo Geral a incumbência de empreender a grande tarefa do Planejamento do Instituto. A Província entra de cheio neste trabalho de pesquisas, estudos, propostas sobre a vida e missão das Religiosas. A Superiora geral da Congregação eleita é Ir. Patrícia Connor (1985...)

## 8. FORMAÇÃO NA INSERÇÃO

A Formação é motivo de preocupação para a Província. Como criar espaços para que as vocações do meio popular se cultivem a partir de sua realidade sócio-econômico-cultural-religiosa? Como formar as jovens pretendentes à Vida Religiosa para uma vida dentro da realidade do povo?

Numa tentativa de maior aproximação do povo, a Casa de Formação se transfere para o Vale do Jatobá, periferia de Belo Horizonte, no ano de 1982. A comunidade e as jovens se engajam no trabalho pastoral no bairro, em vista da formação.

Em janeiro de 1985 prepara-se uma “Missão de Férias” no Vale

do Jatobá. Participam dela as Irmãs, postulantes e noviças e um bom número de jovens do Vale e de outras localidades. Constata-se um excelente resultado para a formação do grupo e para a penetração do trabalho de evangelização nas diversas comunidades da Paróquia de S. Dimas.

Tendo sido iniciada a experiência de uma comunidade para jovens vocacionadas, nas dependências da casa de formação, em 1985, esta se transfere, em meados do ano, para o Bairro Independência, Belo Horizonte, na mesma paróquia do Vale do Jatobá.

O local muito pobre do Independência, a casa simples favorecem a experiência da vida sofrida do povo e a formação das jovens. A comunidade se engaja plenamente na vida comunitária local. Em 1989, o grupo se transfere para o Barreiro de Cima, conservando sua finalidade de acolher as jovens vocacionadas e de estar ao lado dos empobrecidos.

Sentindo sempre a necessidade de avaliar, analisar as nossas práticas, organiza-se um ENCONTRÃO das RSCM Inseridas. Há uma preparação muito séria, sendo pedido a cada comunidade inserida para levar o relato de uma atividade da comunidade para ser analisada no Encontro. Com a assessoria de Fr. Eduardo Metz, em setembro de 1986 se realiza em Belo Horizonte, o Encontro. Eis o objetivo do encontro e as linhas prioritárias levantadas pelo grupo:

Objetivo: Analisar as nossas experiências, buscando evidenciar:

- o compromisso no processo de libertação
- o projeto de transformação social
- a explicitação de nossa espiritualidade na relação FÉ-VIDA, tendo em vista a identificação do Carisma SCM em sua inserção popular.

Linhas prioritárias:

- Os momentos decisivos de nossa caminhada (nossas experiências, nossas perspectivas de futuro) sejam decididos, assumidos, acompanhados e avaliados com a participação do grupo das Irmãs Inseridas.
- É importante para nossa prática de mulheres consagradas, conforme as nossas Constituições, favorecer e estar nas Organizações populares, CEBs e na Política, como referencial de Fé e Consciência Crítica.

- Numa linha de coerência evangélica consideramos que o processo de conversão é um fator que nos impulsiona a passar por várias etapas como:
  - ir morar com os pobres
  - ser pobres
  - entrar na luta de transformação junto com o povo
  - assumir que o próprio povo é, também ele, elemento de conversão e de transformação social.

Em 1987 vamos para a periferia de Goiânia com a finalidade de também acolher na comunidade, jovens vocacionadas e de proporcionar a experiência de inserção a jovens religiosas. Muitas são as esperanças nesta diocese que caminha com coragem.

## 9. CONTRADIÇÕES NA CAMINHADA

Esta longa caminhada das RSCM inseridas no meio popular (23 anos!) tem tido avanços e retrocessos, luzes e sombras.

Começou simplesmente, sem grandes preparações, com muitas improvisações, comportando erros e acertos, sem opções claras de algumas religiosas.

As religiosas têm que se adaptar a um estilo de vida que as expunha a uma sociedade secularizada. Têm que enfrentar o mundo do trabalho, saídas à noite, sofrendo as pressões de grupos competitivos, com valores contrários ao Evangelho. Correm o risco de serem desrespeitadas como mulheres, de ser colocada à prova a sua ingenuidade e de serem abaladas as suas convicções.

Com tudo isto a inserção vai sempre crescendo. Tem momentos arrojados, com religiosas corajosas que levantaram bandeiras avançadas. Há muita luta, muito sofrimento, muita alegria, muito desânimo e muita resistência!

As comunidades passam por períodos de purificação e algumas Irmãs tombam na caminhada e nos deixam.

A Província, em alguns momentos, se acha dividida pelas idéias. Há horas de desalento, mas também momentos fortes quando o grupo se firma, traça metas, faz planos. Nos Encontros há sempre estímulo e cresce a esperança!

A Igreja de um lado lança desafios, pede compromisso junto aos empobrecidos. Por outro lado, algumas Igrejas Particulares ou Locais barram o caminho, criam dificuldades à caminhada.

Vivemos grande parte de nossa existência de inseridas dentro do Regime de repressão. Foi um período difícil, mas se fortalecem as CEBs, consolidam-se as comunidades. Muitas Irmãs vivem o grito das "Diretas Já", participando, lutando pela democracia. Colaboram na preparação da Constituição. Lutam pela "abertura", sofrem com as lutas do povo do campo, com os "sem terra", com os sindicalistas, com as mulheres, com os operários, com os garimpeiros etc. E participam do voto para Presidente em 1989 (depois de 29 anos!)

## 10. PRESENÇA DA RSCM DO CORAÇÃO DO MUNDO

O Padre Gailhac, fundador da Congregação do Sagrado Coração de Maria, pronunciou certa vez uma palavra profética: "Sendo religiosas, pertenceis ao coração do mundo".

Esta palavra continua convocando a RSCM a refletir seriamente sobre a qualidade da sua presença no meio do povo.

Seguindo a caminhada da história, as RSCM saíram como muitas outras para o "deserto" da marginalização, nos bairros de periferia e nas áreas rurais. Aí as religiosas começaram a olhar de maneira nova a cidade, a Igreja, a Palavra de Deus e a sua própria história pessoal.

Neste "deserto" da história a religiosa se encontra com o Deus e com o povo que foram colocados à margem.

Desde a chegada das Irmãs no meio do povo, em 1967, até hoje, 1990, a religiosa vai descobrindo, na vida, como deve ser a sua nova vida e principalmente a sua presença. Ela está convicta de que a inserção pressupõe disponibilidade total para as necessidades do povo empobrecido. Seu comprometimento é com as classes populares. Sua presença é discreta, apagada. É fermento na massa. Como disse alguém: "na inserção a religiosa tem a impressão de que está morrendo, sendo enterrada viva... Há algo de pascal: é uma morte para a vida. Cresce para baixo. Sobee descendo. É a dialética da Páscoa. Ressuscita morrendo".

É presença tranqüila. Não está à frente, não impõe suas idéias. Está presente em tudo, quase não aparecendo: está pronta a ajudar sempre que for solicitada, tem sugestões para quando for oportuno, tem coragem de lançar o novo quando o povo estiver preparado para a mudança.

É bom lembrar que este novo modo de vida religiosa é apoiado e incentivado pela CRB Nacional e Regional (Conferência dos Religiosos do Brasil), quando traça suas linhas de ação.

É bom sentir também a força do GRI (Grupo de Religiosos Inseridos) que está bem organizado e atuante, a nível regional e nacional, com suas reuniões, retiros, assembléias e seminários.

Este modelo de vida religiosa inserida aqui descrito é ideal. Ele apresenta bastante do que existe, muito do que poderia existir e mais ainda do que deveria ser.

## **11. SISTEMATIZAÇÃO DA MISSÃO DAS RSCM INSERIDAS NO MEIO POPULAR**

Dando continuidade ao Planejamento do Instituto que tem início a partir do Capítulo Geral de 1985, nos anos de 1988 e 1989 a Província trabalha intensamente sobre a definição da nossa Missão.

No final de 1987 Ir. Rosa de Lima Pereira assume a Coordenação Provincial (1987 - 1990). Com o novo governo provincial, a Comissão de Animação Pastoral inicia o trabalho de Sistematização da Missão das RSCM no Meio Popular.

A Comissão convoca um grupo de Irmãs inseridas, que se reúne em Vitória, E.S., de 28 a 30 de janeiro de 1988. O Grupo de Trabalho (GT) escolhido para a montagem deste projeto de sistematização se encontra com a Comissão de 06 a 09 de abril novamente em Vitória, com a assessoria do sociólogo Dilvo Peruzzo. Nesta reunião o grupo prepara o calendário geral, organiza as etapas do trabalho, dá orientações e encaminha o material para uma pesquisa junto ao povo. (Ver Anexos 1 e 2)

Em fins de outubro de 1988 o GT encarregado de fazer a grande síntese se reúne em Belo Horizonte com a presença de Dilvo Peruzzo e de Frêi Eduardo Metz.

A Comissão envia às comunidades inseridas a síntese do trabalho de cada localidade, os questionamentos surgidos (Anexo 3) e as novas tarefas a serem realizadas:

- novembro/88 a abril/89 - confronto da experiência de inserção de cada comunidade com as outras da Província
- reflexão sobre os questionamentos
- confrontos (Anexo 4)

Nos dias 28 de abril a 1 de maio de 1989, a Comissão se encontra novamente em Belo Horizonte, na Casa Provincial, com os assessores para o estudo do material recebido das comunidades.

São encaminhadas às comunidades:

- síntese do confronto, reflexão e questionamento

- esboço do Documento de Caracterização das RSCM inseridas no Meio Popular (ROSTO)
- desafios da nossa caminhada
- preparação para um Encontro a se realizar em julho/89.

De 15 a 18 de julho de 1989 se realiza o Encontro que tem como objetivo: "Celebrar a Caminhada das RSCM inseridas no Meio Popular – o ontem, o hoje, o amanhã".

No início do encontro, para a celebração, realiza-se uma caminhada relembando a história de todas as comunidades inseridas no ONTEM e no HOJE. É um momento de grandes emoções quando, ao refazer a memória as Irmãs vão se lembrando dos dias difíceis, das longas e desafiadoras buscas de trabalho profissional, das oposições, da alegrias, das resistências, das vitórias, da gratidão, da conversão.

Muitos episódios pitorescos e marcantes são recordados: ora é o dinheiro que falta, ora é o nosso ser feminino que é provocado, ora é a autoridade que quer inteferir demais, ora é a tensão entre profetismo e instituição que explode, ora é a opção pelos pobres que interpela o poder, ora é o medo da repressão da polícia, ora é a falta d'água e de luz! Tudo é história tecida de muitas buscas e lutas.

Através de muitos símbolos lembramos nossa fé, lugares e pessoas como as Irmãs Antonietinha, Maria Ramos, Maria José Severo, que partiram para a Casa do Pai, deixando o testemunho de vidas a serviço do irmão pobre.

Procuramos descobrir os sinais libertadores na nossa vida e na vida do povo com quem trabalhamos. Tentamos detectar o fio condutor que vem orientando as comunidades RSCM desde Gailhac até os nossos dias.

Os assessores, Fr. Eduardo e Dilvo, com interesse e grande competência ajudam o grupo, analisando a caminhada da Província para a inserção.

Insiste-se na importância da mística na nossa vida de inseridas: opção radical pelos pobres e amor gratuito e profundo ao povo.

Com clareza, os assessores constatam que as Religiosas Inseridas estão trabalhando com outra classe social – a do povo – numa linha de solidariedade, por opção livre e consciente.

Todo o trabalho de preparação para este Encontro, os questionários respondidos pelo povo das CEBs, as sínteses, as discussões da Comissão de Animação Pastoral com os GTs, Conselho Provincial e Assessores resulta na elaboração do "ROSTO" das RSCM Inseridas no Meio Popular.

Durante o estudo no Encontro algumas interpelações surgem em relação ao ROSTO: a imagem humana que o povo faz de nós onde está? Onde estão as rugas e as marcas do nosso rosto apontadas pelo povo? Acreditamos que somos realmente capazes de gerar o novo? O que fazer para termos, com verdade, este ROSTO?

Depois de muita discussão vimos a importância de retrabalhar o texto. Concluimos que: este ROSTO é um documento que expressa um ideal – o que o povo quer que a gente seja.

O grupo passa o terceiro dia do Encontro refletindo e rezando sobre os DESAFIOS para o AMANHÃ. Estes desafios são classificados e estudados em categorias:

- Aspectos profético-transformadores
- Aspecto da espiritualidade
- Pluralismo
- Intercâmbio entre nós
- Formação

Procurando encontrar quais as pistas de ação para a Irmãs inseridas são estudadas as questões:

- Quais são os encaminhamentos daqui para a frente?
- Que estratégia, princípios e táticas?
- Como avaliá-los?

Como síntese final é aprovado o seguinte:

**Estratégia:** "PARA QUE TODOS TENHAM VIDA"

**Princípios:** ● FÉ (Mística)

- Opção pelos empobrecidos (classe)
- Solidariedade
- Fraternidade
- Ser e formar comunidade
- Coletividade
- Justiça
- Atitude profético-crítico-libertadora

## Táticas:

O QUE?	QUEM?	QUANDO?	ONDE?
- Encontro	RSCM Inseridas Conselho Provincial Comissão A. Pastoral	Julho/1990	Numa inserção
- Encontros Regionais ● Centro-Oeste ● Rio-Minas ● ES. BA. PB.	RSCM Inseridas Assessoria Um elemento do C. Prov.	Uma vez por ano	Regional decide
- Continuar o trabalho de Sistematização	Comissão A. Pastoral GT e Assessoria	2º semestre/89 1990	Onde for mais prático
- Formação na inserção ● Casa ● Equipe ● Dinâmica de trabalho	Equipe ampliada: Inseridas, C.P. e Formandas	2º Semestre/89	B. Horizonte

**Avaliação:** Avaliação constante das nossas táticas.

Depois de muito trabalhada por todo o Instituto, no Conselho Geral Ampliado de 1989 (19 a 30 de julho/França) é promulgada a nossa "DECLARAÇÃO DA MISSÃO", que abre novas perspectivas, novos questionamentos e nos dá um incentivo novo para uma caminhada ainda mais arrojada e radical.

## DECLARAÇÃO DA MISSÃO

**"QUE TODOS TENHAM VIDA"**

*Nós, Religiosas do Sagrado Coração de Maria, um Instituto religioso apostólico internacional, somos chamadas a partilhar a missão geradora de vida de Jesus Cristo.*

*O desafio do Evangelho e o espírito de fé e zelo que marcaram os nossos fundadores, Jean Gailhac e Mère St. Jean, e as nossas irmãs fundadoras, impulsionam-nos a responder às necessidades do nosso tempo e a trabalhar com outros numa ação efetiva pela justiça evangélica. Enviadas a promover a vida e dignidade de todos os nossos irmãos e irmãs, neste momento colocamo-nos a nós mesmas e*

*aos nossos recursos a serviço daqueles que têm mais necessidade de justiça, tornando-se os fracos, os mais necessitados, os marginalizados, os sem voz, capazes de trabalharem efetivamente pelo seu próprio desenvolvimento e libertação.*

*Somos chamadas a ser comunidade, a conhecer e celebrar o amor de Deus por nós e a tornar esse amor conhecido por outros. Ao inserir-nos mais profundamente nas realidades da Igreja e do mundo, usamos os nossos talentos individuais e como corpo para trabalhar, de maneira criativa, nos diversos ministérios para a promoção da justiça.*

*Maria é o nosso modelo, ao procurarmos estar abertas ao Espírito, centrar as nossas vidas em Jesus Cristo, ser mulheres de oração e compassivas e dar um testemunho autêntico e alegre dos valores evangélicos, onde quer que estejamos.*

## 12. O TRABALHO CONTINUA...

A Comissão de Animação Pastoral, ainda assessorada pelo sociólogo Dilvo Peruzzo, se reúne nos dias 29 e 30 de setembro de 1989, em Belo Horizonte, com o novo GT, escolhido pelas Irmãs do Encontro de julho.

O objetivo da reunião é:

- planejar os próximos passos para dar continuidade ao Processo de Sistematização da Missão das RSCM Inseridas no Meio Popular.

Durante este encontro o grupo refletiu demoradamente sobre os "Critérios de discernimento para a inserção e sua avaliação".

Estes critérios são enviados a todas as comunidades inseridas para serem apreciados e modificados, se necessário.

Realizam-se três Assembléias nos Regionais para o estudo do "ROSTO" e dos Critérios:

- Barro Alto (Barro Alto e Goiânia) 10/03/90
- Pindobaçu (Pindobaçu, Carapina e João Pessoa) 24/02/90
- Rio de Janeiro (Braz de Pina, Barreiro de Cima, Volta Redonda e mais 3 Irmãs) 31/03 e 1/04/90.

Novamente a Comissão de Animação Pastoral se reúne em Belo Horizonte, nos dias 28 e 29 de abril de 1990. Com a Comissão trabalha o novo GT formado pelas Irmãs escolhidas em cada Assem-

bléia Regional para representarem os respectivos Regionais. Contam com a presença e assessoria do Dilvo Peruzzo.

O objetivo do encontro é:

– Sintetizar as reflexões e encaminhamentos vindos das Assembléias Regionais a respeito do “ROSTO” e dos “Critérios para a Inserção”.

– preparar o próximo Encontro de todas as comunidades inseridas.

Depois de analisar as sugestões enviadas sobre o ROSTO e os Critérios, a Comissão, o GT, o Conselho Provincial com o assessor fazem a redação final dos dois textos, remetendo-os às comunidades inseridas.

Nestes dias planeja-se o Encontro dos dias 29, 30/06 e 1/07/1990, tendo como objetivo geral:

“Encontrar, Aprofundar e Celebrar”

### **13. RELATANDO A VIDA EMERGE A ESPIRITUALIDADE DA RSCM**

Em clima de Celebração, de muita festa e fraternidade realiza-se o Encontro programado para os dias 29 e 30 de junho a 01 de julho de 1990. O local escolhido é Igarapé, próximo de Belo Horizonte. Lugar pitoresco, silencioso, com seus oratórios e capelas artísticos recolhidos, leva o grupo a um clima de recolhimento, contacto com a natureza e comunhão com Deus.

Logo no primeiro dia foi feita a memória da Caminhada da Sistematização a partir de 1988.

As comunidades presentes: Barro Alto, Goiânia, Carapina, Pindobaçu, Brás de Pina, Volta Redonda, Barreiro de Cima e algumas Irmãs de outras comunidades que têm um trabalho com o povo apresentam a sua realidade através de símbolos. (Anexo 5 – Situação das Comunidades inseridas em 1990).

Todo o dia se passa com estas apresentações ricas e simbólicas que mostram o nosso perfil de RSCM nas diversas localidades.

O segundo dia de trabalho já se inicia num clima de celebração que se prolonga por todo o dia, culminando com a Eucaristia.

O assessor Dilvo Peruzzo apresenta a sua visão de sociólogo sobre o mundo atual. Relembra as utopias do começo do nosso século: o anarquismo e o socialismo. Mostra a grande utopia de hoje: a democracia (econômica, política, social, cultural). Aponta outras uto-

pias: o pacifismo, a ecologia, o hedonismo. E lança-nos a pergunta: Qual a nossa esperança?

Ele faz a retrospectiva dos acontecimentos da história do Brasil a partir de 1964, constatando a realidade: passamos de desesperança em desesperança, de frustração em frustração. O amanhã não aparece!

Outra pergunta surge: qual o papel das RSCM nas Comunidades?

Pelas exposições feitas, vê-se que o povo não depende das Irmãs, mas espera muito delas. O importante é viver a solidariedade. A libertação se fará pela inserção, pela presença solidária.

A seguir, Frei Eduardo Metz aponta alguns elementos de espiritualidade que ele detectou a partir da apresentação feita pelas Irmãs:

1. **Identidade de RSCM** – descobre-se nos relatos o modelo de Igreja claramente apresentado pelas Irmãs: Povo de Deus. As Irmãs descobrem aí dentro o seu lugar de mulheres. Demonstram um amor muito grande, profundo e gratuito ao povo de Deus. Revelam um extraordinário amor à Vida.

2. **Deus entra na História** – para conhecer a Deus é preciso conhecer a História. É este um ponto de referência para a fé. Não é a Igreja, nem o Templo, mas sim a História – o povo – este ponto de referência. Os sinais trazidos pelas Irmãs foram tirados da História onde estão pisando. Revelam uma espiritualidade bíblica. O lugar da RSCM inserida é no meio do povo. Para os pobres, com os pobres, como os pobres.

A grande descoberta que as Irmãs estão fazendo é: “somos pobres! Não temos nada para dar, não somos donas de nada!”

Ser pobre é estar lá, numa presença solidária.

Outra constatação: As RSCM têm grande percepção da realidade – **ver** e **ouvir**. É a capacidade de perceber a vida do povo. Isto é parte da espiritualidade da RSCM inserida que, no meio do povo, abre os olhos para ver, ouvir o clamor do povo como o próprio Deus no Êxodo.

3. **Reino de Deus** – É a consciência, talvez inconsciente, da presença do Reino. É a consciência de que no ambiente de morte há sinais de vida. É uma presença de fé mesmo no meio da violência que não as atemoriza.

O transcendente aparece no modo de viver das RSCM que não perdem a utopia e, por isso, estão lá, vendo além.

4. **Deus solidário** – rosto de amor, amor à família humana.

A presença da RSCM é uma presença solidária. Os relatos fa-

lam em “**nós**”. É a comunidade, o grupo, a congregação que desenvolve o trabalho – é a consciência grupal. As Irmãs falam mais do povo do que delas mesmas. O forte é o comunitário e o povo que se liberta.

Ao terminar sua análise, Frei Eduardo deixa-nos duas questões para aprofundamento:

- Até que ponto estamos explicitando tudo isto em oração entre nós?
- Que momentos temos como RSCM, para explicitar conscientemente estes elementos de espiritualidade?

Em pequenos grupos as Irmãs refletem sobre os Pontos de Espiritualidade que devem ser trabalhados por nós em vista de novos membros, mas também em vista da nossa própria caminhada.

Foram colocados no plenário os seguintes pontos:

- Solidariedade – a vida do outro é a vida da gente! Presença libertadora. Socialização. As CEBs não suportam relações que não sejam igualitárias-democráticas.

- Identidade – Já existe entre as Inseridas. Necessidade de crescimento em relação a todas as Irmãs do Instituto. Coletivo.

- Amor gratuito – A esperança nos sustenta: Deus presente.

- Vida comunitária – Relações humanas, oração – “lectio divina” – qualidade de oração. Partilha.

- Ser pobres – Não ser donas. Escutar.

- Comunhão com Deus – Deixar-se tocar por Ele. Jeito de ler a Bíblia. Força do grupo: a Bíblia. Atitude de contemplação.

- Despojamento. Conversão – Evangelho é Vida.

- Maria – A mulher mais solidária, mais gratuita no amor, mais pobre. Nosso modelo de Fé e Zelo.

Após estas reflexões, as Irmãs que estavam em estágio respectivamente em Lima Duarte, MG e em Tocantins-Goiás relatam suas experiências e dão esclarecimentos às questões do grupo.

Neste mesmo Encontro as Irmãs de Barro Alto avaliam sua presença na Comunidade, preparando o término da missão nesta localidade.

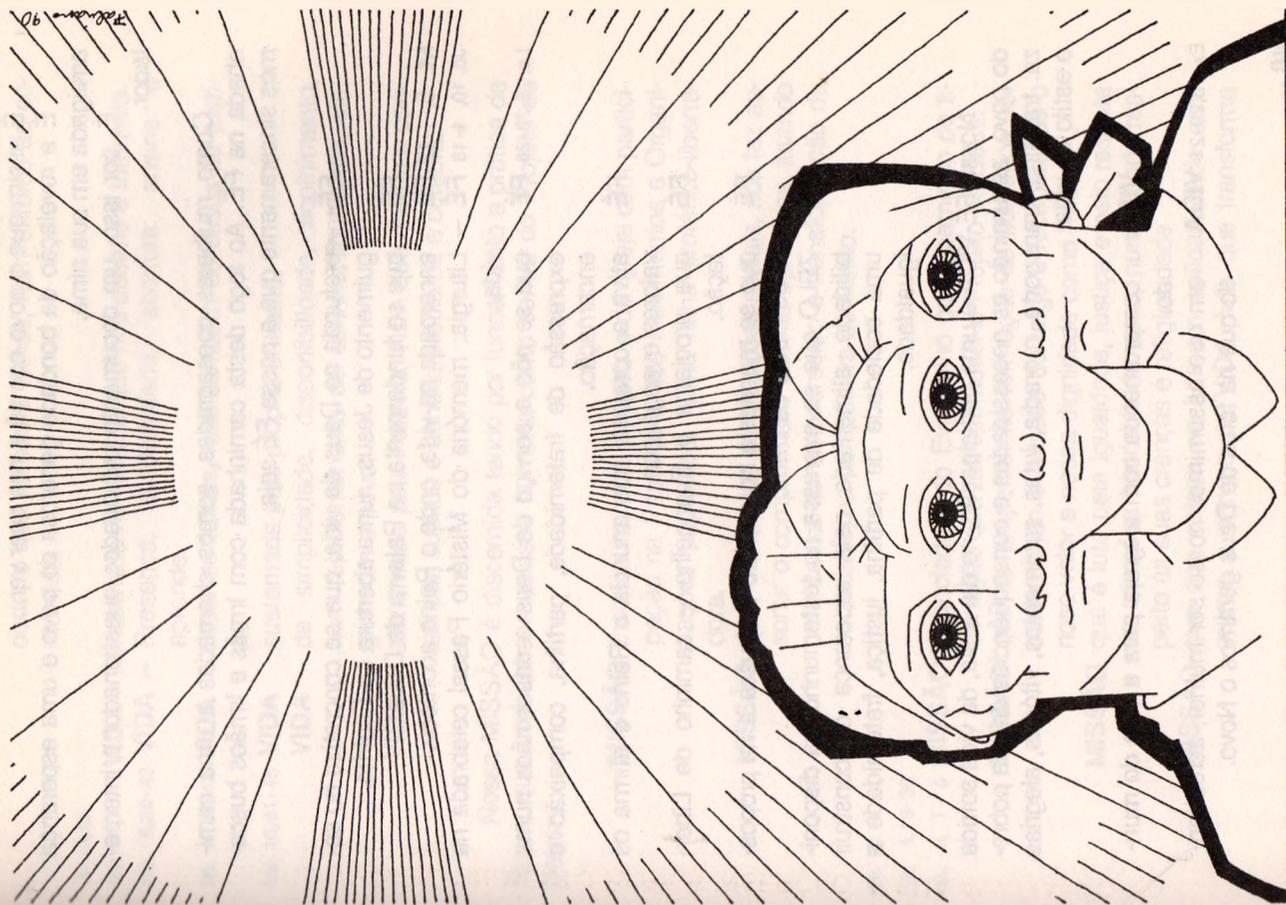
A tônica deste Encontro foi uma celebração contínua de tudo o que vivemos nestes anos de buscas, de descobertas, de alegrias e de lutas.

Houve momentos fortes de oração explícita quando o grupo mostrou que tem os pés fincados na história, plantados fortemente no chão da vida do povo.

O trabalho vai continuar e um novo GT é escolhido neste En-

contro para encaminhar os próximos passos para aprofundamento.

Com uma simbólica celebração de encerramento, em procissão pelas alamedas e pitorescos caminhos, entre árvores floridas e águas cantantes, até à linda capela, avaliamo-nos e fomos todas reenviadas às nossas Comunidades. Nossa Missão agora será a de colocar em vida o ROSTO que resultou das nossas escutas ao povo, nossas pesquisas, nossas orações, nossas leituras do que somos e do que queremos ser.



14. CRITÉRIOS DE DISCERNIMENTO PARA A INSERÇÃO E SUA AVALIAÇÃO

IRMÃ	GRUPO DAS INSERIDAS	COMUNIDADE	GOVERNO PROVINCIAL	IGREJA	SOCIEDADE	METODOLOGIA
<ul style="list-style-type: none"> <li>Opção pessoal</li> <li>Afinidade com a linha pastoral local.</li> <li>Discernimento com o Governo Provincial, a comunidade religiosa e as lideranças da área local / Igreja.</li> <li>Capacidade para trabalhar com outros, principalmente com os leigos.</li> <li>Vivência da Declaração da Missão.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>Fidelidade aos princípios e critérios estabelecidos.</li> <li>Fidelidade à caminhada das RSCM Inseridas no Meio Popular.</li> <li>Abertura à diversidade e pluralismo de Igreja, pessoas, mentalidades e situações.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>Ação conjunta: Governo Provincial, Comissão e Irmãs Inseridas para as decisões e perspectivas futuras.</li> <li>Objetivos comuns, claros e definidos.</li> <li>Manutenção com o próprio trabalho.</li> <li>Definição de prioridades de acordo com a Declaração da Missão.</li> </ul>		<ul style="list-style-type: none"> <li>Espaço de transformação e organização.</li> <li>Linhas definidas e práticas pastorais comprometidas.</li> <li>Comprometida com:                             <ul style="list-style-type: none"> <li>opção pelo empobrecido;</li> <li>formação de CEBs;</li> <li>libertação do povo.</li> </ul> </li> <li>Possibilidade de apoio, formação, amizade e convivência.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>Áreas prioritárias:                             <ul style="list-style-type: none"> <li>onde a vida está perecendo;</li> <li>onde há necessidade de:                                     <ul style="list-style-type: none"> <li>agentes pastorais</li> <li>agentes comprometidos com a mudança.</li> </ul> </li> </ul> </li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>Período de estágio preparatório para a inserção e inculturação na realidade.</li> <li>Possibilidade de se fazer um projeto determinando objetivos e tempo de realização do mesmo.</li> <li>Escolha de uma área de atuação de comunidades inseridas, formando um regional.</li> <li>Trabalho conjunto: Irmãs, Bispos, vigários, leigos, militantes.</li> <li>Avaliação constante da caminhada.</li> </ul>
		<ul style="list-style-type: none"> <li>Abertura à vivência com leigos comprometidos e religiosos(as) de outras congregações.</li> </ul>				

## 15. "ROSTO DA RSCM INSERIDA NO MEIO POPULAR

É assim que o povo nos vê e nos quer ver...

É a revelação da bondade generosa do povo e uma esperança arraigada em sua alma.

É, por isso, um documento provocador, questionador e interpe-lador.

Como mulheres consagradas, somos chamadas a uma cami-nhada na FÉ. Ao logo desta caminhada com Irmãs e Irmãos busca-mos sinceramente que a nossa FÉ seja:

- FÉ** profunda no Deus da vida, que se concretiza no se-guimento de Jesus, numa abertura ao Espírito.
- FÉ** que se fundamenta na Palavra de Deus.
- M. 5, 1-12 FÉ** encarnada na vida, onde o Reino acontece.
- Jo. 10, 1-18 FÉ** – Liturgia: memória do Mistério Pascal celebrada na vida.
- Lc. 6,20-26 FÉ** que se põe a serviço de Deus e dos irmãos numa expressão de fraternidade, partilha, compaixão e encarnação.
- FÉ** ativa e corajosa, que anuncia o Reino e afirma os valores evangélicos.
- FÉ** que proclama o Evangelho – caminho de Liber-tação.
- FÉ** que se manifesta no espírito de busca e na propos-ta do Reino de Deus.
- FÉ** ZELO que se expressa no testemunho, na disponi-bilidade, alimentada pela esperança de construir uma sociedade de partilha, justiça, fraternidade e igualdade.

Nossa FÉ-VIDA é uma participação, no dia a dia, da vida sofrida do povo, assumindo as necessidades e conseqüências da sua pobreza: trabalho, transporte, moradia, lutas, sofrimentos, vitórias, alegrias e estilo de vida:

- VIDA** comprometida com a Igreja para a vida do mun-do.
- Ex. 15,20-21 VIDA** em que assumimos nosso ser mulher, acreditando que na força de Deus geramos o Novo.

Jz. 5

1Sm 2, 1-10 **VIDA** em comum, partilhando na amizade, na fraternidade, o que somos e temos, num esforço de comunhão.

Jl. 13,ss

Est. **VIDA** encarnada na história que nos desafia e interpela.

Mc. 6,30-43 **VIDA** – Presença, solidariedade, abertura: ensina e aprende.

Jo. 4, 7-42 **VIDA** cheia de falhas, mas também de busca de justiça.

Mc. 10,41-45 **VIDA** sustentada pelo próprio trabalho.

**VIDA** de simplicidade, disponibilidade, acolhimento, num relacionamento de carinho, igualdade, alegria com o povo.

**VIDA** alimentada pela Palavra: VIDA que escuta e contempla, suplica e bendiz, proclama e celebra.

Nossa MISSÃO é discernida tendo por fundamento a prática de Jesus, que considera a pessoa humana como centro do Projeto de Deus:

**MISSÃO** inserida na vida do povo e da Igreja com participação na Pastoral e nos Movimentos e Organizações populares, numa linha profético-libertadora.

**MISSÃO** que, diante das contradições sociais, nos faz assumir o compromisso com os oprimidos, lutando pela causa do empobrecido e transformação da sociedade, na perspectiva do Reino.

Mt. 10

Lc. 4,16-30

Lc. 9, 1- 6 **MISSÃO** anunciadora do Evangelho como caminho de libertação que faz acontecer o Projeto de Deus.

**MISSÃO** que se empenha na formação de liderança, reconhecendo a missão do leigo e recuperando o noso valor e nossa dignidade como “mulher”.

**MISSÃO** que é luta pela igualdade, justiça e pelo resgate da memória histórica do povo, num grande respeito às suas crenças e religiosidade

**MISSÃO** que nos coloca na luta em solidariedade com outros, a serviço da VIDA: luta que transforma

as nossas vidas e a história na comunidade histórica da salvação.

Na vida e missão das RSCM Inseridas no Meio Popular há falhas e limitações. O povo aponta-nos, em alguns questionários, certos aspectos da nossa vida sobre os quais devemos estar atentas: comodismo, pressa, falta de paciência, linguagem distante, atitude de desrespeito à história e cultura do povo.

Que todos os que lerem este documento possam reconhecer nele as filhas do Pe. Gailhac, que, fiéis ao mundo, à Igreja, à inspiração inicial da Congregação do Sagrado Coração de Maria, no total seguimento de Jesus Cristo, se lançam neste novo jeito de ser Religiosa dentro do novo jeito de ser Igreja.

## II – RELEMBRANDO A HISTÓRIA

*"Javé ia à frente deles: de dia, numa coluna  
de nuvem, para guiá-los; de noite, numa  
coluna de fogo, para iluminá-los".*

(Ex. 13,21)

*"Esperança sem risco, não é esperança...*

*Esperança...*

*é crer na aventura do Amor,  
jogar nos homens, pular no escuro  
confiando em Deus".*

(D. Helder Câmara)

A missão das RSCM desde a sua chegada ao Brasil, em 1911, foi dirigida quase que exclusivamente à educação formal nos colégios. Neles nós nos dedicávamos a crianças e jovens das classes privilegiadas nas localidades onde nos instalamos. Também atendíamos a alunos pobres em orfanatos, escolas gratuitas, em cursos noturnos e diurnos. Aos poucos foi acontecendo uma abertura para a catequese paroquial e trabalhos de assistência social em favelas.

Na década de 60, a Igreja e nós, como Igreja, começamos a nos sensibilizar pelas exigências de um mundo em transformação e de uma realidade de país que esperava algo mais da presença e atuação dos religiosos.

Assim começam as "Fraternidades" que são uma tentativa de resposta que nós RSCM procuramos dar aos apelos do momento.

Eis a nossa História de inserção no meio popular de 1967 a 1990:

### 1. TIRADENTES – Minas Gerais (1967)

**Opção** – A missão em Tiradentes nasceu da resposta a um pedido de D. Delfim Ribeiro Guedes, bispo de S. João del Rei, que sonhava com a presença das RSCM na sua diocese.

Durante o Concílio Vaticano II, D. Delfim procurou em Roma a

Madre Geral, Ir. Margarida Maria Gonçalves para expor o seu desejo e, mais tarde, apresentou à Ir. Maria de Lourdes Machado, então provincial, seus planos de estabelecer as religiosas em Tiradentes.

A proposta de D. Delfim foi no sentido de as Irmãs auxiliarem o vigário nas atividades paroquiais – catequese, liturgia, assistência social – ocupando-se de assistência espiritual e moral da cidade. A sua intenção era a de mais tarde constituir as Irmãs, vigárias de Tiradentes.

Ofereceu um grande prédio histórico, pertencente à Igreja para a residência das Irmãs e assumiu, pela diocese, o compromisso da manutenção da comunidade, podendo contudo as Irmãs terem alguma remuneração, lecionando no ginásio local.

**Realidade local** – Próxima a S. João del Rei em Minas Gerais, a pequena e histórica cidade de Tiradentes – berço do proto-mártir da Independência, situada a 887 metros, com um clima muito frio – foi fundada em 1702 e elevada a cidade em 1860.

Teve seu início na época áurea da mineração mas, em 1967, restava-lhe apenas o culto das tradições históricas e um remanescente artístico, representado pela conhecida Igreja Paroquial de Santo Antônio.

A população era constituída de um pequeno núcleo de classe média e uma proporção maior de classe baixa. O nível de instrução da população era muito baixo, com aproximadamente 50% de analfabetos. Existia na cidade apenas um Grupo Escolar e um Ginásio Estadual com matrícula reduzida. Praticamente não havia casas comerciais na cidade e os meios de comunicação com S. João del Rei e outras cidades eram precários.

Como as cidades antigas do Brasil, possuía Tiradentes várias igrejas e capelas, mas um único sacerdote assumia o encargo de toda a vida paroquial e a assistência do município, acumulando ainda as funções de reitor do Seminário de S. João del Rei.

**Fundação – 1ª Comunidade** – Após uma primeira visita à cidade, feita pela Ir. Marina Vieira, superiora em Belo Horizonte, iniciaram-se os preparativos para a fundação.

Levando em conta as aspirações e possibilidades das Irmãs, foram escolhidas aquelas que constituiriam a primeira comunidade das RSCM Inseridas no Meio Popular: Irmãs Marília Cunha, Regina Moreira César, Maria Cláudia Oliveira e Ana Luíza Macedo.

A 05 de fevereiro de 1967, acompanhadas pela provincial, Ir.

Maria de Lourdes Machado e pela Ir. Marina Vieira que, de Belo Horizonte, ficaria responsável pela comunidade, chegaram as Irmãs a Tiradentes.

O acolhimento por parte do vigário e das famílias foi o mais cordial possível. Depois dos primeiros dias dedicados à instalação das Irmãs, no dia 25 de fevereiro realizou-se a inauguração oficial da "Fraternidade", numa missa concelebrada por D. Delfim e mais três sacerdotes e participada pela Provincial e delegações de religiosas e alunos dos colégios do Rio, de Ubá e Belo Horizonte, pelos paróquianos, assim como por autoridades civis e religiosas de S. João del Rei.

**Realização da Missão** – As Irmãs, logo de início, tiveram de enfrentar a resistência de um povo bom, porém muito conservador, mais interessado em cultuar as suas tradições religiosas do que a se abrir para as novas linhas conciliares.

Atravessando momentos difíceis de interferências políticas e de incompreensões de vigários, vivendo muitas vezes problemas internos de relacionamento, a comunidade das RSCM, durante os 16 anos em que esteve em Tiradentes marcou a cidade por uma presença de simplicidade, de respeito e acolhimento, de disponibilidade e serviço desinteressado.

As diversas Irmãs que lá estiveram no decorrer destes anos atuaram na catequese, na liturgia, na saúde e promoção humana, na assistência social, na pastoral do turismo. Trabalharam na educação formal, lecionando nas escolas locais e dirigindo um Jardim de Infância. Foi realizado também um trabalho na Casa da Cultura, instalada na cidade pelo Patrimônio Histórico Nacional.

**Término da Missão** – Em 1981, o Governo provincial após um sério discernimento, envolvendo o Conselho Ampliado da Província e a comunidade local, chegou à conclusão de que a Província deveria encerrar a missão em Tiradentes.

Os motivos levantados foram sobretudo: a constatação de que já se havia feito o possível na linha da pastoral e de que não havia perspectiva de maiores mudanças na cidade para uma Igreja renovada; o reconhecimento do desgaste das Irmãs que lá se achavam há muitos anos e a dificuldade de encontrar outras Irmãs para ajudá-las ou substituí-las; a consciência da existência de áreas mais prioritárias no Brasil, para a atuação das Irmãs.

Durante o ano de 1982 foi feito um esforço a fim de preparar

leigos para assumirem as diversas frentes da pastoral e, apesar da insistência de D. Delfim, já bastante idoso e do povo, para a permanência das Irmãs na cidade, em dezembro de 1982 encerrava-se a missão em Tiradentes.

## 2. MENDES – Rio de Janeiro (1967)

**Opção** – Em junho de 1961 a Província adquiriu uma casa em Mendes, local próximo da cidade do Rio de Janeiro, para descanso e férias das Irmãs e para retiros e encontros dos alunos do colégio.

Nos primeiros anos, as Irmãs do Rio, cansadas dos trabalhos do ano letivo, aproveitavam do ambiente sossegado que a casa oferecia e do bom clima local.

Mas a propriedade, com um grande terreno, permanecia ociosa grande parte do ano, acarretando grandes despesas.

Atento a esta situação e aos apelos de Irmãs que desejavam uma nova experiência apostólica, o Governo provincial, que já preparava naquela ocasião, a fundação da Fraternidade de Tiradentes, pensou em abrir em Mendes uma segunda “Fraternidade”.

Da parte do Bispo, D. Waldyr Calheiros, de Barra do Pirai/Volta Redonda, diocese à qual pertencia Mendes, da parte do vigário, do diretor do Ginásio, que contava com as Irmãs como professoras e das famílias da localidade houve um entusiasmo acolhedor para receber as Irmãs na cidade. Assim ficou decidida a fundação.

**Realidade local** – Mendes é um pequeno município do Estado do Rio, simples e modesto, que teve origem numa fazenda pertencente ao Barão de Santa Cruz. Vizinha a esta fazenda morava a família dos Mendes, que dilatou suas terras até os limites da freguesia de Santa Cruz por volta de 1850. Mas foi só em 1952 que Mendes foi elevada à categoria de município.

Em 1967, a cidade possuía três Grupos Escolares e três Ginásios. As atividades econômicas concentravam-se na indústria, sendo as principais, a frigorífica, a cerâmica e o papel. A lavoura e a pecuária, na região, eram pouco desenvolvidas.

Existia na cidade uma Igreja, a Matriz de Santa Cruz e duas capelas. O trabalho apostólico era feito pelo vigário, auxiliado por algumas senhoras de boa vontade. Para a catequese e obras sociais, a carência de pessoas preparadas era grande.

**Fundação – 1ª comunidade** – Decidida a abertura da comunidade e escolhidas as Irmãs que formariam o primeiro grupo, foram feitos os preparativos para a sua inauguração, que se deu no dia 09 de abril de 1967. A cerimônia foi simples, mas comovente. O velho casarão que permanecia fechado e, portanto, triste, tomou ares de festa. Uma nova fase se iniciava para a missão da Província e para as Irmãs Myriam França Miranda, Mônica Diniz, Lucy Nassif e Eny de Alcântara, que responderam ao apelo para se dedicarem a este novo campo de trabalho.

**Realização da Missão** – Nos primeiros anos, a atividade das Irmãs se concentrou no Ginásio local, onde lecionavam na parte da manhã. Mas cheias de zelo e entusiasmo, as Irmãs ainda se dedicavam à liturgia, ministrando cursos, à catequese de crianças e de adultos das favelas, à organização do coral no Ginásio e na Paróquia. Promoveram também o Movimento de Jovens e animaram a Congregação Mariana e a Cruzada Eucarística da cidade.

No correr dos anos, com as mudanças acontecidas na comunidade a atuação foi se restringindo e, nos últimos tempos, as Irmãs dedicavam-se mais à catequese e à assistência social.

**Término da Missão** – Em 1972 achava-se reduzido o grupo comunitário. As dificuldades de manutenção da grande propriedade, a tomada de consciência de que o estilo e a localização da casa isolavam as Irmãs da realidade, a constatação da dificuldade de um trabalho pastoral transformador naquela cidade, onde o povo tradicionalista estava acomodado, levou o conselho provincial a se decidir pelo fechamento da Fraternidade e pela venda do imóvel, o que se deu no final daquele ano.

### **3. SANTANÉSIA – Estado do Rio (1968)**

**Opção** – Já tendo as RSCM se instalado em Mendes, RJ, diocese de Barra do Piraí/Volta Redonda, D. Waldyr insistiu para que a Congregação abrisse outras comunidades em sua diocese. A falta de padres era muito séria e D. Waldyr acreditava muito no trabalho das religiosas.

Continuava como provincial a Ir. Maria de Lourdes Machado a quem D. Waldyr apresentou o nome de várias localidades com falta de evangelizadores. Ir. Maria Ramos, membro do conselho provincial,

visitou alguns lugares e depois foi feita a opção por Santanésia. Havia razões para esta escolha: proximidade de Mendes, localidade sem padres, cidade de operários com muitos desafios.

**Realidade local** – Santanésia fica localizada entre a cidade de Pirai, à qual pertence, e Barra do Pirai, RJ. É um lugar com características muito próprias por causa da grande fábrica de Papel Pirai (CIP).

A situação sócio-econômica tinha alguns aspectos como: pobres assalariados, mas poucos miseráveis; a maioria com casa própria, mas em péssimas condições, morando em bairros desurbanizados, todos sem seneamento básico. Só no centro existiam casas boas, todas de propriedade da Fábrica de Papel Pirai, bem como o hospital e a Casa Paroquial. A própria Igreja foi construída pela fábrica. Havia bons clubes com forte discriminação de classes.

O grande campo de trabalho era a fábrica de papel, mas havia também ferroviários e operários de outras fábricas. O custo de vida era muito alto.

Os partidos políticos eram de situação, descomprometidos com a luta do povo e sob o domínio da CIP. Os operários viviam amedrontados, sob as ameaças da direção da CIP.

Na área de oito bairros, havia uma Escola de 2º grau e três elementares; havia Jardins de Infância e primeiras séries do 1º grau em cada bairro. A maioria dos jovens tinha que interromper seus estudos para trabalhar.

Sob o aspecto religioso, havia uma igreja no centro de Santanésia e nos bairros só bem mais tarde foram sendo construídos salões ou capelas, onde se faziam celebrações, cursos, encontros etc.

Uma parte da população era bastante tradicionalista com fortes devoções a N. Senhora Aparecida e ao Cristo do Porto das Caixas e de Matosinhos. Não entrava na caminhada da Igreja renovada.

Sendo uma área onde a escravidão foi forte, ficaram marcas: muita superstição, terreiros de candoblés, macumba. Existia também grande número de religiões evangélicas.

A Igreja católica na diocese já tinha uma linha clara de opção pelos pobres e pela formação de CEBs. O Bispo se colocava em luta aberta contra as injustiças, sempre ao lado dos operários e da juventude.

Nos anos que as RSCM lá passaram houve mudanças radicais e notava-se um crescimento nas áreas político-cultural-religiosa.

Politicamente o povo cresceu, adquirindo uma visão mais crítica da situação. Grupos se organizaram em Associações de Moradores, Grupos de Mulheres, Sindicatos, lutas por reivindicações. Começou a abertura ao debate político. O Partido dos Trabalhadores (PT) começou a se firmar.

Culturalmente, o povo começou a se alegrar com a descoberta das suas raízes e costumes. As romarias começaram a ser mais participadas e a ser o instrumento para a descoberta e valorização destas raízes.

A religião tornou-se mais encarnada, a devoção a N. Senhora Aparecida foi ajudando a reencontrar as raízes negras daquela gente e a ter dimensões mais libertadoras. O crescimento das CEBs foi grande, levando as pessoas a se comprometerem com a comunidade, a assumirem o novo modo de ser Igreja e a ter interesse pela catequese libertadora. Os leigos começaram a assumir os ministérios – batismo, casamento – e foram se tornando menos dependentes do Padre e das Irmãs.

**Fundação – 1ª comunidade** – Em 1968, três Irmãs foram convidadas a formar a primeira comunidade de Santanésia: Irmãs Sagrado Coração (Euny Queiroz), S. Calixto e Dulce Barcelos. A Ir. S. Calixto ficou pouco tempo porque desejava regressar à África, onde já estivera em missão. Foi substituída pelas Irmãs Antonina Rocha e Brígida Barros.

As Irmãs chegaram a Santanésia no início do ano e a diocese ofereceu-lhes a casa paroquial para sua residência.

**Realização da Missão** – Os desafios encontrados em Santanésia foram grandes. As Irmãs se lançaram nos trabalhos, dando atendimento a uma paróquia sem padre. Toda a responsabilidade das celebrações, batizados, funerais, testemunhas no sacramento do matrimônio, estava a cargo das Irmãs. Ao mesmo tempo era importante dar atendimento aos bairros mais distantes, ajudar na formação das Comunidades, incentivar os círculos bíblicos, animar a catequese etc.

Uma das Irmãs dava aula no Ginásio local, mantendo-se em contacto com a juventude de Santanésia.

O grande desafio era como atender aos operários da fábrica, com um horário em turnos e escalas, que dificultava a continuidade de um trabalho de evangelização.

Outro desafio: a fábrica controlava as organizações populares e políticas.

Muitas Irmãs passaram por Santanésia com sensibilidades diversas. Cada uma buscou dar uma resposta adequada.

#### **4. BARRA DO PIRAI – Rio de Janeiro (1984)**

Em 1983, algumas Irmãs que se encontravam em Santanésia, em reflexão com Ir. Maria Angela Machado, então provincial, com D. Waldyr e o Padre que acompanhava Santanésia naquela ocasião, foram amadurecendo a idéia de uma saída do centro de Santanésia – casa paroquial – para um bairro da periferia.

A idéia surgiu da necessidade de descentralizar a paróquia que sofria forte controle dos donos da fábrica, impedindo um trabalho libertador; da necessidade de trabalhar mais na formação das CEBs, conforme decisão tomada na Assembléia diocesana de 1983 e do desejo das Irmãs de uma maior inserção na realidade.

Assim, se transferiu o grupo para o Parque de Santana, bairro de Barra do Pirai e depois para outro bairro próximo, Chalet em Santana da Barra.

**1ª comunidade –** Fevereiro de 1984. As Irmãs Ana de Assis Ribeiro, Maria do Carmo Pereira, Justina Miranda e Elizabeth Faustini foram muito bem acolhidas pela Comunidade local. Não houve um momento formal de celebração mas o povo demonstrava sua alegria pela chegada das Irmãs.

**Continuação da Missão –** Na nova realidade, as Irmãs passaram a se dedicar mais à formação dos conselhos da CEBs, à organização e aprofundamento das Pastorais, acompanhando os Grupos de mulheres, a Associação de Moradores etc.

Foi uma caminhada de cinco anos, os dois últimos vividos sem a presença do padre responsável pela área e que dava muito apoio às Irmãs.

O grande desafio sempre foi o atendimento à P.O. e a sindicalização dos operários para lutar pelos seus direitos.

O ano de 1988 foi de grande dificuldade. D. Waldyr, que sempre deu muito apoio às Irmãs, preocupado em ter a presença de um sacerdote na área, colocou aí um padre recém-ordenado, com mentalidade conservadora e com a idéia de centralizar a Paróquia novamen-

te. Esta situação gerou sérios conflitos entre as famílias conservadoras e o pessoal da base, inclusive com as Irmãs. Estes conflitos atingiram a vida interna do grupo comunitário, gerando posturas diferentes. Duas das Irmãs pediram ao governo provincial para serem transferidas.

D. Waldyr retirou o padre e, vendo que o povo já tinha condições de caminhar sem a assistência direta das Irmãs, propôs à Ir. Rosa de Lima Pereira, então provincial, a mudança das Irmãs para uma outra periferia, agora em Volta Redonda.

Depois de alguns meses de discernimento e de preparação das CEBs para a saída das Irmãs, foi feito pelo governo provincial com as Irmãs que permaneceriam na diocese, um estudo dos locais indicados por D. Waldyr, para a escolha daquele em que se estabeleceria a comunidade.

## 5. VOLTA REDONDA – Rio de Janeiro (1989)

**Opção** – A área escolhida foi a de uma ocupação de terra na periferia de Volta Redonda, bairro Jardim Pe. Josimo Tavares. Por não ser “posseira”, a comunidade religiosa foi residir no bairro Belmonte, limite com Pe. Josimo Tavares. Entre as áreas indicadas por D. Waldyr esta pareceu ao governo provincial e às Irmãs, a mais necessitada de uma presença religiosa, com a possibilidade de um bom entrosamento com o padre responsável.

**Realidade local** – A população é formada de posseiros, vindo de outros bairros de Volta Redonda, que se viram imprensados entre salário baixo e aluguel alto.

Em 1986, na época da ocupação, eram mais ou menos 250 famílias: em 1989 chegam a 6.000 famílias. A maioria da pessoas sem emprego, em condições precárias de vida.

Neste bairro há grandes problemas de violência, droga, alcoolismo, gerando muitas mortes prematuras, a maioria de jovens.

A situação política, pela própria condição da cidade – Volta Redonda é uma cidade metalúrgica, com a Companhia Siderúrgica Nacional (CSN), que absorve mais ou menos 30.000 operários – é mais dominada pelos partidos: PT (Partido dos Trabalhadores) e o PDT (Partido Democrático Trabalhista). Em janeiro de 1989 o prefeito, metalúrgico, foi assassinado e, atualmente, o vice prefeito que assumiu é considerado inimigo do povo.

No bairro Pe. Josimo Tavares existem duas escolas, uma de construção inacabada, para atender a uma multidão de crianças. A grande maioria fica sem escola.

O bairro carece de infra-estrutura: não há água encanada, rede de esgoto, calçamento. O atendimento de transporte coletivo é precário. Acaba de ser construído um Posto de Saúde, mas que vai funcionar sem muitas condições.

Existe no bairro uma Cooperativa, onde são fabricados portões de ferro, grades para janelas etc. É uma tentativa que se fez para solucionar um pouco o problema do desemprego.

Existem duas Associações de Moradores com objetivos diferentes e por isso conflitantes no bairro e entre si. Uma visa a organização do povo para melhoria do bairro, a outra é atrelada à Prefeitura.

No início da ocupação havia um grupo de mulheres. A distribuição do ticket de leite enfraqueceu a luta do grupo e este foi desarticulado.

A situação religiosa é bem variada: há a Igreja católica (CEB) e muitas Igrejas crenes. A Comunidade funciona num salão e existe o projeto da formação de uma nova CEB e da construção de outro salão/igreja, considerando o grande crescimento do bairro. Percebe-se grande devoção a Nossa Senhora Aparecida e reconhecimento ao Pe. Josimo, que continua sendo força na caminhada da CEB. A "ocupação" se deu na época do seu assassinato no norte de Goiás e que teve muita repercussão na Igreja de todo o Brasil.

O povo não é conservador, tendo gosto pelo novo jeito de ser Igreja (CEB). Há também consciência política neste povo que, com muita luta e organização, conquistou esta terra.

**1ª comunidade** – A comunidade religiosa formada pelas Irmãs Maria do Carmo Pereira, Justina Miranda, Maria Aparecida Moreira e Dilaci Aparecida da Costa chegou para esta área no dia 28 de fevereiro de 1989.

**Realização da Missão** – Nesta primeira fase, o trabalho das Irmãs é mais de observação, de conhecimento da realidade, participando também de equipes de trabalhos da área e da diocese.

A diocese de Volta Redonda vem fazendo um grande trabalho de descentralização das Paróquias. Nesta área já existe esta descentralização. A área é composta de 18 CEBs, acompanhadas por três padres (dois estrangeiros) cinco Irmãs e alguns leigos, formando a Equipe de pastoral da área.

Para a sua manutenção, as Irmãs trabalham: duas no ensino religioso de uma escola, uma é funcionária do INPS e a outra trabalha na diocese.

Os grandes desafios que estão vindo no momento são: a situação da violência, o desemprego, a falta de infra-estrutura do bairro de ocupação e a dificuldade de organização por causa do tamanho das CEBs e da área.

## **6. CARIACICA – Espírito Santo (1968)**

**Opção** – A Igreja de Vitória foi sempre clara quanto às suas áreas prioritárias. Desejando a Província começar outra Fraternidade e querendo dar uma resposta às Religiosas que ansiavam por uma inserção e um trabalho junto ao povo, numa diocese aberta, o Conselho provincial optou por Cariacica, ouvindo as indicações dos Bispos locais, D. João Batista e D. Luiz Gonzaga Fernandes.

**Realidade local** – Cariacica situa-se perto de Vitória, área da Grande Vitória, sofrendo os mesmos problemas das outras localidades da região.

A falta de emprego em Vitória e vizinhanças era grande e acarretava dificuldades a cidades pequenas como o era Cariacica em 1968: pobreza, marginalização, fome, crimes. Era uma realidade mal servida de transporte, com uma infra-estrutura precária, sobretudo no que se referia à educação e saúde.

A cidade tinha uma Igreja matriz, mas sem padre residente. Também nos arredores havia várias capelas, que precisavam ser atendidas.

**Fundação – 1ª comunidade** – Definida a fundação, no dia 24 de fevereiro de 1968 três Irmãs chegam a Cariacica para o início desta Fraternidade: Irmãs Visitação das Dores, Lucy Nassif e Madalena Benedicto. Estas Irmãs foram convidadas a formar o grupo que ficaria ligado à comunidade de Vitória, sendo superiora, Ir. Stella Pessoa.

Houve uma Missa de inauguração concelebrada pelo Bispo D. Luiz Gonzaga, Pe. Airola e outros Padres de Vitória. Ir. Stella e Irmãs do Colégio de Vitória estiveram presentes.

As Irmãs davam aulas no Ginásio e viviam do próprio salário.

O povo acolheu com muito carinho as Irmãs e sempre deu grande apoio ao seu trabalho.

**Realização da Missão** - No Boletim de Comunicação da Província lemos que as Irmãs se dedicaram com coragem aos trabalhos de Cariacica: atendiam à Igreja, presidiam as reflexões, promoviam Vias-Sacras, orações e celebrações. Enfim, evangelizavam! Lemos também sobre a preocupação do grupo em traçar linhas para o trabalho pastoral de 1969. Uma das atividades prioritárias seria encontros com pequenos grupos, verificando, após análise, a quase nulidade da evangelização em massa. Tentariam encontros de casais e a catequese nos bairros, procurando assim a descentralização da catequese. Também foi estudada a possibilidade de evangelizar os pais dos alunos através de encontros mensais previamente combinados.

Era prioritário o trabalho na favela Boa Vista. Os próprios moradores se dispuseram a construir um salão para as reuniões, num trabalho de mutirão aos sábados e domingos. Era bom o trabalho com jovens.

As Irmãs, seja em 1968, seja em 1969, tiveram muitas dificuldades em construir comunidade. O seu trabalho ficou muito prejudicado pelas mudanças freqüentes de Irmãs. Já no segundo semestre de 1968 houve troca de Irmãs na comunidade.

**Término da Missão** - No fim do ano de 1969, tendo sido ponderadas as dificuldades encontradas pela comunidade, vivendo algumas Irmãs um momento de reopção de vida, ficou resolvida a saída das RSCM de Cariacica.

## **7. VALE DO JATOBÁ** - Belo Horizonte - MG (1969)

Num relatório de 1969 da Província estão vários dados registrados pelo primeiro grupo do Vale do Jatobá, sobre os inícios da Comunidade. Eis o que foi colhido neste relatório:

**Opção** - Foram várias e prementes as necessidades que estimularam as Irmãs para a escolha deste Bairro, dando uma resposta de compromisso e doação. Também foi clara a convicção do chamado a uma realização pastoral e educativa no meio pobre. O local era zona prioritária em Belo Horizonte.

O objetivo geral da experiência foi chamar o povo do Vale do Jatobá a uma fé adulta, comprometida, atuante, encarnada na realidade, através de testemunho da vida fraterna das Irmãs.

O grupo tinha ainda outros objetivos como: conhecer, sentir e viver a problemática dos irmãos operários, procurando um engajamento real em suas lutas, aspirações, promoções e na conquista de seus direitos legítimos, encaminhando-os para a conscientização, evangelização e vivência cristã comunitária.

Os meios usados seriam: atingir alunos e famílias através do SESI (Serviço Social das Indústrias) COHAB (Conjunto Habitacional) e LBA (Legião Brasileira de Assistência), não assumir lideranças, criar laços, crescer na fraternidade, visitar as famílias, inserir-se nos núcleos existentes: Conselho Comunitário e Comissão da Igreja, relacionamento com os protestantes, reuniões de professores no Grupo Escolar.

**Realidade local** – O Vale do Jatobá, situado a 30 km do centro de Belo Horizonte é um núcleo residencial dentro da Região Industrial de BH que, em 1969, tinha uma população aproximada de 6.000 habitantes, constituída na maioria de operários.

Como foi escrito na época, o bairro era inteiramente desprovido de assistência tanto religiosa e moral como social e material. Não existia igreja nem salão onde o povo pudesse se reunir; não havia telefone, agência postal, serviço médico. As famílias eram numerosas, residindo em casas populares, sem conforto nenhum. Havia muito desemprego. Até à chegada das Irmãs nenhum trabalho de pastoral e evangelização fora realizado. Aos sábados, o pároco do Barreiro, bairro vizinho, ia até lá celebrar a Missa ao ar livre.

Em 1989, a situação é bem diferente. Há na área, uma média de 60 mil habitantes, em vários tipos de moradia: 2 Conjuntos Habitacionais maiores, incluindo o próprio Vale do Jatobá, 5 Conjuntos mais populares, muitas Ocupações (favelas) e vários Loteamentos, como as 4 seções do Independência.

O bairro tem luz e água exceto em algumas Vilas (favelas). O esgoto é precário. O córrego que atravessa esta região causa muito problema quando transborda, pois a galeria construída não comporta o volume de água. Existe calçamento em muitas ruas, mas há muita rua sem calçamento, sobretudo nas Vilas.

Algumas linhas de ônibus servem o bairro, mas a passagem é cara e o atendimento é insuficiente para a enorme população. O povo luta por melhorias.

Ainda não existe correio nesta área. Só caixas de coleta nas ruas e entrega nas casas. Poucos telefones públicos. Há um Posto Policial no Vale e outro no Independência.

No setor de saúde, a assistência é insuficiente e precária. Escolas: são cinco de 1º grau, uma de 2º grau, a Escola do SESI, alguns Jardins de Infância e algumas Creches. Devido à inchação da área com a construção de milhares de "casinhas do Ferrara", há muita criança sem atendimento escolar.

Existe uma Praça de Esportes no Vale, que é o único divertimento do local, além das discotecas que vão aumentando de número.

O índice de desemprego é grande e os empregos são fora do bairro. Baixo nível de salários e numerosíssimos sub-empregos.

Em quase todos os núcleos existe o Conselho Comunitário. Alguns são totalmente atrelados à política da situação e não lutam pelo povo. A política tem crescido. Os sindicatos são pouco atuantes e poucas pessoas sindicalizadas.

Há bastante degradação moral nas famílias. Problemas de alcoolismo e drogas. A população jovem é enorme o que é um desafio.

Quanto à realidade pastoral, a Paróquia de S. Dimas está dividida em três setores e à frente de cada um está um padre. Muitas são as pastorais: catequese, Jovens, Círculos bíblicos, Cursos de Teologia, Bíblia e de Liturgia; Ministros do Culto e da Eucaristia, Pastoral do Batismo e do Crisma, Apostolado da Oração, Formação de lideranças, Pastoral das Vilas.

**Fundação – 1ª comunidade** – Depois de um período de sete meses de preparação, o grupo – Irmãs Maria de Lisieux, Ana de Assis Ribeiro, Lucy Nassif e Maria de Fátima Azevedo – iniciou a experiência no Vale do Jatobá no dia 3 de março de 1969.

Uma cerimônia muito simples marcou a inauguração da Fraternidade: Missa vespertina celebrada no dia 6 de março na pequena casa das Irmãs, pelo Padre Arnaldo Ribeiro, Vigário Episcopal das Religiosas de Belo Horizonte. Estavam presentes algumas Irmãs de BH, alguns vizinhos e funcionários amigos do colégio da Serra.

**Realização da Missão** – O grupo dividiu responsabilidades, todas assumindo trabalhos na Escola do SESI, ficando financeiramente independentes da Província, tendo em vista a encarnação no mundo real do trabalho. As Irmãs traçaram também o horário, buscando a integração: oração-trabalho-vida comunitária. Optaram por uma vida de estrita pobreza.

Escreviam depois de algum tempo de experiências: "Apesar das dificuldades da pobreza: casa muito pequena (estilo popular como a dos operários), falta d'água, trabalhos e responsabilidades domésti-

cas, alegremo-nos porque tudo isto faz parte da nossa opção livre e consciente...”

O Ginásio Orientado para o Trabalho foi o ponto de partida de toda a missão das Irmãs do Vale do Jatobá, assumindo os trabalhos nos turnos diurno e noturno.

Conforme disseram as Irmãs, no início não aceitaram cargos de liderança, nem a Direção do SESI, mas logo depois viram a importância de assumirem a direção, a secretaria e outros cargos no SESI.

Após algum tempo se mudaram para uma casa um pouco maior e mais próxima da Escola e, pelos anos 70, foi adquirido um terreno e construída uma casa boa e espaçosa. Na parte térrea da casa funcionava um Jardim de Infância “Bambi”.

Foram muitos os anos de entrega total ao trabalho no Vale do Jatobá. As Irmãs tiveram uma atuação firme e segura na Escola do SESI e formaram um número grande de jovens. Trabalharam muito pela melhoria de condições de vida do bairro, incentivando os movimentos populares, tomando iniciativas (criação de praças, correio, luta pelo transporte), desenvolvendo muitos trabalhos, como a campanha do “quilo”.

Os gestos e atitudes das Irmãs nunca serão esquecidos pelo povo do Vale.

**Casa de Formação** – No final de 1981, o Conselho Provincial Ampliado refletiu sobre duas grandes questões: a necessidade de uma mudança na direção das Escolas de Ubá e a importância da transferência da Casa de Formação que estava situada no Bairro Ipiranga, BH, para uma realidade mais próxima do povo.

O conselho provincial tomou decisões a este respeito e Ir. Maria Ângela, provincial, convidou as Irmãs Lucy Nassif e Maria de Lisieux para assumirem o trabalho em Ubá.

Tendo acolhido na fé e com grande generosidade este envio, no início de 1982 a comunidade do Vale do Jatobá se transferiu para Ubá.

Missão cumprida, mas muita dor na partida, muito sofrimento das Irmãs, muita reclamação do povo! A messe, no entanto, era outra e a vida missionária desta Irmãs recomeça em Ubá.

Encerrava-se uma etapa da Missão das RSCM no Vale do Jatobá, mas iniciava-se outra com características diferentes.

Em fevereiro de 1982, as Irmãs Terezinha Cecchin, responsável pela Formação, Diva Machado, Maria da Conceição Reis e as novi-

ças Francisca Pereira, Maria Helena Morra, Audília Conceição da Cunha e Maria Cristina Caetano chegaram ao Vale do Jatobá. Frei Antônio do Prado, pároco, as acolheu muito bem e alguns dias depois celebrou com a comunidade.

Por natureza, a comunidade está continuamente se renovando com a chegada e partida das noviças e postulantes.

Há sete anos a comunidade de Formação se encontra do Vale do Jatobá. O seu primeiro objetivo é a formação inicial das futuras religiosas, em vista da missão do Instituto e da Igreja bem dentro da realidade.

Inserida neste bairro pobre, dentro de uma Igreja que se organiza para atender a tantas pessoas e necessidades, a comunidade, apesar da mobilidade, entra de cheio na vida da Igreja e do povo que, verdadeiramente faz a formação.

Num relatório de 1986 está descrito assim o trabalho da comunidade: Coordenação da catequese, Cursos de Bíblia, Cursos de Liturgia, Jovens e Crisma, Pastoral Vocacional, além da presença nas CEBs. A comunidade também assumiu a Missão de Férias, o Grupo de mulheres e o acompanhamento de Círculos Bíblicos.

**Futuro / Desafios** – O grande desafio é a formação na inserção, conciliar estudos e trabalho apostólico.

Outro grande desafio é o operariado do bairro e a necessidade de uma P.O. organizada.

O crescimento contínuo do bairro é também uma interpelação ao dinamismo das Irmãs e a seu pequeno número.

## **8. UBÁ – Bairro S. João – Minas Gerais**

**Opção** – A Comunidade Peregrina, assim chamada a comunidade do Bairro S. João surgiu no início de 1974, por iniciativa da Ir. Marília da Paz Bellini, a partir do desejo de inserção em meio popular, isto é, necessidade de uma expressão mais coerente com os apelos da Igreja no momento.

O bairro S. João era um dos mais carentes da cidade de Ubá, mais marginalizado e difamado, isolado do resto da cidade pela localização geográfica. Por isto foi escolhido, depois de contacto com os sacerdotes da Paróquia.

**Realidade local** – O bairro S. João fica situado na entrada norte da cidade de Ubá, MG.

A população do bairro era predominantemente de operários, empregados do comércio, domésticas, funcionários públicos, lavadeiras, pedreiros, diaristas, biscateiros, sub-empregados e muitos desempregados.

Havia muito alcoolismo, muita prostituição, muita criança carente, semi-abandonada, desnutrida, jovens voltados para o vício, drogas e muito analfabetismo.

A situação das moradias era sub-humana, assim como as condições de saúde e higiene muito precárias.

Não havia nenhuma liderança política ali, apenas “cabos eleitorais”.

Funcionava dentro do bairro um único pré-escolar. Crianças, jovens e adultos estudavam nas Escolas Estaduais no centro da cidade ou em bairros próximos.

Antes da ida das Irmãs para lá, não havia nenhum atendimento religioso no bairro, apenas a comemoração um pouco folclórica do mês de maio, liderada por uma moradora, com quem trabalharam junto, aproveitando o que já existia.

Era uma área carente de vida em muitos aspectos. As Irmãs recordam que entre os pensamentos colocados na casa estava este: “Eu vim para que todos tenham vida.”

**Fundação – 1ª comunidade** – Organizado o grupo de Irmãs que constituiria a comunidade: Maria do Carmo Pereira, Marília Bellini, Sara Dartora e Maria Aparecida Moreira (Paré, na ocasião em experiência como candidata à vida religiosa) estas procuraram uma casa que fosse bem pobre, semelhante às demais do bairro e ali se estabeleceram, vivendo uma vida simples, sem nenhum conforto material.

A fundação aconteceu em fevereiro de 1974, sem nenhuma cerimônia especial com o povo a não ser uma Missa para a Comunidade Religiosa.

**Realização da Missão** – Inicialmente, visitas domiciliares e convivência. Quando tinham alguma celebração em casa, convidavam a vizinhança. No ano seguinte mudaram para uma casa um pouco maior e, ali além da Missa de vez em quando, começaram a ter reuniões para reflexão bíblica, trabalhos manuais, catequese e, mais para a frente, Clube de Mães e jovens.

Pouco a pouco foram se organizando os grupos por rua, aproveitando os momentos litúrgicos fortes, como Natal, Páscoa, come-

moração do Padroeiro, Maio. O local de concentração desses grupos, nas comemorações, era um campinho, ao ar livre, perto da Caixa d'água.

Tendo surgido um loteamento num dos extremos do bairro, a comunidade conseguiu um lote doado pelo proprietário: José Ferreira Leite, cunhado de uma das Irmãs. A partir daí, foram feitas várias campanhas, mutirões e, graças à ajuda de todos e também da Congregação, foi construído o primeiro piso do Salão Comunitário ou Centro Comunitário.

A esta altura, a Comunidade já estava bastante organizada, tendo uma Equipe Central, eleita pelos participantes, que se reunia regularmente para planejamento, programações, avaliações e plenários dos grupos de rua, sob a coordenação deles mesmos, em rodízio. Cada grupo de rua tinha a sua liderança. A construção do Centro Comunitário facilitou as reuniões dos jovens – JUPAC – a catequese, as celebrações semanais da Eucaristia ou mesmo a celebração da Palavra, também sob a coordenação da equipe de liturgia, o Clube de Mães que ministrava cursinhos de vários tipos para as mocinhas do bairro e trabalhavam em prol do Bazar, que acontecia cada ano.

**Término da Missão** – Com o nome de “Peregrina”, a comunidade religiosa, desde o início não pretendia permanecer por muito tempo no bairro S. João. Tinha como objetivo trabalhar na formação da Comunidade do bairro e partir para outra realidade carente, logo que esta Comunidade tivesse condições de caminhar sozinha.

Nos últimos meses de 1980, a comunidade trabalhou no sentido de elaborar um Estatuto, criando uma Associação que garantisse a continuidade dos objetivos da Comunidade, a finalidade do Centro Comunitário, além de estabelecer a necessidade de eleições regulares para a renovação da Diretoria.

No final de 1980 as Irmãs deixaram o bairro. O maior desafio ao encerrar a missão ali era: Quem assumiria e como se sustentaria o trabalho iniciado, sobretudo os grupos, o processo de conscientização, já que a paróquia continuava conservadora?

Durante uns dois anos as Irmãs mantiveram contato com a Comunidade através de visitas, cartas, estimulando, acompanhando os trabalhos, a evolução da Comunidade, as crises e mesmo a obra da Capela.

A semente frutificou e a Comunidade vai caminhando...

## 9. PORTO DE SANTANA – Espírito Santo (1974)

**Opção** – Um estudo sobre a Justiça Evangélica foi o fator decisivo para as Irmãs Marina Queiroz e Alice Duarte partirem para os mais pobres.

Num tempo sabático de três meses em Belo Horizonte, as duas Irmãs traçaram as linhas principais de seu futuro trabalho:

- cinco anos em cada localidade, explicando logo de início ao povo este prazo;
- trabalho remunerado para as Irmãs, dentro das condições de vida da inserção;
- oração pessoal e comunitária todos os dias, para não perderem o intercâmbio com Deus e entre as Irmãs.

Em Vitória, D. Luiz Fernandes indicou como área prioritária a região de Porto de Santana, município de Cariacica.

**Realidade local** – Porto de Santana fica na periferia de Vitória - E.S. Em 1974 possuía 30 mil habitantes e os que tinham emprego trabalhavam na Companhia Vale do Rio Doce ou na construção civil em geral. Havia também um Britador em Porto de Santana e muitos dos moradores trabalhavam nos reparos da estrada de ferro Vitória-Minas.

Muita cachaça, pouco estudo, politicagem barata, muita violência e péssima fama é o que rolava em Porto de Santana.

Os católicos eram bastante tradicionais em suas crenças, muitas vezes fundamentadas no medo e na superstição.

**Fundação – 1ª comunidade** – Em 06 de fevereiro de 1974 foi fundada a CEB de Porto de Santana, com a chegada das Irmãs Marina Queiroz, Áurea Dias e Alice Duarte.

Foi apenas uma troca de lugar social. Tudo simples e sem cerimônia religiosa. Porém, em todos os sábados do primeiro ano da comunidade, D. Luiz celebrava a Missa com o grupo, avaliando, ao mesmo tempo, a sua caminhada.

**Realização da Missão** – A comunidade procurou primeiramente formar as lideranças de operários e de jovens, fazendo com que eles mesmos planejassem tudo, executassem e avaliassem. As Irmãs ajudavam em tudo, mas todo o raciocínio e decisão eram deles.

Os participantes da Comunidade iam aos Encontros da Diocese de Vitória, que possuía linhas pastorais definidas e firmes.

Os jovens foram a grande força da CEB de Porto de Santana. Eram simpáticos a todo o povo, firmes em sua fé e opção política. As Irmãs fizeram com estes jovens uma preparação intensa para a liderança no meio do povo.

Houve, naquela época, uma campanha muito grande pelo transporte coletivo. Eles lutaram para conseguir outras linhas de ônibus para dentro do próprio município, meia passagem para pequenos percursos e, sobretudo, pela implantação do sistema de lanchas. Alguns jovens ingressaram na JOC, trabalhando a nível nacional e internacional.

No quarto ano de trabalho das Irmãs em Porto de Santana, o povo decidiu e construiu também uma igreja de tijolo e cimento, porque o barraco onde tudo funcionava era dos Adventistas e lá havia um Jardim de Infância da Prefeitura.

No quinto ano houve uma cerimônia lindíssima de Crisma em que cada um pediu com suas próprias palavras, a Confirmação daquilo em que consistia, naquele momento da caminhada, a sua adesão ao Cristianismo.

**Término da Missão** – Terminados os cinco anos, previstos pelas Irmãs e planejados com o povo, a comunidade deixou Porto de Santana em fevereiro de 1979.

Atualmente, foi criada na região de Porto de Santana e Flexal uma paróquia de CEBs, que consiste num mutirão de CEBs (doze por enquanto). Foi lindíssima a cerimônia de instalação da paróquia a que compareceram as Irmãs Marina Queiroz e Alice Duarte, em 08 de outubro de 1989!

## 10. OSASCO – S. Paulo (1974)

**Opção** – Através dos Religiosos da MOPP, algumas Religiosas de S. Paulo, ficaram conhecendo os desafios da cidade de Osasco, S. Paulo. Optaram por participar do trabalho de uma Comunidade de Base, na Vila Yolanda. Fizeram durante dois anos uma longa preparação com os Religiosos da MOPP antes de se fixarem no local.

**Realidade local** – Osasco é uma cidade que fica na região industrial de S. Paulo, marcada por uma extrema pobreza em todos os sentidos, sobretudo onde residiam: Vila Yolanda.

Vila Yolanda era sem saneamento básico e aí corriam soltas as águas sujas e a marginalidade.

A violência era grande naqueles anos de repressão. A vida era cheia de medos, insegurança e riscos.

A maioria da população era formada de operários que depois foram se especializando e progredindo. Em geral, as mulheres iam trabalhar na cidade de S. Paulo como faxineiras e domésticas.

**Fundação – 1ª comunidade** – O início da missão das RSCM na comunidade “Shalom” de Osasco, SP foi em 1974. O grupo era formado por três Irmãs: Mônica Diniz, Myriam de França Miranda e Diná Fontes. Ir. Fernanda Pontini chegou mais tarde para fazer parte da comunidade.

Três das Irmãs trabalhavam no Colégio SCM do Jardim Europa, SP. Foi uma experiência dura as idas para o trabalho e a volta do mesmo, tendo que percorrer um longo trajeto de ônibus.

Não houve uma cerimônia especial de instalação da comunidade no bairro. As Irmãs quiseram fazer a sua entrada em Vila Yolanda muito discretamente.

**Realização da Missão** – A missão das RSCM em Osasco consistiu em uma participação ativa em todos os trabalhos existentes: coordenação, catequese, grupos de rua, liturgia, cursos. Elas aprenderam muito com os Religiosos da MOPP e com o povo. Os religiosos já tinham experiência amadurecida e sofrida junto aos muitos nordestinos, que deixaram a sua terra para fazer “futuro” na terra prometida.

As Irmãs ajudaram na “Escolinha da Fé” fundada pelos Religiosos, preparando o povo com um estudo sistemático da Bíblia, para assumir a Comunidade quando os religiosos se retirassem.

Foram tempos difíceis com muitas tensões internas e externas. A realidade sócio-política era muito dura. Um dos religiosos da MOPP foi expulso do Brasil. A Igreja ainda procurava unir os caminhos da Evangelização com a conscientização.

**Término da Missão** – Os Religiosos da MOPP decidiram deixar a Comunidade, que já estava suficientemente madura para caminhar sozinha. As Irmãs decidiram fazer o mesmo e se retiraram de Vila Yolanda no 2º semestre de 1975.

## 11. VITÓRIA – Forte S. João – ES. (1976)

**Opção** – Com a chegada da CST (Companhia Siderúrgica Tubarão) para Vitória, a Igreja foi cada vez mais clara em suas decisões e prioridades. A Arquidiocese assumiu o amadurecimento das Comunidades em sua fé, no compromisso e luta pela construção de um mundo mais justo. Assumiu ainda o amadurecimento das diversas vocações e serviços comunitários.

Conscientes destas prioridades, duas Irmãs do SCM escolheram o Forte S. João como resposta aos apelos da Igreja.

**Realidade local** – O Forte S. João é um morro da Ilha de Vitória, E.S. Muitas pessoas vinham para Vitória à procura de emprego. Outros embarcavam na propaganda do governo, que postulava a importância da “casa própria”. Havia nesta época o inchaço da periferia. Muita gente vinda do interior, não encontrando emprego, não entrava conseqüentemente no plano de obtenção da casa própria. Sem ter aonde ir, muitos ocupavam mangues e morros.

O morro do Forte é lugar privilegiado para esta escolha, já que é o morro mais perto da cidade e de fácil acesso para quem vem da rodoviária ou da direção norte do Estado.

A população do morro era formada de famílias numerosas, buscando melhores condições de vida. Armavam os seus barracos nos Morros Romão e Forte São João. Era uma população de baixíssima renda: salário mínimo, biscateiros, diaristas etc. As mulheres, para ajudar em casa, eram domésticas, lavadeiras, faxineiras, garis. As crianças, desde cedo trabalhavam como engraxates, vendedores ambulantes, pipoqueiros.

Formava um povo marginalizado pela sociedade, vivendo com grandes dificuldades o problema da moradia, educação, saúde, evangelização.

Os partidos políticos dos grandes aí faziam seu curral eleitoral e as Associações eram atrelados aos políticos.

Mas aquele povo simples e pobre era aberto aos valores do Reino.

**Fundação – 1ª comunidade** – Em Vitória, eram numerosos os grupos de leigos comprometidos, que viviam a experiência de Comunidades nas periferias em torno do Frei Beto, dos Padres franceses ou dos Irmãos de Taizé. Também havia um bom número de Irmãs que viviam no meio do povo: evangelização e organização.

Muitos religiosos e leigos apoiados pelos Bispos, buscavam a experiência de uma Igreja comprometida com a causa do pobre. Daí o nascimento de uma nova experiência entre as RSCM.

Assumiram esta fundação, em 1976, as Irmãs Ana Helena Andreado e Elizabeth Faustini, com a Ir. Edny, religiosa Serva do Espírito Santo e Zulei, leiga. A comunidade residia num barraco ao lado das escadarias do Forte S. João. (86 degraus!)

No decorrer do ano passaram por lá, religiosos e leigos que desejavam conhecer a realidade desta Igreja de CEBs, Igreja viva de leigos.

**Realização da Missão** – Os primeiros passos foram no sentido de atendimento à catequese, à liturgia, ao movimento pela água nos bairros S. João, Romão e Santa Maria e uma busca de viver intensamente o significado de uma vida partilhada.

Foi uma experiência rica para o grupo: oração, trabalho na Arquidiocese, partilha da casa e dos salários.

Todo o trabalho com o povo foi na linha da evangelização libertadora: escuta do povo para permitir a sua libertação e melhor conhecimento da realidade, buscando a formação de uma Igreja viva, com participação plena do povo.

Aos poucos as famílias foram sentindo a necessidade de se reunir para a reflexão da Palavra de Deus na vida. Foram surgindo os serviços de catequese, visitas, jovens. Mais tarde este trabalho foi se estendendo para os bairros de Santa Maria, Cruzamento e outros.

**Término da Missão** – Os desafios foram grandes: não acompanhamento da reflexão e da vida do grupo por parte do governo provincial; trabalho diferenciado e dividido: escola e morro; o tempo era pequeno para a convivência e reflexão sobre exigências essenciais tão grandes e muitas dificuldades internas de relacionamento foram surgindo.

No final do ano de 1976 as Irmãs RSCM se retiraram, deixando apenas de morar no morro, pois a Ir. Elizabeth continuou ainda por um bom tempo o trabalho pastoral, estendendo-o para outros bairros, como o Romão.

Atualmente, as Irmãs da Comunidade N. Senhora da Penha assumem o acompanhamento pastoral desta área.

## 12. SANTA TEREZINHA DE GOIÁS – GO (1978)

**Opção** – Em resposta aos apelos pastorais da Igreja pós-Vaticano II e fiel às conclusões do Capítulo Geral de 75 – “Missão: Apelo à Justiça” – o Conselho Geral Ampliado de 1977, realizado na Inglaterra, levou as Provinciais a assumirem o compromisso de, em cada Província, abrir uma frente de missão em local realmente necessitado, onde a evangelização ainda não tivesse chegado.

Ir. Maria José Caldas, provincial, deu logo os primeiros passos, pesquisando junto à CNBB, uma região carente, neste Brasil imenso.

Após um contato de algumas Irmãs, em Brasília, surgiu o convite de D. José Chaves, bispo de Uruaçu, cidade do interior de Goiás, para uma fundação em sua diocese. Conhecendo a opção da Congregação, D. José indicou a região de Santa Terezinha, área pobre, desconhecida e desprovida de padres e de agentes de pastoral. O próprio D. José se prontificou a levar a Provincial e Irmãs para conhecer a cidade e, após esta visita, ficou acertada a fundação.

**Realidade local** – Santa Terezinha de Goiás é uma cidade jovem do Estado de Goiás, pertencendo à micro-região do Alto Araguaia, com um clima tropical úmido. A sua fundação data de 1953, tendo sido celebrada a primeira missa em 1954. Só em 1963 foi elevada à categoria de município. Além da sede existem três povoados, tendo ocorrido a emancipação do povoado do Garimpo em 1988, com o nome de Campos Verdes. A população atual é de 30 mil habitantes, aproximadamente, pois é uma população itinerante devido às influências do Garimpo.

Existem na região fazendas de grande porte, porém o que predomina são os pequenos proprietários e posseiros. Há conflitos de terra.

A economia do município é baseada na agricultura e agropecuária. A partir de 1981 com o surgimento do garimpo de esmeraldas toda a vida econômica do município sofreu alterações. A cidade não tinha e não tem estrutura para acolher a avalanche de gente que chega atraída pelo garimpo e a situação econômica do povo piorou. O dinheiro corre na cidade pelas agências dos Bancos, mas existem grupos de fora e até do exterior dominando e o povo da cidade é atendido precariamente.

No campo médico-sanitário a população está sendo muito mal assistida e cada vez mais doente, mesmo tendo três hospitais na cidade.

Existem escolas estaduais e municipais, mas a educação é barada por forças contrárias que vêm do sistema, numa grande desorganização e muita injustiça. A juventude bastante alienada se entrega à droga, ao sexo e ao alcoolismo.

Culturalmente, o povo de Santa Terezinha é quase sem raízes e com poucas tradições.

No aspecto político o jogo do poder acontece e os serviços são monopolizados em função de interesses próprios e não do povo.

Este é naturalmente religioso, mas carece de formação cristã mais profunda. Tem uma mentalidade conservadora e se deixa envolver por um sincretismo religioso grande, recorrendo sempre às superstições. Seitas religiosas proliferam na cidade e nos povoados. Entre as devoções e festejos populares, destacam-se as folias dos reis e a do Divino, em homenagem ao Divino Pai Eterno.

A paróquia foi criada em 1980.

**Fundação – 1ª comunidade** – A chegada das primeiras Irmãs a Santa Terezinha se deu em 11 de fevereiro de 1978. Convocadas para esta fundação, aceitaram ser pioneiras neste interior do país, as Irmãs Maria Fernandes, Maria do Carmo Pereira, Áurea Dias e Cecília Souza Lima. Abraçaram a missão com muita fé, coragem e zelo, desejosas de trabalhar para que este povo viesse a conhecer e a amar a Deus, assumindo o compromisso da construção de uma nova sociedade.

As Irmãs foram bem acolhidas, todos demonstrando alegria pela sua presença na cidade e esperança na sua atuação. Foi celebrada uma Missa por D. José Chaves, com a participação do povo católico e das autoridades. Seguiu-se uma homenagem festiva.

Foi oferecida para residência provisória das Irmãs uma parte da casa onde funcionava o Posto de saúde da cidade e lá estiveram até que a diocese construísse uma casa mais próxima à igreja.

Os desafios para as Irmãs eram grandes: isolamento, solidão, distanciamento de outras comunidades RSCM e a consciência de seu próprio despreparo para enfrentar uma realidade tão diferente.

**Realização da Missão** – As Irmãs começaram por conhecer a realidade, fazendo visitas e tentando perceber o que existia de pastoral na cidade assim como o jeito do povo ser e o que esperava delas.

Não havia organização paroquial, apenas uma capela. O povo rezava o terço, fazia novena dos padroeiros Santa Terezinha e S. Judas. A própria diocese começava a se organizar.

As Irmãs assumiram os trabalhos que lhes foram oferecidos para o seu sustento, na prefeitura e nas escolas. Aos poucos foram se entrosando com o povo, participando de suas orações, procurando introduzir a reflexão da Palavra de Deus, tanto na cidade como na zona rural. Começaram a organizar a catequese.

As comunidades nas roças foram se firmando e as Irmãs, dedicando-se à evangelização de todos, estenderam a sua atuação atentas, sobretudo, à formação dos líderes e animadores das comunidades.

O padre que estava na cidade se retirou e as Irmãs assumiram a coordenação da paróquia, tendo sido nomeada vigária a Ir. Helena Pin, que tinha ido integrar a comunidade em 1982.

Organizaram-se equipes de trabalho, dividiram a cidade em setores, procurando dar vida à paróquia. Percebendo o jogo político na cidade se desligaram do trabalho na prefeitura, ficando apenas nas escolas com um trabalho que era meio de sustento e de evangelização.

Sempre atentas a abrir possibilidades à participação dos leigos foram, no correr dos anos, investindo na formação catequética, bíblica e sacramental.

O povo construiu o salão paroquial iniciado em 1984. Várias capelas foram também construídas pelo povo e com a ajuda da Província, para atendimento das Comunidades à medida em que iam se organizando.

Com a explosão do Garimpo em 1981, chegou à cidade gente de toda a parte do Brasil, especialmente do Nordeste, garimpeiros aventureiros, ocasionando uma grande transformação naquela realidade.

O grupo foi enfrentando os desafios e as Irmãs tiveram uma presença marcante junto àquele povo. No garimpo, onde o pessoal que foi chegando construiu os seus barracos e se estabeleceu, formou-se uma comunidade com características próprias.

Sempre atentas em perceber as necessidades e responder concretamente aos apelos da Igreja, numa opção cada vez mais consciente pelos pobres, as Irmãs foram tentando aprofundar seu trabalho, tendo em vista a formação das CEBs. No entanto, se sentiram muitas vezes inseguras e desorientadas na sua ação pastoral. A província não teve condições de acompanhá-las com orientações adequadas e a diocese praticamente desconhecia suas dificuldades.

Muitas mudanças de Irmãs ocorreram neste período e, em 1985, com a transferência de Helena Pin e a chegada das Irmãs Amiris

Vasques e Suzana Carvalho, viu-se como mais positivo, nenhuma Irmã ser nomeada vigária. O Bispo concordou e o Pe. Irçõ das Neves passou a responder pela paróquia, dando uma presença e assistência mensal a Santa Terezinha.

O trabalho das Irmãs foi se estendendo e aprofundando: encontros de formação de lideranças e de leigos para assumirem a preparação dos sacramentos; cursos para catequista e cursos de Bíblia; acompanhamento dos grupos de reflexão; participação nas Assembléias diocesanas, Romaria da Terra e preparação do VI e VII Encontros Intereclesiais de CEBs; projeto de saúde e incrementação da medicina caseira.

Novas capelas foram sendo construídas com grande participação e esforço de todos em mutirão e foi crescendo o sentido comunitário do povo.

Uma grande caminhada foi feita e, olhando o passado, pode-se constatar que as Irmãs deram passos consistentes quanto: ao despertar do povo para a Palavra de Deus, à evangelização mais encarnada, com maior interação entre fé e vida; à formação de grupos de base e descentralização dos serviços, à independência política da Igreja.

**Término da Missão** – Em 1989, com a nomeação de um novo pároco residente para Santa Terezinha, o trabalho pastoral foi tomando outra feição. Apoiado pela diocese na pessoa de D. José Chaves, a linha tornou-se a de uma Igreja tradicional e centralizadora.

As Irmãs fizeram todo o esforço para o diálogo e entendimento, promovendo encontros com a participação da Ir. Rosa de Lima, provincial, do Bispo e do pároco, numa busca de união para um trabalho conjunto.

Em outubro de 89, com a presença da Ir. Marina Queiroz, conselheira provincial, após encontros com as lideranças de todas as Comunidades e contatos com o povo em geral, em discernimento conjunto com as Irmãs de Barro Alto, chegou-se à conclusão de que, para o bem do Povo de Deus em Santa Terezinha, as RSCM deveriam encerrar a sua missão aí. De acordo com o governo provincial ficou combinada a saída das Irmãs em 10 de fevereiro de 1990.

Tem-se confiança de que a vida que foi doada por tantas Irmãs em Santa Terezinha nestes 12 anos de luta, de esforços e de grande dedicação, sobretudo aos mais pobres, será transformada pela graça do Pai em vida para o Reino. As Irmãs que compunham a comunidade em 1989 sentiram deixar aquele povo que aprenderam a amar,

mas saíram certas de que ele não se deixará abater. A força dos pobres se revelará e este povo sofrido ressurgirá, construindo sua História, fazendo o seu caminho para uma sociedade mais justa e fraterna!

### 13. COIMBRA – Minas Gerais (1978)

**Opção** – A escolha de Coimbra foi no sentido de dar apoio à Ir. Geralda Lana que estava em missão junto à família. Era uma região necessitada e o Pe. Joaquim, vigário responsável, já havia pedido Irmãs para um trabalho nesta localidade.

**Realidade local** – A cidade de Coimbra fica situada a uns 30 km de Ubá, cravada na Serra da Mantiqueira. É uma cidade pequena, de clima e água saudáveis, encimada por montanhas de rara beleza natural. Toda esta beleza atraiu os imigrantes portugueses que, vindo do Rio de Janeiro, passaram pela região e aí resolveram ficar, tirando do local os índios bugres ou purus. Os portugueses pioneiros foram Manoel de Alcântara e Joaquim Paes de Almeida que trouxeram de Portugal as suas famílias. O distrito recebeu o nome de São Sebastião de Coimbra após se desmembrar de Ubá e passar a pertencer a Viçosa. Em 1948 foi criado o Município de Coimbra. O apelido do Manoel Alcântara era de Manoel Coimbra. Daí a origem do nome.

A cidade tem uma Matriz de S. Sebastião, mas não tem padre residente.

A política prejudica o desenvolvimento da cidade. Tem uma escola de 1º e 2º graus e oito escolas na zona rural. Tem um Posto de Saúde, um Banco e o comércio depende muito das cidades vizinhas.

**Fundação – 1ª comunidade** – Sendo provincial, Ir. Maria José Caldas, foi convidado um grupo para formar a primeira comunidade de Coimbra: Irmãs Regina Maciel, Maria do Carmo Carneiro, Rosalina Carneiro e Geralda Lana.

No dia 20 de janeiro de 1978, Maria José Caldas e duas Irmãs de Ubá acompanharam as três Irmãs à primeira visita a Coimbra. O povo fez uma calorosa acolhida às Irmãs.

A inauguração foi no dia 11 de fevereiro de 1978 numa cerimônia presidida pelo arcebispo de Mariana D. Oscar de Oliveira contando com a presença do padre Joaquim Guimarães, de Ervália e algumas RSCM de Ubá.

**Realização da Missão** – Ir. Geralda Lana se encontrava há alguns anos em Coimbra e dava um grande atendimento pastoral à cidade. O grupo das Irmãs se lançou em vários trabalhos: catequese na cidade e na zona rural, celebração com a Comunidade todas as noites, pastoral de saúde, atendendo doentes da cidade e da zona rural, grupos jovens. Algumas Irmãs assumiram aulas no ginásio da cidade.

De maneira simples e fraterna, as Irmãs participaram da vida daquele povo, fazendo visitas e partilhando de seus sofrimentos e alegrias.

**Término da Missão** – Avaliando este trabalho, durante o governo de Ir. Maria Ângela Machado e constatada a existência de outras frentes prioritárias, onde se podia realizar um trabalho de transformação, o conselho provincial optou por encerrar a missão das RS-CM em Coimbra no final de 1982.

#### **14. SANTA MARIA MADALENA – Rio de Janeiro (1978)**

**Opção** – Santa Maria Madalena surgiu do desejo de uma vida de ORAÇÃO-AÇÃO intensa, com uma tônica forte de oração. Este desejo foi assumido como um apelo de Deus para testemunhar o prioritário da oração em vista de uma ação apostólica frutuosa; para dizer do primado da oração na Vida Religiosa. Fazer da vida oração e de oração, vida. A iniciativa foi da Ir. Maria de Lourdes Arantes que encontrou eco no coração da Ir. Mônica Diniz.

Vários Bispos foram consultados e em D. Clemente Isnard, de Nova Friburgo, RJ, as Irmãs encontraram uma acolhida total, tendo o Bispo se identificado com o objetivo do grupo. Ele próprio preparou o povo para acolher as Irmãs.

**Realidade local** – Cidade pequenina, montanhosa, no interior do Estado do Rio, Santa Maria Madalena dista 5 horas de viagem de ônibus da cidade do Rio de Janeiro. Clima frio, muito agradável. Povo de classe média para baixo e pobreza. Alguns fazendeiros na redondeza com fazendas de gado. Pouca consciência política, pouca cultura e o ensino era de baixo nível. Religião católica tradicional. Centros espíritas e algumas igrejas protestantes. Povo supersticioso. Sociedade bastante fechada, marcada pela maçonaria. Desconhecimento quase geral de Nossa Senhora e do Espírito Santo. A devoção era voltada para a padroeira, Santa Maria Madalena. O pároco se restringia praticamente à celebração da Missa e aos sacramentos.

**Fundação – 1ª comunidade** – 8 de setembro de 1978. Cermônia simples, com a presença de Dom Clemente Isnard, celebrando na própria casa. A casa era pequenina e pobre, cedida pela paróquia, onde as Irmãs prepararam uma capelina. Contaram com a presença de algumas pessoas da cidade, a provincial, Ir. Maria José Caldas e de um grupo de Irmãs das Comunidades do Rio.

As religiosas que compuseram o 1º grupo foram as Irmãs Maria de Lourdes Arantes e Mônica Diniz. Alguns meses depois, a Ir. Yêda G. Couto se juntou ao grupo.

**Realização da Missão** – Após conversa com o pároco, as Irmãs receberam como missão visitar os doentes, levando-lhes a Comunhão. As Irmãs acolheram a proposta, fruto de uma visão antiga do pároco. A partir deste ministério elas foram se tornando conhecidas e amadas por todos.

Já em dezembro deste mesmo ano, 15 pessoas foram preparadas para dirigir 15 grupos de novena de Natal. É preciso considerar que até então não havia nenhum movimento destes na cidade. Não se fazia novena em preparação para o Natal e a Campanha da Fraternidade era igualmente desconhecida.

Destes grupos de oração para o Natal e após visitas às famílias participantes, surgiram os grupos de reflexão que começaram com uma avaliação e uma tomada de consciência mais profunda sobre a necessidade dos mesmos.

A seguir, as Irmãs organizaram a catequese na paróquia com a preparação de catequistas. Um pouco mais tarde construiu-se um centro comunitário em um dos bairros com uma verba do exterior e foi surgindo a catequese de bairro.

Criou-se um grupo de jovens e nasceu um núcleo da Legião de Maria em um dos bairros, tido como um dos mais difíceis da paróquia em termo de prostituição e de espiritismo.

As Irmãs estenderam sua ação apostólica pelas capelas rurais com a criação da catequese e de grupos de reflexão e de liturgia.

Assim, a cidade e seus arredores foi tomando um “novo rosto”: o povo se socializando e se tornando sensível às carências sociais, aos sofrimentos do imãos empobrecidos. Uma creche para crianças pobres, mantida pela LBA e a Comunidade-povo, foi assumida por uma das Irmãs.

Passados três anos, Ir. Maria de Lourdes Arantes deixou Santa Maria Madalena para participar do conselho provincial, Yêda foi transferida para Barro Alto. Um ano depois, Ir. Mônica Diniz foi chamada a

fazer parte da comunidade de Formação. Outras Irmãs deram continuidade à missão, procurando manter o espírito com que foi fundada a comunidade, todas se empenhando de todo o coração para a evangelização daquele povo.

**Término da Missão** – Desde o início foram grandes as dificuldades enfrentadas pelas Irmãs. Dificuldades relacionadas à própria comunidade: poucas Irmãs e solicitação da província para outros serviços. Dificuldades com o povo cuja mentalidade era conservadora. Dificuldades em relação ao pároco, fechado a uma Igreja renovada. Dificuldades quanto a um trabalho de conscientização dos proprietários e fazendeiros da região para se criar uma sociedade mais justa. Dificuldades de acesso às capelas rurais por falta de estradas e transporte.

Estas dificuldades, acrescidas pela resistência da Irmãs da Província para se disporem a ir trabalhar em realidade tão fechada, levaram o Conselho Provincial Ampliado a insistir com o Conselho Provincial, desde 1984, no sentido de se fechar a comunidade de Santa Maria Madalena.

No final de 1985, Ir. Maria Ângela Machado com a Ir. Maria de Lourdes Arantes, respectivamente provincial e conselheira, estiveram em Nova Friburgo com D. Clemente Isnard para lhe expor estas dificuldades, mostrando-lhe o discernimento que tinha sido feito e comunicando-lhe a decisão de retirar as Irmãs de Santa Maria Madalena.

Muitíssimo pesaroso, o bispo pediu muito a permanência das Irmãs e prometeu dar-lhes maior apoio e facilitar-lhes, de algum modo, o acesso à região rural. Foi combinado, no entanto, que as Irmãs ficariam em Santa Maria Madalena só por mais um ano, dando-lhe tempo para conseguir Irmãs de outra congregação para substituí-las. Assim, apesar da insistência de D. Isnard, que recorreu ao Conselho Geral e da tristeza das Irmãs – três que lá se encontravam na ocasião e que aprenderam a amar aquele povo – o conselho provincial manteve a suas decisão e a comunidade foi fechada em janeiro de 1987.

## **15. PINDOBAÇU/FILADEFIA – Bahia (1979)**

**Opção** – Em 1974, Ir. Fernanda Pontini fez o Retiro Inaciano de 30 dias em Itaici juntamente com D. Jairo Matos da Silva que se preparava para assumir a Diocese de Senhor do Bonfim. Terminado o

retiro voltaram para os seus compromissos. D. Jairo sempre lhe escrevia, perguntando se a Congregação não gostaria de trabalhar na sua diocese. Esta correspondência foi mantida até o ano de 1977.

No final de 1977, momento de repressão no Brasil, trabalhando Ir. Fernanda no Rio houve a tentativa do seqüestro de uma Irmã da sua comunidade, mas cuja vítima deveria ser a Fernanda.

Tendo sido constatada a necessidade da Fernanda se ausentar do Rio, apareceu no seu leque de opções, a Diocese de Bonfim. D. Jairo a acolheu, sem nenhuma restrição, dando-lhe todo o apoio.

Ir. Fernanda, residindo no colégio das Irmãs Sacramentinas, ficou trabalhando sozinha na diocese, durante todo o ano de 1978. Neste período, o governo provincial foi amadurecendo a possibilidade de abrir uma comunidade nesta diocese. Esta proposta se concretizou em março de 1979, quando chegaram as duas primeiras Irmãs em Pindobaçu.

Vale a pena lembrar que a Província, antes de abrir oficialmente a comunidade, assumiu a realização de uma Missão de férias na qual participaram 22 missionárias, religiosas e leigas. Esta foi a sementinha lançada que pouco a pouco foi crescendo e virando uma forte e já frondosa árvore, que está dando bons frutos para o Reino de Deus.

**Realidade local** – As duas cidade Pindobaçu e Filadélfia ficam cerca de 380 km de Salvador, Bahia. Estão plantadas em pleno sertão baiano, no nordeste do Brasil, onde se convive com secas, que se prolongam por cinco anos consecutivos. A vegetação é caracterizada pelas caatingas. A água é escassa. Há somente um rio que resiste às prolongadas secas, chegando a subsistir com apenas um filete de água.

O povo tem suas formas de não sucumbir a esta realidade. A maioria da população é constituída de lavradores sem terra própria para trabalhar. Por isso o abismo entre os pobres e os ricos se torna cada vez mais profundo. A luta pela sobrevivência da grande maioria deixa no rosto marcas profundas. Aí se pode fazer a leitura da história escrita pelo suor daqueles que geram o pão de cada dia tendo pouca chance de tê-lo todos os dias sobre a mesa. Há uma legião de sertanejos que circulam por estas caatingas, vaquejando o gado dos fazendeiros, faiscando ouro nas serras, garimpando esmeraldas nas montanhas, plantando feijão, mandioca e mamona e depois de um ano de roça feita, devolver a terra ao patrão com o capim plantado. É assim que vive o heroico sertanejo que tem uma fé caracterizada

pela resistência, à semelhança do mandacaru, que não se quebra ainda que fiquem de pé somente as fibras.

Na economia da região sobressai a produção do feijão. Fidel-fia é o segundo produtor de feijão da região. Também a farinha e a mamona rendem divisas para a região. A pecuária tem seu lugar de destaque, mas não é o que mais rende para o povo uma vez que a terra está concentrada nas mãos de uns 5% da população que atinge cerca de 30 mil habitantes.

Também na região de Pindobaçu aparecem os garimpos que já produziram muita esmeralda e hoje, ainda oferecem uma alternativa de sobrevivência para muitos, principalmente nos períodos de secas prolongadas.

Politicamente ainda se vive às sombras dos coronéis.

A cultura é marcada pelos costumes africanos e indígenas, principalmente dos Pataxós.

A religião tem suas raízes impostas pelas tradições romanas, porém o povo soube fazer a mistura e hoje existe uma religião popular que muito caracteriza a fé deste povo.

A educação até agora instrumentalizada pela força ideológica do sistema vai sendo minada por idéias e ideais libertadores, através de uma alfabetização de adultos e jovens que parte da realidade e da vida destas pessoas, abrindo-lhes perspectivas e a consciência de que este modo de viver é contrário ao Projeto de Deus. É preciso sair da escuridão, usando a luz que recebem pela cultura já adquirida, e partir na busca de outros valores que lhes são ocultados pela ideologia do capitalismo selvagem.

A Igreja exercia seu ministério sacramental uma vez por ano ou mês nas cidades e roças e a sua presença era apenas sacramental. Em 1989, já existiam umas 30 Comunidades organizadas, com caminhada própria. Os ministérios não se concentram nas mãos dos Padres ou Irmãs. O povo é o agente de sua vida e fé. As Comunidades têm condições de realizar todos os serviços. A fé ligada à vida leva o povo ao desejo de celebrar suas vitórias e fracassos.

**Fundação – 1ª comunidade** – A fundação aconteceu no dia 11 de março de 1979. A cerimônia foi simples. Uma Missa concelebrada pelo Bispo D. Jairo e os dois padres que, na mesma data tomavam posse da Paróquia, criada no mesmo dia. Havia uma grande presença do povo que se acotovelava para conhecer mais de perto os chegantes. Participaram desta celebração de posse as Irmãs Maria

de Lurdes Brito e Fernanda Pontini. As Irmãs Maria José Severo e Diná Fontes que também comporiam a primeira comunidade chegaram uma semana depois.

Após a celebração foi inaugurada a casa das Irmãs, que a comunidade entregava quase toda mobiliada.

**Realização da Missão** – No dia seguinte à chegada, todas as pessoas que tinham responsabilidades na Igreja, vinham à casa das Irmãs para lhes entregar os seus cargos: a chave da igreja, cantos, radiola, livro de ata, toque do sino etc. É claro que as Irmãs não receberam e, logo em seguida, pediram uma reunião com todos os responsáveis por algum serviço ligado à Igreja.

Da parte das autoridades políticas locais tiveram também, na mesma semana uma visita na qual eles lhes ofereciam os melhores empregos: direção da escola, chefia do posto de saúde, assessoria do prefeito... Também não aceitaram e logo de saída deixaram claro que o seu compromisso era com os mais pobres. Estes empregos não lhes permitiriam um relacionamento fácil com os pobres, pois a leitura que fariam delas era a partir dos mais ricos da cidade. Pagaram e ainda estão pagando as conseqüências por este gesto que marcou definitivamente quem eram as Irmãs e a sua posição na sociedade e a sua opção como Igreja.

A fase de inculturação foi lenta porque queria ser profunda. Durante um ano ficaram vivendo sem ter nenhuma agenda. Foi o mais longo retiro espiritual encarnado na vida do povo. Foi duro! Mas valeu, pois essa aprendizagem com o povo ajudou o grupo a reformular uma série de conceitos e valores. Foi um tempo de purificação. Foram sentindo o quanto a formação que tiveram as havia distanciado de suas raízes e de sua classe social. Voltar às origens era o apelo mais forte. Foi neste ano de "deserto" que viram com mais clareza qual era o sentido e o objetivo de sua inserção.

A partir desta experiência "Abraâmica" e acompanhando a caminhada da diocese, que também ia definindo o que vinha a ser a "opção preferencial pelos pobres" foram, junto com o povo, buscando as prioridades para o seu trabalho pastoral.

Assim apareceram as maiores necessidades nestes 10 anos: formação das CEBs e da juventude, formação sindical e política, catequese, pastoral da terra e da saúde, alfabetização de adultos e trabalho com as mulheres.

**Desafios** – Como enfrentar os desafios de uma cultura índio-afro-brasileira? Como atingir o crescente analfabetismo? O Projeto

de Educação popular dentro dos princípios do método de Paulo Freire está lançando uma semente no coração e no espírito do povo que pouco acredita na sua força de mudança.

Um dos maiores desafios é o campo da política. E outro desafio é a falta de terra para o trabalho e a organização do camponês.

As Irmãs em 1989 completaram 10 anos de trabalho nesta realidade. Celebraram com entusiasmo esse "pedaço de história" feito com muita garra e esperança. Há em cada célula desta história um pouquinho de todos aqueles que comungaram, suaram, alegraram, sofreram, mudaram e morreram (Irmã Maria José Severo!) durante este tempo onde não só se contentaram em semear, mas queriam e querem ter o direito de zelar e ver a plantinha crescer e dar frutos.

## **16. BAYEUX – Paraíba (1979)**

Rio do Meio e Mutirão

**Opção** – Dentro da escolha pelos mais oprimidos, uma opção aparecia bem nítida: o Nordeste!

A iniciativa foi das Irmãs Alice Duarte e Marina Queiroz que haviam terminada em 1978 a missão assumida em Porto de Santana, Espírito Santo. No início de março de 1979, autorizadas pelo governo provincial, procuraram através da visita aos locais e de conversas com os bispos e agentes pastorais, a área mais necessitada. Entre Recife, João Pessoa e Fortaleza escolheram a que julgaram mais carente: João Pessoa.

D. José Maria Pires, Arcebispo, indicou o município prioritário: Bayeux. Em visita a várias áreas com a Irmã Blandine, uma holandesa que passou a morar com as Irmãs, escolheram o bairro do Rio do Meio, periferia de Bayeux, onde, segundo o povo de lá, a Igreja católica nunca havia anteriormente atuado.

**Realidade local** – Bayeux é um município bem grande, naquela época com 65 mil habitantes. Já tinha pertencido a João Pessoa, mas com o surgimento de várias fábricas de Sisal, interessou aos industriais separá-lo de João Pessoa, formando outro município. O objetivo era tornar possível o pagamento de salários mais baixos uma vez que os salários pagos na capital eram baseados no salário mínimo nacional. Havia muita miséria.

No Rio do Meio a situação era de um grande sentimento de inferioridade até mesmo perante a igreja mais próxima, também de Bayeux. Os jovens só se conheciam de vista, não conversavam, não formavam grupos e não conheciam a Bíblia.

**Fundação – 1ª comunidade** – As Irmãs começaram o trabalho no Rio do Meio em 06 de junho de 1979, primeiramente hospedadas na casa das Irmãs Franciscanas, enquanto a casa que alugaram passava por algumas reformas. Mudaram-se para lá no dia 14 de julho, sem cerimônia especial. Apenas chegaram com simplicidade. Eram as Irmãs Marina Queiroz e Alice Duarte.

**Realização da Missão** – No Rio do Meio tudo estava para ser feito. Era um povo que ainda não possuía sua própria caminhada, não tinha História.

As Irmãs apresentaram ao povo sua proposta de trabalho com eles: iam ser 5 anos de muito trabalho para todos! Eles aceitaram. Iniciaram então com muitas visitas, jogos criativos, passeios, leituras, cantos, desenhos e teatros, para que se conhecessem e se entrosassem bem.

Os grupos foram se formando e, numa 2ª etapa, eles foram se colocando de acordo com as prioridades apontadas pela Comunidade: criaram várias equipes com propostas de trabalho. Toda gente adquiriu a sua Bíblia, pagando o preço que lhe era possível. (A Província forneceu às Irmãs um bom número de Bíblias). Todos faziam comparações lindíssimas entre a vida deles e a Bíblia.

Aos poucos foram participando da Pastoral Operária, dos sindicatos e dos Encontros da Diocese. Os jovens se organizaram e cresceram em sua organização. Procuraram o prefeito de Bayeux e explicaram pessoalmente a ele a falta de recursos na área de saúde para o povo de Rio do Meio. Pleitearam então um Posto de Saúde. O prefeito concordou, mas arquivou o pedido. Com três anos de insistência, o prefeito acabou cedendo e mandou construir um moderno Posto de Saúde que hoje cobre em parte as necessidades da Comunidade.

Em 1982 houve uma invasão de terra numa grande área próxima do Rio do Meio. A atuação da Comunidade em apoio a todo aquele povo que invadia essa área foi o instrumento concreto que os fez crescer. Tratava-se de muita gente que precisava ser ajudada imediatamente. A CEB do Rio do Meio escreveu para D. José e para todas as Igrejas de João Pessoa, uma carta circular, narrando esta situação de sofrimento do povo e anunciando que o governo da Paraíba ia acabar cedendo à pressão e doando pequenos lotes com material de construção para que o povo fizesse suas casas. Que os pobres vissem!

Alguns moradores do Rio do Meio foram pelas ruas e praças de João Pessoa, debaixo dos viadutos e das pontes, explicando tudo is-

to para os mendigos. Resultado: chegaram muitos, muitíssimos pobres. Realmente paupérrimos.

Era o MUTIRÃO que se esboçava!

Em junho de 1984 completou-se o tempo das Irmãs no Rio do Meio e elas partiram para o MUTIRÃO.

**Opção** – A CEB do Mutirão surgiu de uma invasão numa área do governo situada em Bayeux. Os invasores organizaram-se com solidariedade: a área de cada lote foi traçada por eles mesmos de acordo com o número de pessoas de cada família. Mas a polícia chegou e com açoites expulsou-os várias vezes. Eles insistiram e venceram. Foram, no entanto, manipulados em sua organização e viram-se totalmente ameaçados de dominação por quem lhes doou o terreno e o material. Esta foi a necessidade premente que fez as Irmãs escolherem o Mutirão como área prioritária naquele momento.

**Realidade local** – O Conjunto Mutirão possui 82 hectares pertencentes ao governo estadual da Paraíba. Limita-se de um lado com o Rio do Meio e do outro com uma grande faixa de terra particular que rapidamente foi loteada e vendida.

Área quentíssima sob o ponto de vista político. População paupérrima. Muitos moravam anteriormente debaixo dos viadutos e pontes de João Pessoa. Alto grau de analfabetismo. Religião solta, sem esquemas. Muita fé em Deus, devido ao desamparo que já tinham experimentado em suas vidas.

Maior característica natural desta Comunidade: todos estavam começando tudo da estaca zero. Não havia as célebres famílias tradicionais do local, não havia gente que sabia tudo. Todos procuravam, enfim, começar uma vida digna, garantir seu futuro e ser respeitados por todos. Era grande a solidariedade.

**Início da comunidade** – A 29 de junho de 1984 simplesmente as Irmãs Marina Queiroz e Alice Duarte passaram do Rio do Meio para o Mutirão, num pequeno caminhão de frete. Todos já as conheciam porque estiveram lá desde o início do planejamento da invasão. Pouca gente morava lá quando elas mudaram e muitas quadras estavam sendo construídas. Não havia água nem luz e, por 3 anos, as Irmãs não gozaram destes serviços essenciais em sua casa.

**Realização da Missão** – Começaram logo a reunir um grupo de pessoas em baixo das árvores. Cada reunião era num ponto diferente. Era uma igreja em movimento. A grande peculiaridade do trabalho das Irmãs no Mutirão foi o dinamismo.

A politicagem fez com que muitos não aderissem e, por outro lado, obrigou muitos a uma opção consciente pela Comunidade. Foi ótima e surpreendente a reação do povo do Mutirão!

Os vários grupos e suas lideranças foram surgindo perto de suas próprias casas. As festas foram pontos altos no anúncio da Boa Nova: a Páscoa, por exemplo, com o romper do Aleluia às 4:00 h. da manhã. As pessoas que acordavam primeiro iam bater nas portas das casas dos outros dizendo: Cristo Ressuscitou! E a procissão passava, percorrendo o Mutirão todo, com foguetes, cantos e uma linda liturgia. A festa de São João, o Natal, os batizados, as Primeiras Comunhões, tudo ia servindo para que o povo se firmasse. A catequese era intensa. Junto com as catequistas bem novas havia também algumas senhoras casadas e mais maduras em idade.

Em pouco tempo um novo acontecimento foi fator de organização e desenvolvimento para eles: outra leva de povo invadiu a área do Mutirão e, num segundo momento ficou acampada dentro do galpão. Este fato fez com que uma nova etapa de construções fosse planejada – ao todo 4.600 casas.

A turma do galpão precisava de tudo. A CEB do Mutirão I estava constantemente com eles, animando-os a se organizarem em Comunidades. Havia celebrações no galpão, almoços paupérrimos servidos em pequenos tamboretas e com os convidados sentados no chão. Formaram todos então uma Comunidade só! A Bíblia nas mãos de todos, a Pastoral Operária, a tomada de posição inequívoca que a opressão política os obriga a ter, até agora são os principais fatores de sua organização e crescimento.

**Término da Missão** – As Irmãs deveriam deixar o Mutirão no final de junho de 1989, quando se completariam os 5 anos de seu projeto, porém circunstâncias independentes de sua vontade – nomeação da Ir. Marina Queiroz para conselheira provincial e problemas de saúde na família de Alice Duarte, exigindo sua presença – as obrigaram a deixar o Mutirão em outubro de 1987.

O povo continua sua caminhada ligado às outras CEBs de Bayeux e de João Pessoa. Deus está com ele!

## 17. CARAPINHA – SERRA – Espírito Santo (1980)

**Opção** – Em 1979 surge uma urgência: a Igreja de Vitória reafirmando seu compromisso com as CEBs quer intensificar seu trabalho com os grupos de servidores do Povo de Deus, para ajudá-lo com pedagogia libertadora a desenvolver sua consciência social, econômica e política. Assim fazendo, a Igreja de Vitória deseja contribuir na transformação da sociedade ao mesmo tempo que acredita poder dar unidade de objetivo ao seu trabalho pastoral.

1979 foi um ano difícil para o Estado e de muitos estudos na Igreja, dos quais participaram as Irmãs Justina Miranda e Rita Pessoa.

Num dos encontros com D. Luiz Fernandes e Padre Luciano em que se refletia sobre a realidade da região e as prioridades da Igreja, as Irmãs sentiram a necessidade de estar mais junto ao povo desta área.

Os eixos que orientavam a ação da Igreja eram: a opção pelo povo sofrido, a formação de pequenas comunidades, a prática de uma pastoral libertadora, uma Igreja não voltada para si mesma, mas que tem uma contribuição a dar para a transformação da sociedade.

A realidade da industrialização que estava vindo para o Estado, sobrecarregava o Município da Serra, que se tornava o polo industrial em cheque para o Brasil. Em Carapina, Serra, concentravam-se mais de 45 indústrias.

Daí a opção das Irmãs para um trabalho pastoral em Carapina.

**Realidade local** – No interior chega a notícia dos grandes projetos industriais como a CST (Companhia Siderúrgica Tubarão), a Ara-cruz Celulose, a Quimetal, a ampliação do Porto de Tubarão e outros. O povo deixa-se levar por tudo isto e abandona o campo.

Em Vitória se depara com a fome, o desemprego, a polícia. Vai então a família de lavradores para Carapina, município da Serra. A luta pela sobrevivência é grande. As condições de vida se deterioram. Surgem a prostituição, a marginalização, a violência, a falta de moradia etc. Daí a quantidade de invasões. Apesar de tantos conjuntos habitacionais – mais de 30 na Serra (1968/1984) – com mais de 47 mil casas, o povo não tem onde morar.

Carapina foi se tornando um grande pólo industrial. Para aí vão pessoas de todas as partes do Estado e de fora para trabalhar.

Diante do desenraizamento cultural e de toda a sorte de exploração a família rural descobre as CEBs e é acolhida por elas que a

ajudam na aculturação e a introduzem nesta Igreja com feição e opções próprias e que fez sua opção pastoral pelos pobres e marginalizados.

Aos poucos os "chegantes" entram nas equipes de serviços das CEBs, buscando respaldo à Fé e sua explicitação concreta, ligando sua vida à sua fé.

Paralelamente à Igreja católica, existem muitíssimas outras designações religiosas, sendo que a Igreja católica, brasileira chefia e manipula, através dos políticos, a administração da prefeitura da Serra.

Serra, de antepassado agrário, ainda tem resquícios de caciquismo feudal, com famílias de poderosos dominando tudo. Mas o povo serrano tem a sua fé centralizada no seu padroeiro S. Benedito. Esta devoção tem uma visão dialética de duas forças contrárias em jogo: Portugal X Indígenas e Africanos. É a resistência negra fazendo sua história, através do religioso.

Eram muitos os desafios da área em 1980: surgimento de novos partidos políticos, falta de organização popular e política, dependência do povo ao ex-prefeito da Serra, então candidato a deputado estadual, manipulação em todos os sentidos, movimento paternalista e assistencialista do governo, criando vários centros: Centro de animação de Carapina, Centro social urbano, Centros comunitários em vários bairros. Outros desafios: explosão demográfica, industrialização cada vez mais crescente, calamitosa carência de infraestrutura nos bairros, religiosidade popular patriarcal, separando fé e vida.

**Fundação – 1ª comunidade** – A abertura da comunidade de Carapina deu-se no dia 28 de janeiro de 1980, com as Irmãs Rita Pessoa, Justina Miranda e Ana Helena Andreão.

A chegada no bairro foi simples e celebrada no 1º domingo de fevereiro, num rancho sem paredes nem luz, onde se reunia a Comunidade que começava a brotar e hoje tem o nome de S. Pedro.

O Evangelho era o das Bodas de Caná. Uma dirigente apresentou as Irmãs como as "meninas" da pastoral, que chegavam e que deviam ser água que vem para transformar a Comunidade. Chegavam para a festa da família, chegavam para fazer a mudança da água em vinho.

Hoje, a comunidade já mudou de casa, mas continua na busca de mudar a água em vinho.

**Realização da Missão** – As grandes prioridades da Igreja, na área eram: firmar as CEBs e continuar o trabalho de conscientização sócio-econômico-política.

As Irmãs assumiram o trabalho, dando atenção especial ao conhecimento da realidade e dos problemas do povo, à pastoral de conjunto e às CEBs e pequenos grupos. Cada uma das Irmãs assumiu uma equipe da pastoral: catequese, jovens, batismo, liturgia. Procuraram participar da Associação de Moradores do bairro e do Grupo de mulheres. Participavam da reunião de oração e estudos dos padres e agentes aos sábados e mantinham ligação com o Secretariado pastoral da diocese.

As grandes motivações que alimentaram as Irmãs no dia a dia foram: o estudo e aprofundamento de Documentos da Igreja, sobretudo Medellín e Puebla, uma leitura mais crítica da Bíblia e a tentativa de uma oração e reflexão mais encarnada, o colocar-se com Cristo ao lado dos mais pobres, a volta ao carisma – “Estar no coração do mundo” – e constantes reuniões, encontros e estudos com leigos, padres e bispo.

Foram muitas as dificuldades encontradas no início: as origens, hábitos e costumes das Irmãs; a sua linguagem, cultura, não sendo e não se sentindo povo; a pouca paciência com a caminhada do povo, tentando apresentar soluções para os problemas e a tentação de fazer mais do que ser; o costume de ter “nossa casa” e não a casa de todos e a falta de saneamento básico no bairro. Ainda outras dificuldades foram os desencontros dos horários, as propostas de trabalho, Irmãs trabalhando no colégio da Congregação; as desconfianças do próprio povo: “Que casa é esta que só tem mulheres?” Sentiram ainda as Irmãs a solidão, a falta de apoio do conselho provincial e das outras Irmãs da Congregação e a dificuldade de manter ligação com a Congregação, sacrificando, muitas vezes, a missão.

Ultrapassando as dificuldades, enfrentando os desafios, a comunidade foi caminhando e crescendo na missão, comprometendo-se sempre mais com os mais pobres. Hoje, podem ser citadas algumas conseqüências da caminhada destes 10 anos: O “Novo” que as Irmãs descobriram e assumiram viver; a releitura bíblica a partir do chão do povo e o novo jeito de rezar a partir da missão da espiritualidade do Êxodo, onde nada está pronto; as CEBs se firmando e o povo se organizando e conquistando seus direitos; a construção do Reino a partir dos pequenos; a conscientização política crescendo; a vida fraterna mais simples, mais partilhada; trabalho profissional; o compromisso sempre maior das Irmãs com o mundo dos pobres, com o

mundo do trabalho e a defesa dos direitos humanos, numa descoberta da expressão nova de fidelidade ao carisma da Congregação.

**Futuro – Desafios** – O crescimento de Carapina – em 1990: 50 CEBs! – é o maior desafio.

Somos muito poucas Irmãs para muita coisa, por isso é urgente a formação de agentes de pastoral.

Outro desafio é o trabalho na formação de um povo migrante. Falta também uma espinha dorsal na coordenação dos trabalhos pastorais da área. E a distância entre as Comunidades e a sua diversidade tornam a comunicação e a articulação do trabalho pastoral muito difíceis.

Acreditando no POVO, acreditando na MISSÃO e confiantes na AÇÃO de DEUS, as RSCM vão prosseguindo, comprometidas com a construção do Reino em Carapina!

## **18. RIO DE JANEIRO – Braz de Pina, RJ (1980)**

**Opção** – A missão em Braz de Pina surgiu com apenas um elemento: Ir. Ana Luíza Macedo que, conhecendo a realidade da região, percebeu a necessidade da criação de uma Creche para atender às crianças da favela Mangueirinha e dos conjuntos da CEHAB, cujas mães precisavam trabalhar fora de suas casas. Entrando em contacto com o Pároco da Igreja de Santo Antônio do Quitungo, sugeriu-lhe ceder o local da antiga igreja para essa finalidade, uma vez que a área estava ociosa. O pároco aceitou a idéia, deixando entretanto claro que a Ir. Ana Luíza teria da parte da Igreja apenas o apoio moral, não podendo angariar fundos dentro da paróquia para a manutenção da creche.

Ir. Maria José Caldas, provincial, liberou a Ir. Ana Luíza para essa missão. Assim, ela lutou, sacrificou-se, sofreu e venceu, morando sozinha (na ocasião não havia religiosas disponíveis para a obra) na antiga casa dos padres, que lhe foi cedida juntamente com o galpão. As Irmãs Joana d'Arc Athayde e Maria Terezinha Benedicto ajudaram nos primeiros tempos na organização da Creche, ocupando-se respectivamente com a orientação pedagógica e religiosa das crianças, monitoras e funcionárias.

**Realidade local** – Braz de Pina é um dos subúrbios do Rio de Janeiro, na região da Leopoldina, zona periférica da cidade. Geografi-

camente, a Comunidade pertence à Paróquia de Santo Antônio do Quitungo a cuja Obra Social a Creche hoje está vinculada.

A clientela pertence à classe pobre (muitos são miseráveis) e à classe média baixa. Muitos barracos da Favela Mangueirinha, junto à Creche, não têm luz, água, esgoto, sem condições higiênicas. Os conjuntos da CEHAB, em frente à Creche são precários.

A região não gera renda própria. Há poucas casas de comércio e abundam as biroskas, onde é vendida muita cachaça. As pessoas trabalham em geral no comércio do centro da cidade e de outros bairros, como serventes de construção, como policiais, como domésticas na Zona Sul ou como operárias em três pequenas indústrias das proximidades. Em geral, são as mulheres que trabalham para sustentar a família, pois a quase totalidade é de mães solteiras ou os companheiros com quem vivem são desempregados e bêbados.

É muita a influência de políticos que durante as campanhas eleitorais prometem condições melhores de vida, mas não cumprem suas promessas. O povo é acomodado e não procura se organizar para reivindicar seus direitos.

Atualmente, nota-se alguma diferença: maior influência de partidos políticos e ideologia em promessas de melhoria de vida. O povo já começa a se organizar e sabe cobrar o que lhe foi prometido. Conhece as leis e seus direitos.

O nível de escolaridade é baixo, havendo muitos analfabetos, embora haja número suficiente de escolas para atender crianças e adolescentes, exceto para as classes preliminares e a 1ª série do 1º grau. Só existe a Creche para atender a favela e os conjuntos, onde é grande o número de crianças de 0 a 6 anos.

A religião católica ainda é mais professada. A influência protestante é relativamente pequena por causa de sua agressividade em relação às outras religiões e principalmente ao espiritismo. Na vida da quase totalidade das pessoas há grande influência do espiritismo.

Atualmente, as seitas e os grupos novos que vêm surgindo, com promessas de curas, salvação, bens materiais e espirituais, estão atraindo muitas pessoas para o seu culto. O espiritismo, a umbanda, o candomblé, os terreiros são freqüentados pela maioria das pessoas. Grande é a mistura de crenças e é freqüente acreditarem tanto no nosso Deus como nos espíritos encarnados.

Os princípios morais estão banidos da família, que hoje está esfacelada, num clima de desamor e desrespeito. Poucas são as famílias cujos pais estão casados no civil e no religioso.

**Fundação – 1ª comunidade** – 16 de outubro de 1980. A obra foi iniciada apenas com uma Irmã, a Ana Luíza Macedo, que permaneceu assim até 1984, embora algumas Irmãs tenham, no decorrer desses anos, feito experiência de formar comunidade com ela. Em 1985 as Irmãs Marina Vieira e Maria Cláudia foram designadas para Braz de Pina e, com Ana Luíza formaram a 1ª comunidade.

**Realização da Missão** – A missão das Irmãs é junto aos favelados de Mangueirinha e dos moradores dos conjuntos da CEHAB. A Creche iniciou-se tendo à frente a Ir. Ana Luíza, auxiliada por uma monitora, uma cozinheira e pessoas que voluntariamente ajudaram, quer no plano econômico, quer no desempenho de diversos trabalhos. Eram 15 crianças de 2 a 10 anos, permanecendo na Creche no período de 8:00 às 16:30 horas.

Muito contribuíram para a implantação da Creche, a Liga Feminina Israelita do Brasil, a nossa Província e vários benfeitores, como Meias Lupo S/A, Dulce Maria Abrantes e outros.

No ano da fundação, açougues, mercados e benfeitores contribuíram para a alimentação das crianças.

A partir de 1981 foram firmados convênios com a LBA – Legião Brasileira de Assistência e a Prefeitura do Rio de Janeiro. Cada ano esses convênios são renovados.

Atualmente a Creche tem 120 menores carentes, de 3 a 6 anos. Cinco Irmãs formam a comunidade e dão assistência à Creche, que tem monitoras, funcionárias, voluntárias, médico pediatra e dentista. O prédio foi reformado no correr dos anos e as instalações sofreram melhorias, dando boas condições para a educação das crianças.

O primeiro trabalho pastoral das Irmãs é a Pastoral do Menor, dedicando o seu tempo às crianças da Creche, supervisionando os setores pedagógico, social, administrativo, saúde e religioso. Além dessa missão, as Irmãs fazem parte das diversas pastorais da Paróquia: catequese, saúde, evangelização, liturgia, círculos bíblicos, conselho pastoral paroquial.

O contato com as mães das crianças é feito através de reuniões bimestrais e encontros e conversas informais. Só é concedida matrícula na Creche às crianças cujas mães trabalham fora de casa, mediante declaração dos chefes ou patrões.

**Futuro – Desafios** – As Irmãs sentem a necessidade de prolongar para além de 6 anos a permanência das crianças na Creche, para que possam continuar a receber a formação humano-cristã. Per-

cebem também que precisam atingir mais profundamente as famílias da paróquia-Comunidade, especialmente as das crianças da Creche para ajudá-las a viver mais cristãmente.

Através de círculos bíblicos, trabalhar na conscientização do povo sobre sua dignidade de filhos de Deus, tendo direito a uma vida mais humana, mais justa, mais fraterna.

## **19. UBA – Bairro Primavera – Minas Gerais (1980)**

**Opção** – A comunidade do Bairro Primavera surgiu para atender ao apelo experimentado por algumas Irmãs a viverem mais em contato com o povo e também para que fosse uma comunidade aberta à comunicação com jovens em geral e vocacionadas.

**Realidade local** – O Bairro Primavera está localizado na periferia de Ubá, na saída para a cidade de Visconde de Rio Branco. O bairro não possuía nenhuma infra-estrutura. A população era pequena, em geral, assalariados das fábricas de móveis. Outros viviam da agricultura nas roças da redondeza.

O povo estava sem nenhuma formação política e completamente abandonado pelos poderes públicos.

A formação religiosa era mínima. A religião se resumia em ir à Missa nas igrejas de S. Sebastião ou S. Januário, na cidade. Não havia nenhuma noção de formação de CEB.

**Fundação – 1ª comunidade** – No dia 02 de fevereiro de 1980 foi montada a casa com a ajuda dos vizinhos, que acolheram as Irmãs com muito carinho, colocando-se à disposição das Irmãs para o que precisassem.

Na semana seguinte, dia 09 de fevereiro de 1980, às 18:00 horas, foi oficializada a abertura da comunidade com a celebração da Eucaristia por D. Gerardo Reis, Bispo de Leopoldina e por Frei José, vigário da Paróquia de S. Januário. Estavam presentes as RSCM de Ubá, os vizinhos do bairro e pessoas amigas. Neste momento, Fr. José explicou para o povo a razão da presença das Irmãs no bairro: vieram aqui para se colocarem a serviço do povo.

A comunidade inaugurou então a sua capelinha, ficando o SS-mo. Sacramento na casa.

A comunidade foi formada pelas Irmãs: Maria do Carmo Carneiro, Angélica Diniz, Judith Caliman e Maria da Conceição Reis. A Ir.

Angélica deixou o grupo dois meses depois, por questões de saúde e entrou a Ir. Maria do Carmo Pereira. O grupo teve algumas estagiárias: Ir. Teresina Byrne (Província Anglo-Irlandesa) e Maria Cristina Caetano como postulante.

No final do 1º ano, Ir. Maria do Carmo Carneiro foi transferida e veio compor o grupo a Ir. Regina Maciel.

**Realização da Missão** – A comunidade iniciou os trabalhos entrando em contato direto com o povo através de visitas e participação na sua vida. Já nos primeiros dias formou-se um grupo de senhoras que tinha momentos de oração cada semana na capela da casa das Irmãs.

O primeiro trabalho mais estruturado foi a organização da Campanha da Fraternidade, buscando atingir as famílias em suas casas. Naquela ocasião, as Irmãs conseguiram contactar com todas as famílias do bairro.

Logo no início também começaram a preparação dos jovens para assumirem a catequese, que começou a funcionar no porão da casa das Irmãs. Iniciaram também os grupos de reflexão, o que ia fazendo a conscientização do povo em relação às necessidades básicas do bairro. Este carecia de luz, transporte, esgoto, água, escola e um local onde a Comunidade pudesse reunir-se para encontros, cursos etc.

As Irmãs preparavam cursinhos de Bíblia para o povo. Com a presença dinâmica das jovens, assumindo com as Irmãs o trabalho do bairro e, num contato constante jovens e Irmãs, nasceu o “grupo vocacional”.

**Término da Missão** – No final do 2º ano de presença no Bairro Primavera, algumas Irmãs tiveram que se retirar por motivo de saúde, outra foi convidada a fazer parte da comunidade da Casa de Formação. Não havendo outras Irmãs para vir completar a comunidade, ficou decidido, com pesar, o encerramento dos trabalhos da RSCM neste bairro.

Felizmente a Comunidade já contava com a formação de uma pequena equipe que assumiu a liderança dos grupos de reflexão, festas e também reivindicação dos direitos do povo do bairro junto aos órgãos públicos.

## 20. BARRO ALTO – Goiás (1981)

**Opção** – Barro Alto foi, por assim dizer, uma continuidade da Comunidade Peregrina de Ubá. Surgiu do desejo de uma inserção mais radical, por parte da Ir. Marília Bellini, em área carente de recursos humanos e materiais.

Depois de uma pesquisa em algumas Dioceses necessitadas de religiosas em Minas Gerais e Goiás, o Conselho Provincial escolheu Barro Alto, pela proximidade com Santa Terezinha de Goiás, fundada na Diocese de Uruaçu, o que propiciaria intercâmbio e ajuda mútua.

**Realidade local** – Barro Alto fica situada em Goiás a uns 187 km de Brasília e 230 km de Goiânia: atualmente ao norte de Goiás, após a criação do Estado de Tocantins.

É um pequeno município de 1.345 km<sup>2</sup> e uns 13 mil habitantes, dos quais 5 mil na sede e os demais na zona rural e povoados, em número de seis. É uma cidade nova, emancipada em 1958, que está em fase de organização.

A população é de baixa renda. Muitos passam fome ou se alimentam mal. A cidade não oferece empregos. O povo vive do comércio ou da lavoura: vaqueiros, diaristas, arrendatários, meeiros e, sobretudo, bóias-frias.

A economia do município se baseia na agricultura: arroz, milho, feijão; na pecuária: gado leiteiro e de corte. O sub-solo é rico em minérios, sobretudo o níquel, amianto e ouro, ainda inexplorados. Quando as Irmãs chegaram havia uma mina de exploração do amianto que logo foi desativada.

A cidade pouco desenvolvida, não tinha saneamento básico. O serviço de água encanada e tratada começou apenas em 1980. O serviço de iluminação era precário, mas em vista da instalação da mina de níquel, foi renovado. Não havia calçamento, nem praças, nem sequer meio fio nas ruas.

A igreja estava em construção, o hospital funcionava precariamente num prédio da prefeitura: o prédio do Fórum estava construído, mas ainda não fora instalada a Comarca. Havia apenas uma escola estadual na sede do município.

Chamava atenção a precariedade das moradias, a falta de higiene, a quantidade de bares, o uso excessivo de bebidas alcoólicas, o vício do jogo, da prostituição, a desorganização das famílias, o machismo, o índice de criminalidade, o analfabetismo. Na cidade, as

únicas pessoas com o estudo de terceiro grau eram os médicos e agora as Irmãs.

Em 1989 a cidade já está praticamente toda asfaltada, com três bonitas praças, a Comarca instalada, o que moralizou bastante a cidade, dois hospitais – um municipal, outro particular – muitas casas novas e muitos barracos substituídos por casas de alvenaria. Existe um abrigo de idosos, o salão paroquial, o sistema DDD de telefone, uma creche em construção e um estádio de futebol.

Em relação ao aspecto religioso a cidade sofreu grande influência protestante, existindo cinco igrejas de seitas diferentes na sede do município e nos povoados. O povo não tinha sido evangelizado e não tem uma tradição religiosa. O padre que atendeu a região por uns 30 a 40 anos o fez apenas no regime de “desobriga”.

**Fundação – 1ª comunidade** – A fundação se deu no dia 9 de março de 1981. As Irmãs chegaram à cidade às 15:00 horas: Marília Bellini, Amiris Vasques, jovem professora e Suzana Carvalho, candidata à vida religiosa. A abertura oficial foi mais tarde, com a presença da Ir. Maria José Caldas, provincial, da Ir. Lúcia Rezende, conselheira e das Irmãs de Santa Terezinha de Goiás. D. José Chaves celebrou a Missa.

**Realização da Missão** – No primeiro ano, a comunidade se dedicou totalmente às visitas para conhecimento da realidade e das pessoas. As Irmãs foram percebendo a desestruturação das famílias, a desconfiança generalizada, com mágoas e marcas do passado, o medo do compromisso, a falta de ideal dos jovens e a desvalorização das pessoas.

Os três membros da comunidade trabalhavam na Escola Estadual como professoras. No 2º semestre, foi realizado um curso de preparação de catequistas e a catequese começou no ano seguinte.

Como prioridade pastoral, as Irmãs assumiram a formação da CEB. Pouco a pouco foram se formando as equipes, os grupos de rua ou grupos de reflexão, onde se fazia a conscientização sobre a necessidade de uma mudança. A equipe de liturgia se encarregava do culto dominical, por rodizio. A cidade não tinha padre residente, sendo atendida por um sacerdote uma vez por mês.

Sentindo a grande carência na área da moradia, a comunidade religiosa pediu e recebeu uma ajuda da Província e destinou a quota do auxílio da sua receita para o “Projeto habitacional”, isto é a construção de casas populares para famílias que estavam em dificuldade.

Muitas reuniões foram feitas para levantamento e conscientização das famílias e uma equipe se formou para a implantação do projeto.

Desde o início realizaram cursos de Bíblia e de conscientização na linha da renovação da Igreja e CEBs.

Nos povoados o trabalho foi começado através de "Missões de férias", dois anos seguidos: 1983 e 1984.

Com uma pequena comissão da Igreja foi pensada e realizada a divisão da cidade em setores, para melhor funcionamento dos grupos. Foram sete os setores, que pouco a pouco foram se firmando. Os líderes se reuniam mensalmente para planejamento, avaliação, estudo da Cartilha a ser usada naquele mês. Atualmente eles assumem a preparação do Batismo, as celebrações da Semana Santa, festa do Padroeiro etc. Eles são o esqueleto e o sangue da Comunidade. Através dos setores foi implantado o dízimo na Comunidade.

Mais para o final de 1984 foi formado o Conselho Pastoral Paroquial com representantes de todas as equipes de serviço e líderes de setores. O CPP se reúne mensalmente.

No correr dos anos foram surgindo: a pastoral da juventude, a familiar, a vocacional e a de saúde. Houve tentativas de criação do sindicato dos trabalhadores rurais, de associação das lavadeiras, de organização dos "sem terra", que não foram avante. Atualmente já está formado o Sindicato e aconteceu o primeiro assentamento de terra, mas sem a participação direta da Igreja.

Em 1986/87 a Comunidade passou por um momento de crise. O Bispo visitou a comunidade para discernir com o povo e com as Irmãs se era o momento de retirada das Irmãs. Chegando à conclusão de que ainda não podiam deixar Barro Alto, as Irmãs puseram mão à obra, tentando revitalizar os setores. Era um ano político e o grupo se empenhou no trabalho de conscientização do povo. Houve debates políticos na Escola e na Comunidade. Percebeu-se um bom crescimento da consciência política.

A esta altura já era uma rotina a realização de Assembléias Paroquiais em preparação para a Assembléia Diocesana anual.

Tentou-se também, durante este tempo, colocar a Comunidade em contacto não só com a Diocese de Uruaçu, mas também com a Arquidiocese de Goiânia. Esta tem uma linha de trabalho mais libertadora e a Comunidade de Barro Alto participou em Romarias da Terra, assim como do VI e VII Encontros Intereclesiais de Comunidades de Base e do Curso de Verão (CESESP) em S. Paulo e Goiânia.

Nos povoados já existe uma pequena Comissão de Igreja, funciona a catequese, Cursos de Bíblia, cursos de medicina caseira ou

alternativa, encontros de casais e de jovens, equipes de liturgia para o culto dominical e a Semana Santa.

Em 1989 a preocupação foi levar o povo a participar no processo de elaboração da Constituição Municipal; fez-se também a conscientização política sobre a eleição presidencial. Foi intensificada a preparação da Comunidade para a retirada das Irmãs, possivelmente no final de 1990.

**Futuro – Desafios** – O maior desafio é a continuidade do crescimento da Comunidade sem a presença das Irmãs.

Outro desafio é como levar as pessoas ao comprometimento com a Comunidade, isto é, compromisso na linha da transformação da sociedade, quando tudo convida ao individualismo e a uma religião desencarnada.

## **21. INDEPENDÊNCIA** – Belo Horizonte – MG (1989)

**Opção** – No Capítulo Provincial 84/85 e no Conselho Provincial Ampliado que se seguiu (jan/85) foi refletida uma proposta da Comissão de Formação, de se formar uma comunidade que propiciasse uma experiência de vida comunitária e de pastoral para jovens em discernimento vocacional.

Iniciou-se logo esta experiência junto à Casa de Formação, Vale do Jatobá, com um grupo de 9 jovens e acompanhamento de perto da Ir. Conceição Reis.

Devido às instalações da casa que não favoreciam uma abertura para um maior contacto com o povo e para evitar interferências no e do Noviciado, viu-se depois dos primeiros meses, a necessidade da transferência da comunidade de jovens para outro local.

A opção recaiu no Bairro Independência, próximo ao Vale do Jatobá, que possibilitava uma inserção maior e a moradia numa casa mais simples e que estaria sob a responsabilidade das próprias jovens.

**Realidade local** – Independência é um bairro da periferia de Belo Horizonte, que divisa com o município de Ibituripe, no final da zona urbana. Seus moradores são operários de nível econômico baixo. O bairro tem algumas favelas, com muitos problemas na área da educação, saúde, transporte, comunicação e comércio. Politicamente é uma área manipulada por um partido e pela Associação de Morado-

res criada por este Partido. É uma área temida por ser esconderijo de criminosos ligados à droga.

Em relação ao aspecto religioso, uma infinidade de seitas espalharam-se pelo bairro. Uma "Missão de Férias" preparada pela comunidade de Formação e realizada no bairro, motivou o povo católico que começou a se organizar como CEB. Um grupinho de pessoas, assessoradas pelos Franciscanos estava dando continuidade no trabalho começado, mas uma liderança centralizadora criava dificuldades. Desejava-se muito a presença de Irmãs do bairro.

**Fundação – 1ª comunidade** – A mudança da "Comunidade das Jovens" do Vale do Jatobá para o Independência se deu em agosto de 1985. As pessoas do bairro ajudaram na preparação de tudo. A casa era simples, bem próxima do povo. O líder da Comunidade organizou uma celebração com a participação dos vizinhos.

A comunidade era constituída de 6 jovens com a Ir. Maria da Conceição Reis. As Irmãs Diná Fontes e Helena Pin foram fazer parte da comunidade em 1986.

**Realização da Missão** – O grupo procurou ser presença na vida da Comunidade, participando das celebrações, dos grupos de reflexão, das novenas e festas. As jovens foram se integrando aos poucos, assumindo aulas de catequese, preparação do crisma e acompanhamento dos grupos de jovens. As Irmãs promoveram pequenos cursos de Bíblia e foram tentando fortalecer a CEB. Organizaram um Clube de Mães e Jovens, que se reuniam para reflexão e trabalhos manuais.

O maior desafio da comunidade era o entrosamento comunitário, a conciliação entre o trabalho, os estudos e a presença na comunidade. O desafio externo era a descentralização da liderança.

Esta comunidade em 1989 não tinha nenhuma jovem candidata e ficou constituída pelas Irmãs Marina Queiroz, Maria de Lourdes Machado e Elizabeth Faustini. O trabalho pastoral continuava e a CEB se fortalecia, agora com a igreja de S. Francisco já constituída, favorecendo a realização das celebrações e reuniões.

No final de 1988 foi feita uma avaliação com o Conselho Provincial e, diante das sugestões das Irmãs da Província, ficou decidida a transferência da comunidade para outro bairro. Julgava-se mais positivo que a casa destinada a receber jovens vocacionados não se localizasse muito próxima à Casa de Formação, para evitar interferências e uma queima de etapas na formação.

Passou-se a procurar outras regiões necessitadas e, apesar da reação da Comunidade-povo, que via com muito pesar a saída das Irmãs, o grupo se transferiu para o Barreiro de Cima em março de 1989.

## 22. BARREIRO DE CIMA – Belo Horizonte – MG (1989)

**Opção** – Foi feita a escolha do Barreiro de Cima por estar dentro da Região N. Senhora Aparecida, uma Igreja local mais renovada e bem organizada, com uma linha definida quanto à Teologia da Libertação e sua missão no mundo, apoio à formação de CEBs e preparação de lideranças.

As Irmãs participaram da avaliação do ano de 88 na Paróquia Cristo Redentor do Barreiro de Cima e do planejamento para 1989. Os Padres Agostinianos que dirigem a Paróquia as acolheram com atenção e fraternidade.

**Realidade local** – O Barreiro de Cima, “quintal” do Barreiro de Baixo, está localizado na Região Industrial de Belo Horizonte, MG. É uma região de muitos operários da Mannesmann, da Belgo Mineira, Magnesita, Biscoitos Aimoré etc. É uma população de cerca de 50 mil habitantes.

Não há comércio, nem bancos. Existe uma escola de 2º grau e algumas de 1º grau, FEBEM (Federação do Bem Estar do Menor), Creche, trabalho com menores. Há alguns supermercados. Duas linhas de ônibus servem a população de maneira muito precária.

Politicamente, o Barreiro de Cima mudou totalmente de direção por um trabalho consciente da Igreja.

Alguns bairros têm casas muito boas e há outros com uma população bem pobre, como a Vila Cemig.

Existem nove CEBs na Paróquia. Algumas Comunidades ainda não construíram a sua Capela. As celebrações e encontros se realizam nas casas de família ou garagens. Há no bairro três outras Congregações Religiosas: os Padres Agostinianos com vários seminaristas, as Dominicanas, com o Juniorato e as Religiosas da Assunção com a Casa de Formação.

Existem várias Igrejas evangélicas no Barreiro de Cima.

A Paróquia Cristo Redentor está bem organizada com muitas pastorais em funcionamento.

**Fundação – 1ª comunidade** – A comunidade do Independência, na ocasião, composta de 6 membros: Marina Queiroz, Maria de Lourdes Machado, Maria de Jesus (religiosa portuguesa em experiência no Brasil), Elizabeth Faustini, Dalva Meireles, jovem professora e Dilza Freitas, jovem em discernimento vocacional, se transferiu do Independência para o Barreiro de Cima no dia 25 de março de 1989. Era o sábado da Aleluia. À noite, as Irmãs fizeram uma oração comunitária agradecendo ao Senhor a chegada a este bairro. No dia seguinte foi celebrada a presença das Irmãs no bairro com participação na Missa Campal da Páscoa na Paróquia Cristo Redentor.

A inauguração oficial da casa só se deu no dia 20 de agosto de 89, quando houve uma Missa na residência, celebrada pelo Pe. José Santo, pároco, com a presenças das RSCM de Belo Horizonte e pessoas do bairro Brasil Industrial.

**Realização da Missão** – Depois de um período de adaptação, conhecimento, participação na vida do bairro, as Irmãs foram entrando nas pastorais existentes: Grupo de jovens, pastoral de adolescentes, círculos bíblicos, cursos de Bíblia, pastoral de saúde, participação no Conselho Pastoral Paroquial e nos Conselhos do bairro Brasil Industrial. As Irmãs também estão participando dos movimentos populares como: Debates políticos do GEP (Grupo de Estudo Políticos) e luta pela reativação do Hospital JK.

**Futuro – Desafios** – Para o futuro vê-se a importância de um estudo mais aprofundado da realidade, em união com os Padres, seminaristas e outras Irmãs para que sejam detectadas as prioridades do bairro. Uma área desafiadora é a da Pastoral Operária (PO) que ainda não está atuando satisfatoriamente nesta região com tão alto índice de operários.

## **23. GOIÂNIA – Goiás (1987)**

**Opção** – Em 1986, o Conselho Provincial, apoiado pelo Conselho Provincial Ampliado sentiu a necessidade de abrir uma frente apostólica em região de futuro, mais no interior do país, onde a Igreja estivesse numa caminhada de abertura e renovação. Deveria ser num local que também facilitasse o estudo profissional e teológico das Irmãs e desse oportunidade de uma experiência de inserção para jovens religiosas e candidatas à vida religiosa.

Surgiu, então, a idéia de uma comunidade em Goiânia, onde a Igreja sob a coordenação de D. Fernando Gomes dos Santos estava organizada e assumia uma linha definida, dinâmica e mesmo arrojada.

As Irmãs Maria Angela Machado e Maria de Lourdes Arantes, respectivamente provincial e conselheira, estiveram em Goiânia nos meados do ano para uma primeira sondagem e conhecimento da realidade. D. Fernando acabava de falecer e a arquidiocese, que chorava a sua perda, estava sob a responsabilidade de um administrador apostólico.

O conhecimento da realidade, uma realidade muito carente, assim como os contactos que tiveram – participação na Assembléia Regional da CRB, entrevista com o Administrador Apostólico, visitas à Cúria, à Coordenação Arquidiocesana da Pastoral, ao Instituto Intercongregacional de Teologia, à Universidade Católica – animaram ainda mais a Coordenação Provincial em relação à abertura de uma comunidade em Goiânia.

O acolhimento do pessoal de Igreja foi muito fraterno, transmitindo entusiasmo e alegria diante da possibilidade de uma comunidade das RSCM na periferia daquela cidade.

**Realidade local** – Goiânia, capital do Estado de Goiás, é uma cidade em desenvolvimento, com perspectivas de ser, num futuro próximo, uma das metrópoles do Brasil.

A penetração do progresso no centro-oeste do país se deu a partir da fundação de Brasília (1960), com a transferência da Capital Federal do Rio de Janeiro para o planalto central.

Cidade, corredor de exportações de cereais e de tráfico de drogas, cidade de migração do país e de muitas ocupações. Situada numa região de conflitos de terra com grandes latifúndios, Goiânia é vítima de muita politicagem e peleguismo político, com fazendeiros ligados à UDR (União Democrática Ruralista) e ao capital internacional.

Quanto à Igreja, D. Antônio Ribeiro de Oliveira, ao assumir a Arquidiocese de Goiânia, ainda em 1986, substituindo D. Fernando soube dar continuidade ao grande trabalho de seu antecessor. Abraçou a linha pastoral dentro da Teologia da Libertação e manteve a organização da Arquidiocese com uma coordenação ampliada, constituída pela Comissão Executiva, pela Coordenação das Comissões Arquidiocesanas de Pastoral e pela Coordenação das Regiões Pastorais. Em relação aos agentes de pastoral, 60% são estrangeiros.

Goiá, um dos locais indicados pela Igreja para a instalação das Irmãs, é um bairro de periferia, com todos os problemas inerentes à situação das periferias nas cidades grandes: pobreza, desemprego ou sub-emprego, nível cultural baixo, analfabetismo, drogas, politicagem, falta de infra-estrutura como: escolas, posto de saúde, transporte, área de lazer etc. Existem pessoas de classe média com um salário razoável, mas a maioria é mesmo um povão lascado.

As Irmãs encontraram no bairro uma Associação de Moradores e associações femininas, muitas igrejas evangélicas em atividades e a Igreja católica bastante tradicional, com movimentos como: Vicentinos, Apostolado da oração, grupo de novena N. Senhora do Perpétuo Socorro – devoção implantada pelos Redentoristas – Renovação carismática.

**Fundação – 1ª comunidade** – Após a nomeação do novo arcebispo ficou decidida a abertura da comunidade. Ir. Maria de Lourdes Arantes voltou a Goiânia com a Ir. Marília Bellini, membro do conselho ampliado, para uma visita a D. Antônio Ribeiro de Oliveira e os últimos acertos para a fundação.

Depois de diálogo e discernimento, receberam o envio para fazerem parte do 1º grupo, as Irmãs: Antonieta Abreu, Maria Fernandes e as junioristas Maria Lúcia Araújo da Silva e Rosângela da Silva.

Chegaram a Goiânia no dia 13 de janeiro de 1987 onde, durante quase um mês procuraram conhecer a região indicada pelo Arcebispo, entrando em contacto com várias comunidades e com suas lideranças, vivenciando um processo de discernimento na oração.

Optaram por Goiá e, no dia 7 de fevereiro já se instalaram na casa cedida pela Comunidade, junto à sua igreja.

No domiño seguinte, na Celebração Eucarística, as Irmãs eram apresentadas ao povo, que as acolheu com alegria e esperança.

**Realização da Missão** – Após um primeiro tempo de conhecimento da realidade e convivência com o povo, tentando fazer o levantamento das suas necessidades, as Irmãs começaram a organizar o trabalho pastoral. Programaram cursos de: catequese renovada para as catequistas, Liturgia, Batismo, preparando lideranças leigas. Organizaram a Comunidade, dividindo-a em cinco setores e formando o Conselho da Comunidade.

Começaram a dar acompanhamento às famílias, aos doentes do bairro e aos jovens drogados. Procuraram estar presentes na oração e nas atividades programadas pelos grupos tradicionais existentes.

Organizaram a equipe de liturgia, a catequese do crisma, feita de jovens para os jovens, a catequese de adultos, assim como o Movimento das lavadeiras e passadeiras.

Com a ajuda da Província e o esforço da Comunidade foi feita a ampliação da igreja, desejada há muito tempo pelo povo.

Os trabalhos foram evoluindo, sempre em vista da formação do povo, na linha bíblica e catequética, assim como na educação política e na educação de base, com os Círculos de alfabetização de Paulo Freire.

Foi constituída uma equipe de saúde, que se dedica à confecção de remédios caseiros. Existe uma Farmácia comunitária com uma equipe de plantão. Está hoje organizada a Pastoral da Juventude e a Pastoral Vocacional.

A catequese de adultos vai crescendo, enquanto a das crianças em 1989 enfraqueceu um pouco, por falta de acompanhamento das Irmãs, sobrecarregadas com outros trabalhos.

Ampliou-se a equipe de dízimo, assim como a de liturgia.

Sente-se da parte das lideranças leigas agora, uma maior segurança e firmeza, assim como mais iniciativas, resolvendo suas dificuldades e enfrentando seus problemas, apesar de ainda necessitarem da ajuda das Irmãs na reflexão e de seu apoio e acompanhamento.

As Irmãs, bem entrosadas na Arquidiocese, vão assim assumindo suas prioridades pastorais:

- Motivação, formação e reforço das Comunidades, especialmente das CEBs.
- Formação permanente de agentes e animadores da pastoral
- Compromisso com o mundo do trabalho, reforçando a P.O. e a P.T., com destaque na Formação política permanente.

As Irmãs participam das Comissões Pastorais: Evangelização e Catequese, Juventude e Vocacional, Comissão ampliada da Arquidiocese. São agentes de pastoral a nível de bairro, região e paróquia e ainda participam do Movimento das Lavadeiras, assim como da Equipe de Saúde.

No seu trabalho as Irmãs vão enfrentando muitas dificuldades como: a falta de compromisso e de formação das catequistas, a falta de compromisso da juventude, a falta de consciência de classe das lavadeiras, a falta de uma metodologia mais libertadora e crítica, a pouca formação dos agentes leigos ou a multiplicidade de engaja-

mentos que assumem, impedindo um trabalho mais profundo, a penetração dos movimentos carismáticos e a força dos grupos mais tradicionais.

**Futuro – Desafios** – Considerando a caminhada da comunidade nestes três anos e percebendo a necessidade gritante de outra Comunidade-povo dentro da paróquia, a perspectiva para o futuro é de atender às duas realidades, de continuar a firmar as lideranças e CEBs do bairro e de estender sua ação à comunidade do Rio Branco, com a colaboração dos leigos mais conscientizados.

Outros desafios para o futuro: A FORMAÇÃO cada vez mais na inserção e a opção para estar em áreas de deserto e de risco, atingindo os mais necessitados, mesmo em Goiânia, Goiás ou Tocantins.

## **24. ESTUDO / PESQUISA** – em vista da fundação de novas comunidades

A Declaração da Missão vem confirmar o grande apelo das nossas Constituições: “PARA QUE TENHAM VIDA”.

O Capítulo Provincial (1989) elege as linhas de ação, que nos motivam no campo da inserção, tais como:

1. Assumir os princípios que nos são comuns:
  - a) viver a opção preferencial de Jesus Cristo pelos empobrecidos na diversidade dos nossos ministérios
  - b) colaborar para a transformação do mundo na defesa da vida ameaçada e na luta pela Justiça Evangélica.
2. Prosségir no processo de Inserção.

Tendo estas convicções claras na nossa vida e missão, levando em conta o apelo de Irmãs, assim como o fechamento da comunidade em Santa Terezinha de Goiás, vimos e sentimos a necessidade de marcar a nossa presença em outros locais.

O Conselho Provincial convocou uma reunião no dia 12 de janeiro de 1990 com a Comissão de Animação Pastoral e convidou para participarem dela as Irmãs Fernanda Pontini, Maria Ângela Machado, Ir. Maria de Lisieux Silva e Suzana Carvalho. O objetivo foi analisar os pedidos e os relatórios enviados pelos Bispos das Dioceses de Juiz de Fora, Goiás Velho, Porto Nacional e Cristalândia.

Confrontando os nossos Critérios para os Ministérios, os Critérios para a inserção, o Documento do Capítulo Provincial e a Decla-

ração da Missão foi visto a necessidade de se usar um novo processo para a escolha de locais onde se instalar uma comunidade.

Foram constituídas, então, duas comissões: uma formada pela Ir. Rosa de Lima, provincial, Amiris Vasques da Comissão de Animação Pastoral e Ir. Maria de Lisieux desejosa de fazer parte da fundação, para visita à Diocese de Juiz de Fora e outra comissão formada por um membro do Conselho Provincial, Marina Queiroz, uma Irmã com experiência de inserção, Fernanda Pontini e as Irmãs Suzana Carvalho e Maria Cristina Caetano, interessadas na fundação, para fazer visitas às três Dioceses de Goiás e Tocantins.

Estas visitas, com objetivo de conhecer a realidade, contactar pessoalmente com os respectivos Bispos, verificar as necessidades e conhecer os planos pastorais das dioceses, selecionariam os locais para um posterior estágio das Irmãs.

Após as visitas, que se deram em fevereiro, nos primeiros dias de março, as duas comissões voltaram a se encontrar com o Conselho Provincial e a Comissão de Animação Pastoral para partilhar o que viram e sentiram durante as visitas. Fernanda Pontini, impossibilitada de sair de Pindobaçu foi substituída pela Marília Bellini.

Na Diocese de Goiás Velho, a primeira a ser visitada, o Bispo D. Tomás Balduino indicou as cidades de Itapuranga, Diolândia, Carmo do Rio Verde e Ceres. Na Prelazia de Cristalândia, na ocasião sem Bispo e administrada pelo Pe. Eduardo Alencar Lustosa, as visitas se estenderam a Pium, Rosalândia, Caseara, Sandolândia, Dois Irmãos e Novo Planalto e na Diocese de Porto Nacional foram visitadas as cidades de Santa Rosa e Natividade, por indicação do Bispo D. Celso Pereira.

Na Diocese de Juiz de Fora, em conversa com D. Eurico dos Santos Veloso, o grupo teve conhecimento das necessidades da periferia de Juiz de Fora, apenas com algum acompanhamento de seminaristas e de outras cidades da Diocese. Por sua indicação, a comissão visitou a cidade de Lima Duarte. Conheceram a realidade local carente, necessitada de assistência religiosa e perceberam a abertura do pároco para um trabalho com as religiosas.

O Conselho Provincial e a Comissão de Animação Pastoral julgaram válida uma experiência naquela localidade e ficou combinado que as Irmãs Maria de Lisieux e Aurea Dias passariam lá três meses em estágio.

Após a exposição sobre as visitas feitas às três dioceses de Goiás e Tocantins, a opinião do grupo foi favorável à Prelazia de Cristalândia.

Goiás Velho já tem uma boa assistência de religiosos e a Porto Nacional falta, neste momento, uma certa organização que oriente e dê segurança ao trabalho das Irmãs.

Decidiu-se por um estágio das Irmãs Suzana Carvalho e Maria Cristina Caetano em Pium, Dois Irmãos e Novo Planalto, no período também de três meses.

Estes estágios têm como objetivo um melhor conhecimento da área, para um discernimento mais claro sobre as localidades nas quais estabeleceremos mais duas comunidades de Irmãs inseridas.

No Encontro das Irmãs Inseridas no Meio Popular realizado nos dias 29 e 30/06 e 01/07 as Irmãs partilham a sua experiência e todo o grupo ajuda o Conselho Provincial na decisão sobre as novas comunidades.



## SEM CONCLUSÃO...

1962 – 1990! O Papa João XXIII firmou o seu testamento e partiu.

No meio do povo, muitos e muitos se levantaram e testemunharam a possibilidade efetiva da fraternidade.

O elemento impulsionador de Deus perpassa entre nós, O sopro recriador de Javé forma mulheres e homens novos.

Um processo que começou com a abertura de janelas, deixando entrar luz e ar, sacudindo poeiras e estruturas, fazendo circular sangue novo, não pode ter uma CONCLUSÃO...

É processo dinâmico. É vida. É caminhada.

É comprometimento com o Projeto transformador de Jesus Cristo – Palavra Viva, Princípio, Centro e Fim da História.

Trabalhadas pelo Espírito, seremos transformadas em Comunidades proféticas no meio do povo – ensaio do Reino – no “CORAÇÃO DO MUNDO”.

Na caminhada vamos experimentar sentimentos diversos: dor e alegria, insegurança e coragem, angústia e esperança.

Mas, prosseguiremos. Como afirma o nosso Fundador “o zelo que vem de Deus é constante, sempre o mesmo, nada pode desalentá-lo. Ele possui uma bondade que atrai e uma força que tudo suporta; ele prossegue seu caminho até atingir a meta, a meta feliz”. (Cf. Carta GS<sup>15</sup>/VIII/78)

Assim, prosseguiremos “firmes e corajosas” – como Josué – rumo a um futuro mais luminoso, proclamando com Maria que a fidelidade do Deus da Vida se estende de geração em geração.

Na certeza profunda de que “Trabalhar pela Justiça já não é uma opção” (Cap. 1975), somos estimuladas na nossa caminhada e animadas na esperança desta luta pelas palavras do Profeta Daniel:

“Os que ensinarem a muitos o caminho da justiça brilharão, como estrelas, pelas eternidades sem fim.” (Dn. 12,3)

Janelas e portas abertas...

Corações à escuta...

Caminhos a percorrer...

Passos para a frente...

"Não, não pares,  
 É graça divina começar bem,  
 Graça maior,  
 persistir na caminhada certa  
 manter o ritmo...  
 Mas a graça das graças  
 é não desistir.  
 Podendo ou não podendo,  
 caindo, embora, aos pedaços,  
 chegar até o fim"

(D. Helder Câmara)

## LEVANTAMENTO DAS COMUNIDADES INSERIDAS QUE RESPONDERAM À PESQUISA *Anexo 1*

ESTADO	LOCALIDADE	NÚMERO DE IRMÃS	ANO DE FUNDAÇÃO	Nº DE GRUPOS QUE RESP.	TOTAL DE PESSOAS	TIPO DE INSERÇÃO	DIOCESE
Minas Gerais	Independência Vale do Jatobá	3 3	1986 1969	14 02	112	Periferia	Belo Horizonte
Esp. Santo	Carapina	4	1980	12	96	Periferia	Vitória
Goiás	Barro Alto	4	1981	07	63	Rural	Uruaçu
Goiás	S. Terezinha	6	1978	08	100	Rural	Uruaçu
Goiás	Goiânia	4	1987	09	88	Periferia	Goiânia
Rio de Janeiro	Barra do Piraf	4	1968	05	44	Periferia	Volta Redonda
Rio de Janeiro	Braz de Pina	4	1980	05	15	Periferia	Rio de Janeiro
Bahia	Pindobaçu	4	1979	11	210	Rural	Senhor do Bonfim
TOTAL	08	36	-	73	728	5 Periferias 3 Rurais	08

Anexo – 2

Grupo

Nº de pessoas

Data

As Religiosas do Sagrado Coração de Maria, morando nesta área, desejosas de avaliar e planejar a sua atuação junto do povo, contam com a sua colaboração, respondendo a estas perguntas:

Folha 1

### A – FORMAÇÃO

1. Que ajuda estas Irmãs têm dado na nova caminhada da Igreja e nas Organizações populares?
2. Em que momentos atrapalham?
3. Como poderiam ajudar melhor?

Folha 2

### B – OPÇÃO PELOS POBRES

1. É importante estas Irmãs morarem no meio do povo e se sustentarem com o seu próprio trabalho? Por que?
2. Estas Irmãs estão vivendo de acordo com a opção que a Igreja fez pelos pobres? Como?
3. Como estas Irmãs poderiam participar melhor das lutas do povo?

### C – RELACIONAMENTO

1. Para o povo, o que representa esta comunidade de Irmãs?
2. As Irmãs escolheram viver em comunidade. Para esta realidade, que importância tem esse jeito de viver?
3. Como as Irmãs desta comunidade se relacionam com o povo?
4. O que distingue a mulher freira das outras mulheres?

### D – ESPIRITUALIDADE

1. O jeito das Irmãs conviverem com o povo ajuda a ligar Fé e Vida?
2. Que valores evangélicos as Irmãs ajudam o povo a descobrir em suas lutas?
3. As festas religiosas, as devoções, as rezas são respeitadas e valorizadas pelas Irmãs? Como?

**QUESTIONAMENTOS**

1. *Como manter um sadio equilíbrio pessoal diante das inúmeras solicitações e conflitos com os quais nos defrontamos?*
2. *Que influência tem a nossa vida para a transformação da sociedade?*
3. *Como poderia ser a formação na e para a inserção?*
4. *A nossa atuação pastoral está a serviço da transformação? Quais os sinais disto?*
5. *Até que ponto o povo com o qual trabalhamos está sendo sujeito da sua própria caminhada?*
6. *Que tipo de formação exige de nós o momento histórico em que vivemos? (pessoas – sociedade – Igreja – congregação)*
7. *O que aconteceria na comunidade se as Irmãs se retirassem?*
8. *O povo participa porque as atividades são interessantes ou porque têm consciência do projeto em construção?*
9. *Em que medida a nossa opção pelos pobres é força revolucionária transformadora?*
10. *O profeta não se limita ao contexto da Igreja. Não ignora o que acontece na sociedade. Ele critica a estrutura do tempo. O tipo da nossa inserção na Igreja está limitando ou favorecendo a nossa missão profética? Como?*
11. *Qual é a qualidade de nossa presença junto ao povo?*

12. *O relatório mostrou que a cotação das Irmãs é altíssima. Que significa isto?*
13. *Será que não transferimos o mundo religioso do convento para a inserção?*
14. *Rezamos o quê?*
15. *O povo reconhece a importância de as Irmãs se sustentarem com o seu próprio trabalho, participando na vida sofrida do povo. Como vêem esta afirmação?*
16. *Como conciliar o trabalho profissional e a disponibilidade das Irmãs para o povo?*
17. *Quais são os desafios existentes numa área acomodada e numa área de conflito? Com que tipo de desafio nós nos identificamos mais? Por quê?*
18. *O povo nos vê como um sinal de alegria. Esta alegria que inspiramos é sinal de esperança frente aos sofrimentos do povo ou sinal de alienação?*
19. *Qual o papel da religiosa inserida frente aos partidos políticos, sindicatos, movimentos populares, associações?*

Anexo 4

## TAREFAS

1. *Confrontar sua experiência de inserção com as experiências das outras localidades da Província: ver as semelhanças e diferenças. Verificar seu significado.*
2. *Refletir sobre os questionamentos.*
3. *Confrontar com a Bíblia.*
4. *Confrontar com os atuais Documentos da Igreja: Puebla, "Evangelii Nuntiandi", CNBB n° 38 e n° 40*

5. *Confrontar com as Constituições e a Declaração da Missão.*

A – *O QUE DEVOLVER À COMISSÃO DE ANIMAÇÃO PASTORAL – até o dia 20 de abril de 1989?*

*Depois da reflexão sobre os questionamentos e confrontos, gostaríamos de ouvir a sua palavra:*

- a) *Que características nossas de RSCM você percebe no todo dos relatórios?*

*Procure dar respostas atendendo aos 4 aspectos do questionário: Formação, Opção pelos Pobres, Relacionamento, Espiritualidade.*

- b) *Neste confronto, verificar quais os pontos mais fortes que você descobre em sua comunidade.*

- c) *Nos questionamentos, ver quais deles devem ser respondidos e enviados como subsídios para a Província.*

*Quanto maior for a sua colaboração, maior serviço prestará à Igreja, à Vida Religiosa inserida e o documento final resultará do nosso trabalho de caracterização da RSCM inserida.*

*Por favor, ao enviar a sua resposta procure colocar o número do questionamento correspondente.*

B – *O QUE DEVOLVER AO POVO?*

*A critério de cada comunidade, partilhar com o povo este material para que o povo também se sinta co-participante neste processo.*

COMUNIDADES — 1990 —		Barreiro MG	Barro Alto GO	Braz de Pina RJ	Carapina ES	Golânia GO	Lima Duarte MG	Novo Planalto GO	Piñco- baçu BA	Volta Redonda RJ	João Pessoa* PB	TOTAL
Números de Irmãs												
<b>PASTORAIS E MOVIMENTOS</b>												
1. CEBs . . . . .	4	3	—	5	5	2	—	2	5	4	6	42
2. Catequese . . . . .	4	3	—	5	5	—	—	2	5	4	6	34
3. Liturgia . . . . .	1	1	4	—	—	1	1	1	1	1	—	11
4. Pastoral dos Sacramentos . . . . .	2	1	2	1	—	1	—	1	3	2	—	13
5. Pastoral da Juventude . . . . .	—	—	3	—	—	1	—	—	3	—	—	07
6. Formação de Lideranças . . . . .	4	1	—	2	2	2	—	2	3	4	2	04
7. Pastoral da Saúde . . . . .	1	1	2	1	1	1	—	—	1	—	—	07
8. Formação Bíblica . . . . .	2	1	5	2	2	5	—	1	2	1	1	20
9. Pastoral Operária . . . . .	—	—	—	—	—	—	—	—	—	2	—	02
10. Pastoral da Terra . . . . .	—	—	—	—	—	—	—	—	1	—	—	01
11. Pastoral do Menor (creche) . . . . .	—	—	5	—	—	—	—	—	—	—	—	05
12. Pastoral da Criança . . . . .	—	—	—	1	—	—	—	—	1	—	1	03
13. Pastoral Vocacional . . . . .	1	1	1	1	1	1	1	1	1	—	—	08
14. Grupo de Base . . . . .	2	2	2	—	5	5	—	2	—	4	1	18
15. Coordenação Dioc. Pastoral . . . . .	—	—	—	—	1	1	—	—	1	1	1	04
16. Conselho de Paróquia . . . . .	3	3	1	1	1	5	—	—	5	—	—	18
17. Visitas . . . . .	1	2	5	—	—	1	—	—	—	—	—	09
18. Moradia (cortiço, posseiro, ocupação) . . . . .	—	—	—	—	—	—	—	—	—	4	2	06
19. Associação de Moradores . . . . .	—	—	—	—	—	—	—	—	—	2	—	02
20. Movimento de Mulheres . . . . .	—	—	—	—	1	4	—	—	2	2	—	10
21. Direitos Humanos . . . . .	—	—	—	—	2	—	—	—	1	—	1	03
22. Movimento dos "sem-terra" . . . . .	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	01
23. Sindicatos . . . . .	—	—	—	—	—	—	—	—	1	—	—	01
24. Partidos . . . . .	—	—	—	—	1	—	—	—	3	—	—	04
25. Alanon . . . . .	—	—	—	—	—	—	1	—	—	—	—	01
26. Educação Popular . . . . .	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	04
27. Educação Sistemática . . . . .	—	2	—	—	1	1	—	—	1	—	—	03

Anexo 6

